

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA**  
**JAPONESA**

LARISSA SONODA DANTAS

*Ambiências culturalmente sensíveis: a relação de elementos étnicos com o bem-estar dos residentes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) da comunidade japonesa de São Paulo*

Versão Original

São Paulo

2023

LARISSA SONODA DANTAS

Ambiências culturalmente sensíveis: a relação de elementos étnicos com o bem-estar dos residentes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) da comunidade japonesa de São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Wataru Kikuchi

Versão Original

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D192a Dantas, Larissa Sonoda  
Ambiências culturalmente sensíveis: a relação de elementos étnicos com o bem-estar dos residentes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) da comunidade japonesa de São Paulo / Larissa Sonoda Dantas; orientador Wataru Kikuchi - São Paulo, 2023.  
138 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Língua, Literatura e Cultura Japonesa.

1. Etnicidade. 2. Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) . 3. Ambiência. 4. Idoso. 5. nikkei, nipo-brasileiro. I. Kikuchi , Wataru, orient. II. Título.

DANTAS, Larissa Sonoda. **Ambiências culturalmente sensíveis: a relação de elementos étnicos com o bem-estar dos residentes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) da comunidade japonesa de São Paulo.** Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

DEDICATÓRIA]  
[Elemento opcional]

A ser preenchido

## AGRADECIMENTOS

[a ser preenchido]

## RESUMO

DANTAS, Larissa S. **Ambiências culturalmente sensíveis:** a relação de elementos étnicos com o bem-estar dos residentes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) da comunidade japonesa de São Paulo. 2023. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a influência dos elementos étnicos na ambiência de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) da comunidade nipo-brasileira em São Paulo, e como esses elementos se relacionam com o bem-estar dos idosos residentes na perspectiva dos colaboradores. O estudo baseia-se na compreensão de que os lugares vão além do seu ambiente físico, incorporando também as histórias, relações sociais, organizacionais e culturais daqueles que os frequentam e habitam. Considerando que o envelhecimento é um processo diverso, a etnicidade tem sido reconhecida como uma variável que influencia a percepção e os parâmetros de bem-estar, saúde e qualidade de vida durante a velhice. Foram utilizados métodos múltiplos para a obtenção e análise de dados como análise documental, entrevistas semiestruturadas e observação simples e participante. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Resultados: Através do mapeamento da composição ambiental da instituição Ikoï-no-Sono, constatou-se que os elementos étnicos nipo-brasileiros presentes na ambiência exercem uma influência positiva no conforto dos idosos residentes de diversas maneiras. Destacam-se a presença de alimentação com elementos japoneses, a existência de funcionários que falam japonês e o treinamento dos colaboradores, que possibilita o respeito aos costumes e normas sociais importantes para os idosos.

Embora não sejam os únicos determinantes do bem-estar dos idosos, a presença desses elementos étnicos na ambiência institucional contribui para criar um senso de pertencimento e segurança entre os residentes. Essa constatação sugere que ambientes culturalmente sensíveis podem aumentar o bem-estar de idosos pertencentes a minorias étnicas residentes em ILPIs, ressaltando a importância de considerar a diversidade étnica na concepção e gestão dessas instituições. Essa pesquisa contribui para a compreensão da relação entre pessoas idosas e seu entorno socioespacial.

Palavras-chave: Instituições de Longa Permanência para Idosos. Ambiente. Etnicidade. Nipo-brasileiro. Nikkei.

## **ABSTRACT**

DANTAS, Larissa S. Culturally Sensitive Environments: The Relationship between Ethnic Elements and the Well-being of Residents in a Long-Term Care Facility for the Elderly (LTCF) 2023. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This research aims to investigate the influence of ethnic elements in the environment of a Long-Term Care Facility for the Elderly (ILPI) in the Nipo-Brazilian community in São Paulo, and how these elements relate to the well-being of elderly residents from the perspective of the staff. The study is based on the understanding that places go beyond their physical environment, also incorporating the stories, social, organizational, and cultural relationships of those who frequent and inhabit them. Considering that aging is a diverse process, ethnicity has been recognized as a variable that influences the perception and parameters of well-being, health, and quality of life in old age. Multiple methods were used to obtain and analyze data, such as document analysis, semi-structured interviews, and simple and participant observation. The research adopted a qualitative, exploratory, and descriptive approach. Results: Through the mapping of the environmental composition of the Ikoi-no-Sono institution, it was found that the Nipo-Brazilian ethnic elements present in the environment positively influence the comfort of elderly residents in various ways. Highlights include the presence of Japanese elements in the food, the existence of staff members who speak Japanese, and staff training that enables respect for important customs and social norms for the elderly. Although not the sole determinants of the well-being of the elderly, the presence of these ethnic elements in the institutional environment contributes to creating a sense of belonging and security among the residents. This finding suggests that culturally sensitive environments can enhance the well-being of elderly individuals belonging to ethnic minorities residing in ILPIs, emphasizing the importance of considering ethnic diversity in the design and management of these institutions. This research contributes to the understanding of the relationship between older individuals and their socio-spatial environment.

Keywords: Long-Term Care Facilities for the Elderly. Environment. Ethnicity. Nipo-Brazilian. Nikkei.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Enfermaria de Hospital que atende população indígena .....	24
Figura 2 – Ikoi-noSono fundação .....	61
Figura 3: Mensagem de agradecimento Ikoi-no-Sono – Painel Monte Fuji .....	65
Figura 4: Origami e artesanatos.....	66
Figura 5: decoração em sala de reunião .....	66
Figura 6: decoração salão de eventos .....	67
Figura 7: Construção inicial Ikoi-no-Sono, edificação doada pelos Franciscanos .....	68
Figura 8: Claustro – pátio central – idosos debulhando feijão .....	69
Figura 9: Vista aérea terreno Ikoi-no-sono .....	78
Figura 10: Portão de entrada Ikoi-no-sono e alameda das cerejeiras.....	78
Figura 11: Plantação e caminhada dos residentes.....	79
Figura 12: Caminhada com voluntárias e pescaria .....	79
Figura 13: celebração dia dos meninos e das meninas.....	86
Figura 14: celebração tanabata matsuri e carnaval .....	87
Figura 15: Imagem kakizome – primeira escrita do ano.....	90
Figura 16: Fukuwarai.....	90

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ASDJG	Assistência Social Dom José Gaspar
CCI	Centro de Convivência do Idoso
ILPI	Instituição de Longa Permanência para Idosos
JICA	Japan International Cooperation Agency
MOFA	Ministry of foreign affairs
PCD	Pessoa com Deficiência
PNH	Política Nacional de Humanização da Atenção
RDC	Resolução de Diretoria Colegiada
SBBG	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SUS	Sistema Único de Saúde

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS .....</b>	<b>20</b>
<b>1.1. Gerontologia ambiental.....</b>	<b>20</b>
<i>1.1.1. Instituições de longa permanência para idosos .....</i>	<i>21</i>
<b>1.2. Ambiência .....</b>	<b>23</b>
<b>1.3. Cultura.....</b>	<b>26</b>
<b>1.4. Etnicidade .....</b>	<b>27</b>
<i>1.4.1. Etnicidade e envelhecimento .....</i>	<i>29</i>
<i>1.4.2. Etnicidade e Instituições para Idosos.....</i>	<i>31</i>
<b>1.5. Objetivo Geral:.....</b>	<b>33</b>
<i>1.5.1. Objetivos específicos:.....</i>	<i>34</i>
<b>1.6. Material e métodos: .....</b>	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO 2 - O ENVELHECIMENTO NA COMUNIDADE NIPO-BRASILEIRA DE SÃO PAULO E IKOI-NO-SONO.....</b>	<b>42</b>
<b>2.1 Breve histórico sobre imigração japonesa no Brasil e da comunidade nipo-brasileira.....</b>	<b>42</b>
<b>2.2 Idosos e o envelhecimento na comunidade nipo-brasileira.....</b>	<b>49</b>
<b>2.3 Apresentação do Ikoi-no-Sono.....</b>	<b>52</b>
<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO E DISCUSSÃO.....</b>	<b>55</b>
<b>3.1 Histórico Associação Dom José Gaspar .....</b>	<b>56</b>
<i>4.1.1 Início do Jardim de Repouso São Francisco - Ikoi-no-sono .....</i>	<i>59</i>
<b>3.2 O espaço físico .....</b>	<b>64</b>
<b>3.3 Atividades.....</b>	<b>80</b>
<b>3.4 Celebrações.....</b>	<b>85</b>
<b>3.5 Alimentação.....</b>	<b>93</b>
<b>3.6 Idioma.....</b>	<b>98</b>
<b>3.7 Normas e Valores institucionais .....</b>	<b>102</b>
<b>3.8 Relacionamento interpessoal e as relações de cuidado .....</b>	<b>108</b>

4.8.1 Cuidar com afeto.....	110
4.8.2 Cuidado e Independência: cuidar torna dependente? .....	115
<b>CAPÍTULO 4 – CONCLUSÃO .....</b>	<b>119</b>
1.5.7 <i>Limitações</i> .....	124
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA FUNCIONÁRIOS E VOLUNTÁRIOS .....</b>	<b>136</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA FAMILIARES .....</b>	<b>139</b>
<b>APÊNDICE C– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO A – CALENDÁRIO IKOI-NO-SONO .....</b>	<b>143</b>

## INTRODUÇÃO

Os lugares que habitamos, onde nascemos, crescemos e envelhecemos influenciam e são influenciados por nossa história, nossa identidade e nossa cultura. Neste sentido, os lugares são mais do que seu ambiente físico, são espaços compostos pelas histórias, relações sociais, organizacionais e culturais daqueles que os frequentam e os habitam. Todos estes elementos estão intrinsecamente entrelaçados e influenciam as percepções individuais e coletivas de bem-estar nos ambientes (BESTETTI, 2014).

A relação entre pessoas idosas e seu entorno socioespacial é o objeto de estudos de uma área específica dentro da Gerontologia – estudo científico do processo de envelhecimento, da velhice e das pessoas idosas –, a Gerontologia Ambiental<sup>1</sup>. Esta área de conhecimento investiga a influência do ambiente sobre o bem-estar de pessoas idosas e, dentro deste campo, a compreensão das dinâmicas do envelhecimento institucional é uma importante linha de pesquisa. As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) são instituições voltadas a atender idosos com 60 anos ou mais e devem prover além de abrigo e alimentação, assistência à saúde básica – como serviços médicos, de psicologia, enfermagem, terapia ocupacional, fisioterapia e odontologia – e encaminhamento a cuidados hospitalares quando necessário, além de atividades de lazer e convívio social (GARCIA, WATANABE, 2017).

Embora no Brasil a residência de idosos em instituições como as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) não seja uma tradição<sup>2</sup>, a demanda por estes serviços de moradia e cuidado vem aumentando consideravelmente nas últimas décadas (COSTA, MERCADANTE, 2013). Este aumento da demanda é decorrente, em grande medida, do aumento da longevidade e de mudanças estruturais na sociedade – como a redução da quantidade de filhos por família, a nuclearização das famílias e o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho – que são as tradicionais cuidadoras dos idosos no país (DEBERT, 1999; CAMARANO, KANSO, 2010).

As ILPIs no Brasil têm sua origem nos antigos asilos ou albergues que se destinavam a assistir e abrigar pessoas necessitadas, entre elas idosos em estado de pobreza (LIMA, 2005;

---

<sup>1</sup> Esta área de estudos destaca a importância de projetar ambientes que sejam favoráveis e promovam a independência e a funcionalidade das pessoas idosas. Nesse sentido, a disciplina enfatiza a necessidade de adaptar os espaços físicos para atender às necessidades e capacidades dos idosos, levando em consideração aspectos como acessibilidade, segurança e facilidade de uso. Além disso, a Gerontologia Ambiental reconhece a importância do ambiente social e emocional no apoio à autonomia dos idosos (LAWTON, NAHEMOW, 1973). Isso inclui a promoção de interações sociais positivas, o envolvimento em atividades significativas e o acesso a serviços de apoio que permitam aos idosos manter sua independência (ROWLES, BERNARD, 2013; VASUNILASHORN et.al, 2011).

<sup>2</sup> Em pesquisa realizada em 2010, somente 1% da população idosa brasileira residia em Instituições de Longa Permanência para Idosos (CAMARANO, KANSO, 2010).

CAMARANO, KANSO, 2010). O aumento da longevidade de idosos com reduzida capacidade física e cognitiva alterou em parte a demanda destas instituições, que passaram a oferecer também assistência à saúde. A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) adotou o termo ILPI – tradução do termo inglês “Long Term Care Institution” – para designar o novo caráter destas instituições (SILVA et al, 2010). A SBGG define ILPI como instituições para “o atendimento integral institucional, cujo público-alvo são as pessoas de 60 anos ou mais, dependentes ou independentes, que não dispõem de condições para permanecer com a família ou em domicílio unicelular” (COSTA, MERCADANTE, 2013, p. 211)<sup>3</sup>.

Durante muito tempo o envelhecimento foi compreendido dentro da gerontologia como um processo universal, primordialmente biológico, que ocorreria de forma homogênea em diferentes culturas, gêneros e classe social. Isto é, a velhice era considerada uma categoria social, com desafios e um estilo de vida próprios, que se sobrepunha às diferenças de raça, etnicidade e classe social (DEBERT, 1992). A literatura contemporânea sobre o tema, por sua vez, compreende o envelhecimento como um processo complexo e multideterminado que envolve variáveis biológicas, psicológicas, sociais e ambientais. Tal processo é influenciado também pelo curso de vida das pessoas (BATISTONI, 2014).

Assim, à luz da compreensão do envelhecimento como um processo diverso, a etnicidade vem sendo considerada como uma variável que influencia a percepção e os parâmetros de bem-estar, saúde e qualidade de vida durante a velhice (KEITH et.al, 1994; IWAMASA, IWASAKI, 2011). Na literatura da área, há evidências de que serviços étnicos específicos ou instituições multiculturais podem aumentar a percepção de bem-estar entre os idosos de minorias étnicas (OLSON, 2001; NISHITA, BROWNE, 2013; KANITSAKI, 1999; KANAMOTO, 2019; LEVKOFF, LEVY, WEITZMAN, 1999), facilitar o processo de adaptação à moradia institucional (KROMER, 2004; MACLEAN, BONAR, 1983) e aumentar a satisfação e segurança da família com a instituição (RUNCI, O’CONNOR, 2014; HIKOYEDA, WALLACE, 2010; KANAMOTO, 2013).

Considerando a importância do ambiente e da etnicidade para o processo de envelhecimento a presente pesquisa parte das seguintes perguntas gerais: Como a etnicidade e a cultura se manifestam na ambiência de Instituições de Longa Permanência para idosos? Em que medida esses elementos influenciam o funcionamento da instituição e impactam o bem-estar<sup>4</sup> dos residentes?

---

<sup>3</sup> Embora haja esta definição, Camarano e Kanso (2010) apontam que não há um consenso na literatura ou na legislação sobre o tema. Há referências à ILPIs como casas de repouso, clínicas geriátricas, abrigos e asilos.

<sup>4</sup> Bem-estar será compreendido na perspectiva subjetiva dos entrevistados.

No Brasil, e particularmente em São Paulo, uma comunidade étnica relevante é a dos nipo-brasileiros. Apesar de serem minoria, principalmente em comparação com outras comunidades, como a italiana, espanhola ou alemã<sup>5</sup>, a imigração japonesa foi a que apresentou maior índice de fixação no estado paulista (IBGE, 2008). Outros fatores, como a aparência física e a ascensão social dos imigrantes japoneses, desempenharam um papel importante na sua diferenciação. Ao contrário de outros grupos de imigrantes, o seu fenótipo possibilita uma identificação imediata como "japonês" pelos interlocutores brasileiros, mesmo quando se trata de pessoas de segunda, terceira geração ou com ascendência mista (LESSER, 2001). Além disso, a relativa rápida ascensão social dos japoneses e seus descendentes no Brasil<sup>6</sup>, juntamente com a disseminação de sua cultura baseada em valores como honestidade, disciplina, inteligência e trabalho árduo, assim como a projeção de uma imagem positiva do Japão no país como uma potência tecnológica e econômica, conferiram aos nipo-descendentes o status de "minorias positivas" (TSUDA, 2003). Ademais, a comunidade nipo-brasileira é bastante organizada, ela possui mais de 400 associações em todo o território nacional (ALVES, 2009). Há organizações voltadas especificamente para os idosos da comunidade, como os clubes de idosos – chamados de Rôjin club<sup>7</sup> –, grupos religiosos ou esportivos e instituições de assistência social e moradia.

Embora haja uma produção bibliográfica relevante acerca da comunidade japonesa no país, há poucos estudos sobre o envelhecimento dos imigrantes e seus descendentes. Kanamoto (2013) analisou como a comunidade étnica japonesa contribuiu para o bem-estar e o envelhecimento ativo de seus idosos e seus descendentes no Brasil. A autora destaca que, se por um lado a comunidade japonesa recebeu pouca atenção do governo brasileiro em termos de assistência social e de saúde, por ser considerado um grupo étnico bem-sucedido no país, por outro lado, a própria comunidade, e em certos momentos o governo japonês, assumiu para si esta responsabilidade ao mobilizar recursos e criar instituições para assistir os idosos japoneses

---

<sup>5</sup> Segundo IBGE, os japoneses, em 1920 representavam apenas cerca de 3% dos imigrantes, nas décadas seguintes ampliaram sua participação, mas não chegaram a ultrapassar os 17,4% do total de estrangeiros vivendo em São Paulo. Em 2008, o Brasil possuía cerca de 1,5 milhões de descendentes de japoneses (IBGE, 2008).

<sup>6</sup> Segundo Bassanezi e Truzzi (2008) a alta taxa de alfabetização dos imigrantes japoneses contribuiu com a ascensão econômica de muitos descendentes. “Entre os principais grupos imigratórios, no período compreendido entre 1908 e 1941, os japoneses sobressaíram-se pela proporção de alfabetizados (72,9%), apenas superada pelos alemães. Isto lhes possibilitou, diferentemente de outros grupos que possuíam maior índice de analfabetismo, ler mais jornais, ter acesso a manuais técnicos, frequentar cursos necessários ao desempenho das cooperativas, estudar e, provavelmente, ficarem mais coesos” (BASSANEZI, TRUZZI, 2008, p.79).

<sup>7</sup> Os termos em japonês serão escritos seguindo as regras do Sistema Hepburn, no qual as vogais longas serão indicadas por meio do acento circunflexo (ex. â, ô, û). (ESTUDOS JAPONESES, 2021). Quando a palavra já tiver sido incorporada ao português seguirá as normas do português.

e seus descendentes. Até a década de 1970 as famílias *nikkeis*<sup>8</sup> seguiam o sistema familiar japonês no qual o filho mais velho e sua esposa eram encarregados dos cuidados dos pais. Contudo, o aumento da quantidade de idosos e de sua longevidade, assim como as mudanças nas composições familiares, trouxeram novos desafios a serem superados tanto dentro dos núcleos familiares quanto na comunidade nipo-brasileira em geral. Desta maneira houve uma maior demanda por outras soluções de cuidados e moradias para os idosos *nikkeis*, como o uso das ILPIs.

Kanamoto (2013) ressalta que a despeito da resistência de muitos idosos em residir em Instituições de Longa Permanência para Idosos, muitos dos residentes dessas instituições e seus familiares possuem uma confiança implícita nos locais de herança étnica. A conclusão de Kanamoto (2013) é de que, apesar da diversidade encontrada, a comunidade japonesa possui um papel fundamental para a promoção do bem-estar dos idosos mesmo em um contexto de mudanças na comunidade – como por exemplo, o enfraquecimento dos laços familiares entre as gerações, o crescimento de casamentos interraciais e a ida de muitos jovens *nikkeis* para o Japão fazer *dekasegi*<sup>9</sup>.

As regiões sul e sudeste do Brasil, e o estado de São Paulo em particular, concentram a maior quantidade dos descendentes de japonês e suas instituições (ALVES, 2009; BELTRÃO, SUGAHARA, KONTA, 2008). Entre as instituições para idosos há duas instituições de maior relevância. A Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo, Enkyô, que possui atualmente 4 ILPIs e um Centro de Convivência do Idoso (CCI) – que tem como objetivo promover o encontro de idosos independentes. E a Assistência Social Dom José Gaspar que mantém a ILPI Jardim de Repouso São Francisco (Ikoi-no-Sono). Optou-se por realizar a pesquisa no Ikoi-no-Sono por ser a organização assistencial mais antiga e tradicional da colônia, além de ser uma grande referência no cuidado de idosos japoneses e *nikkeis*.

A Assistência Social Dom José Gaspar, nasceu com objetivo de assistir os imigrantes japoneses no período da Segunda Guerra Mundial. Em 1958 funda o Jardim de Repouso São Francisco – Ikoi-no-Sono em uma área de 10 alqueires no município de Guarulhos – São Paulo, com o objetivo de prestar “assistência social, moral e material às pessoas necessitadas, especialmente as idosas” (ASDJG, 2022, p 1). Em 2021 a ILPI Ikoi-no-Sono possuía 43 residentes idosos com idades que variavam de 68 a 102 anos – a média etária dos residentes era

---

<sup>8</sup> A pesquisa utilizará os termos cultura ou comunidade *nikkei* e nipo-brasileira para designar as instituições e valores da comunidade formada pelos japoneses e seus descendentes no Brasil e o termo cultura japonesa para referir-se à cultura do Japão.

<sup>9</sup> Este é o termo “aportugesado” da palavra em japonês “dekasegi” e refere-se ao fluxo migratório dos descendentes de japoneses ao Japão para trabalhar.

de 87 anos. Destes 56% dos idosos eram brasileiros descendentes de japoneses e 44% japoneses (ASDJG, 2022).

Na presente pesquisa, a ambiência no contexto do envelhecimento institucional será abordada a partir de uma perspectiva multidisciplinar, utilizando os conceitos semióticos de cultura, etnicidade e ambiência. Estes conceitos serão melhor elaborados no primeiro capítulo, mas em síntese, cultura pode ser compreendida como um sistema simbólico que é compartilhado em maior ou menor grau entre os membros de um grupo. É um sistema de crenças ou um conjunto de proposições sobre o mundo que confere significado às suas vidas e orienta suas ações (GEERTZ, 1957; DOLGIN, KEMNITZER, SCHINEIDER, 1977). Nessa perspectiva, a cultura não se resume a um conjunto estático de práticas e costumes, ela é composta por elementos com significados específicos que são atribuídos pelos indivíduos de um grupo, à medida que vivenciam suas vidas (GEERTZ, 1957). Em outras palavras, os comportamentos considerados apropriados ou inadequados, a atribuição de papéis sociais (como as expectativas em relação a homens, mulheres, idosos ou crianças), a comida e a forma de se alimentar (considerada sagrada, profana, saborosa ou repugnante), os padrões de beleza, as vestimentas, a arquitetura, a arte, as crenças e os rituais, entre outros, são parte de um sistema complexo que possui significados particulares e são transmitidos socialmente.

Um grupo étnico pode ser definido como uma comunidade que se baseia em uma origem comum, seja real ou imaginada, e que se percebe e é percebida como diferente dentro de um contexto social mais amplo (COOL, 1986). A etnicidade é compreendida na perspectiva da identidade étnica (BARTH, 1969), como uma construção social seletiva, dinâmica e relacional, composta por processos de diferenciação nos quais ocorrem negociações de fronteiras com grupos majoritários e minoritários. Torres (2015) argumenta que uma maneira de diferenciar etnia e cultura é considerar a etnicidade como uma fronteira, uma variável usada para indicar o grupo social ao qual uma pessoa pertence, enquanto a cultura é pensada como o "conteúdo" dessa identidade, ou seja, as várias formas que tornam esse tipo de pertencimento significativo.

É dessa maneira que a cultura japonesa e *nikkei* são compreendidas dentro da instituição pesquisada. Não se procurou classificar a priori quais são os elementos japoneses ou *nikkeis* presentes na instituição, mas sim quais elementos culturais, como práticas, ambientes, rituais e objetos, são considerados importantes para a ambiência desse grupo em particular e que são representativos dessa etnicidade.

A ambiência é compreendida como um espaço físico, social e emocional que é influenciado tanto pelos valores culturais do grupo étnico ao qual pertence, quanto pelos valores da sociedade

majoritária na qual a ILPI pesquisada está inserida. A ambiência pode ser entendida como a humanização dos espaços, equilibrando os elementos materiais, emocionais e sociais que os compõem. Nessa definição, o ambiente é composto por elementos objetivos, como função, cor, acústica, ventilação e iluminação, que são percebidos como estímulos positivos ou negativos de acordo com os valores subjetivos dos indivíduos. Essa percepção é mediada pelas “experiências vividas, pelos valores culturais do grupo social ao qual o indivíduo pertence e pela seleção de códigos de referência significativos para a interpretação da realidade” (BESTETTI, 2014, p.603).

Em suma, a ambiência de uma ILPI é construída pela relação entre diversos elementos e camadas relacionais. Este processo envolve o espaço físico da instituição, as normas técnicas requeridas para sua existência e funcionamento, a gestão e as relações sociais e profissionais que se desenvolvem na instituição entre os funcionários, voluntários, os residentes e suas famílias. Em uma Instituição de longa permanência para idosos (ILPI) da comunidade nipo-brasileira, estes elementos por vezes podem favorecer a implementação de um projeto de cultura japonesa ou *nikkei* na instituição e por vezes limitar esse projeto.

Neste sentido, este estudo tem como objetivo compreender quais elementos étnico-culturais compõem uma ambiência culturalmente sensível e de que maneira eles são relevantes para o bem-estar dos idosos residentes a partir da perspectiva dos colaboradores e familiares.

Esta pesquisa mapeou a composição ambiental da instituição Ikoi-no-Sono e argumenta que os elementos étnicos presentes influenciam positivamente o conforto dos idosos de diversas maneiras. Os principais destaques foram relativos à existência da alimentação com elementos japoneses, a existência de funcionários que falam japonês e ao treinamento dos funcionários que possibilita o respeito a costumes e normas sociais importantes para os idosos residentes. Embora não sejam os únicos determinantes de bem-estar para os idosos, sua presença na ambiência institucional forja um senso de pertencimento e segurança para os residentes da instituição.

Trata-se de um estudo de caso qualitativo, exploratório e descritivo. Para alcançar esses resultados, foram utilizados diversos métodos na obtenção e análise de dados, incluindo levantamento e revisão bibliográfica, análise documental, entrevistas semiestruturadas e observação simples e participante. Foram realizadas 25 entrevistas<sup>10</sup> semiestruturadas com funcionários do Ikoi-no-Sono, 3 com voluntários e 7 com familiares de residentes da entidade.

O texto está organizado em quatro capítulos, o primeiro apresenta o embasamento teórico

---

<sup>10</sup> Visando preservar o anonimato dos entrevistados seus nomes foram ocultados nesta dissertação.

e o levantamento bibliográfico da pesquisa. Além de detalhar alguns dos conceitos apresentados na introdução, o capítulo traz o levantamento bibliográfico acerca da temática de envelhecimento, etnicidade e instituições de longa permanência, assim como contextualiza a gerontologia ambiental e o cenário das Instituições de Longa Permanência no Brasil. Finalmente o capítulo descreve os objetivos e os materiais e métodos utilizados na pesquisa, a fim de permitir uma compreensão clara e precisa do desenvolvimento da mesma.

O segundo capítulo discorre sobre o processo de envelhecimento na comunidade nipo-brasileira de São Paulo. A fim de entender tal processo, apresenta-se um breve histórico da imigração japonesa para o Brasil, destacando suas principais características, como a vinda em grande número para trabalhar nas lavouras de café e as diferentes estratégias de organização social que visavam a manutenção de tradições do país de origem. A partir desta perspectiva histórica é possível abordar as questões relacionadas ao envelhecimento dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil, como as mudanças nos padrões de residência dos idosos, as barreiras linguísticas que surgiram entre as diferentes gerações de descendentes e a necessidade de apoio institucional para o cuidado dos idosos japoneses e *nikkeis*. Por fim, o capítulo apresenta a entidade pesquisada, o Ikoi-no-Sono, uma instituição de longa permanência que recebe idosos japoneses e *nikkeis*.

O capítulo três apresenta os resultados da pesquisa de campo junto com uma reflexão teórica sobre os achados da pesquisa. A partir da análise do contexto histórico da criação da entidade e de diferentes aspectos que compõem a vida dos residentes na instituição, como o espaço físico, as atividades físicas e de lazer, as celebrações de datas comemorativas, a alimentação, a presença da língua japonesa no dia a dia e as normas e valores, entre outros, é possível observar uma relação significativa entre os elementos étnicos e o bem-estar dos residentes. A dissertação conclui no capítulo quatro com as considerações finais e uma discussão sobre as limitações da pesquisa.

## **CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS**

### **1.1. Gerontologia ambiental**

A Gerontologia Ambiental é um campo de estudos interdisciplinar que investiga a relação do ambiente e o bem-estar de pessoas idosas. Isto é, procura compreender como ambientes que são ocupados pelos idosos como – instituições, residências, bairros e cidades – influenciam seu bem-estar físico e emocional (GOLANT, 2015). A área é dedicada à descrição, explicação, modificação ou otimização da relação entre as pessoas idosas e seu entorno socioespacial e, possui contribuições de diversas ciências como, por exemplo, arquitetura, psicologia ambiental, gerontologia, trabalho social, enfermagem, geriatria entre outras. (IZAL, FERNANDEZ BALLESTEROS, 1990; WAHL, WEISEMAN, 2003; BATISTONI, 2014).

Ambiente, também chamado de “ambiente sociofísico”, diz respeito a tudo o que nos rodeia, os aspectos físicos, sociais, organizacionais e culturais do espaço e suas interrelações. (KAYSER-JONES, 1993). Embora tais elementos possam ser observados isoladamente, na perspectiva da Gerontologia Ambiental, eles estão entrelaçados e influenciam as percepções individuais e coletivas de bem-estar nos ambientes (BESTETTI, 2014).

A introdução de variáveis ambientais na compreensão e explicação do envelhecimento e do curso de vida foi um importante avanço para a Gerontologia e para o surgimento da Gerontologia Ambiental<sup>11</sup>. Entre as diversas proposições teóricas da área destacam-se aqui algumas de suas teorias clássicas ou fundadoras: os modelos da pressão-competência (LAWTON, NAHEMOW, 1973), da congruência pessoa-ambiente (KAHANA, 1975; KAHANA, LIANG, FELTON, 1980), modelo complementar de congruência (CARP, CARP, 1984) e o modelo socioecológico (LEMKE, MOOS, 1980).

As teorias clássicas da Gerontologia Ambiental, compreendem o comportamento do idoso como uma função da competência e pressão ambiental. A competência é a capacidade funcional do indivíduo em termos de saúde biológica, habilidades motoras, cognitivas e psicológicas, enquanto a pressão ambiental é o grau de exigência que o ambiente (percebido pelo indivíduo) exerce no indivíduo. Assim, quanto menos competente for um indivíduo, maior seria o impacto do ambiente sobre seu comportamento. Portanto, a congruência entre as capacidades individuais e o ambiente é particularmente importante durante a velhice. Posteriormente, outras variáveis, como autonomia e estratégias adaptativas, foram incorporadas a essa ampla área de

---

<sup>11</sup> O campo se desenvolveu a partir das contribuições teóricas da Sociologia Urbana da escola de Chicago nos anos 1920 (PARK, BURGESS, MCKENZIE, 1925), da Psicologia social de Lewin nas décadas de 1930 e 40, da Psicologia do desenvolvimento das décadas de 1940 e 50 e do desenvolvimento da psicologia ambiental da década de 60 (WAHL, WEISEMAN, 2003; BATISTONI, 2014).

estudos. No entanto, essas formulações iniciais ainda permitem compreender a perspectiva da interação entre o ambiente e o indivíduo idoso.

Além do ambiente físico, o ambiente social possui um papel fundamental para a promoção do bem-estar dos idosos. Rowles e Chaudhury (2006), enfatizam que as relações sociais positivas, a manutenção da identidade pessoal e o senso de pertencimento são fatores-chave para o bem-estar na velhice. Eles argumentam que a identidade está intrinsecamente ligada ao senso de pertencer a um determinado ambiente físico e social, e que essa conexão influencia a forma como os indivíduos se percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Os autores enfatizam que a identidade não é apenas uma construção individual, mas também é influenciada pelas interações e relações sociais. Eles defendem que os idosos têm uma necessidade de se sentir valorizados e reconhecidos em seu ambiente, buscando estabelecer um senso de pertencimento e conexão com a comunidade em que vivem.

Da mesma forma, Wahl, Iwarsson e Oswald (2012) argumentam que o senso de pertencimento é uma interação dinâmica entre o indivíduo e seu ambiente. Esse sentimento vai além das relações interpessoais e engloba a relação com o espaço físico, a comunidade e os valores culturais presentes nesse ambiente. Diversos fatores podem influenciar o sentimento de pertencimento, como a participação em atividades sociais, o suporte das redes de apoio, a familiaridade com o ambiente, a aceitação social e a identificação com um grupo ou comunidade específica. Esses fatores contribuem para o desenvolvimento de uma identidade e conexão emocional, fortalecendo o sentimento de pertencimento. Além disso, os autores destacam a importância da relação entre agência e pertencimento na promoção do bem-estar e da qualidade de vida na população idosa. Eles ressaltam que existe um equilíbrio necessário, que varia ao longo da vida, do processo de envelhecimento e entre os indivíduos, entre a necessidade de controle e autonomia e a necessidade de pertencer e se sentir integrado. Ambos os aspectos são fundamentais para o bem-estar dos idosos.

### ***1.1.1. Instituições de longa permanência para idosos***

As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) são instituições voltadas a atender idosos com 60 anos ou mais e devem prover além de abrigo e alimentação, assistência à saúde básica – como serviços médicos, de psicologia, enfermagem, terapia ocupacional, fisioterapia e odontologia – e encaminhamento a cuidados hospitalares quando necessário, além de atividades de lazer e convívio social (GARCIA, WATANABE, 2017). As ILPIs no Brasil têm sua origem nos antigos asilos ou albergues que se destinavam a assistir e abrigar pessoas necessitadas, entre elas idosos em estado de pobreza e em sua maioria eram entidades

assistenciais não governamentais, muitas vezes religiosas, movidas pela filantropia (LIMA, 2005; CAMARANO, KANSO, 2010; GARCIA, WATANABE, 2017).

Apenas no século XX o avanço político e jurídico relativo à assistência social, possibilitou a transformação do caráter exclusivamente filantrópico do cuidado do idoso em um direito social. Estas instituições passaram então a ser um espaço de atenção e cuidado de caráter híbrido – social e de saúde – que tem como foco a qualidade de vida dos residentes e não apenas um lugar no qual os idosos esperam a morte (BOAS et.al, 2021). O termo ILPI refere-se, assim, à variedade de instituições de moradias para idosos como casas de repouso, abrigos, clínicas geriátricas, residencial para idosos, lar de caridade entre outros (CAMARANO et al., 2010).

Cabe ressaltar que as origens das ILPIs como um abrigo a pessoas necessitadas ou inválidos gerou uma associação negativa desses locais como espaços associados à pobreza, à negligência e ao abandono (GROISMAN, 1999; CHRISTOPHE E CAMARANO, 2010; NOVAES, 2003; BORN, 2001). Como consequência desse estigma, há um número reduzido de residências para idosos e poucos residentes nelas. Isso se soma à omissão do Estado brasileiro em implementar políticas eficazes de cuidados de longa duração (CAMARANO, 2020). No entanto, a demanda por residências e cuidados não familiares de idosos tem aumentado, em grande parte devido ao aumento da longevidade e a mudanças estruturais na sociedade, como a redução da quantidade de filhos por família, a nuclearização das famílias e o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho – tradicionais cuidadoras dos idosos no país (DEBERT, 1999; CAMARANO E KANSO, 2010).

No Brasil, a obtenção de informações precisas sobre Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) é dificultada pela ausência de um censo oficial unificado em todo o território nacional. Camarano (2020) realizou um levantamento a partir do cruzamento de dados de diferentes fontes, que apontou a existência de 5.847 ILPIs em todo o país em 2018. Em relação ao estado de São Paulo, um levantamento do Ministério Público de São Paulo (MPSP) 2018 revelou a existência de 1.672 entidades que abrigavam 37.768 idosos, porém não há informações sobre o perfil racial ou étnico dos residentes das instituições. Desse total de entidades, apenas 2% (34) eram públicas, enquanto 26% (439) eram entidades sem fins lucrativos e 69% (1.154) eram particulares.

Do ponto de vista da legislação, em 2003 foi instituído o Estatuto da Pessoa Idosa no Brasil (BRASIL, 2003). O Estatuto define a pessoa idosa como aquela com 60 anos ou mais e assegura o direito à saúde, qualidade de vida, liberdade, cultura, dignidade e proteção à população idosa. Ademais, o Estatuto garante o direito à moradia e assistência integral por meio

de entidades de longa permanência, quando a pessoa idosa não tem condições de viver sozinha ou com a sua família. De acordo com o Estatuto, as instituições que abrigam pessoas idosas são obrigadas a manter padrões de habitação compatíveis com as necessidades dos idosos, oferecendo alimentação regular e higiene necessárias às normas sanitárias, sob pena de sanções previstas em lei (Redação dada pela Lei nº 14.423, de 2022) (BRASIL, 2003).

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) define as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) como "instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condições de liberdade, dignidade e cidadania" (BRASIL, 2005). Em 2005, a agência instituiu a Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) nº 283, que estabelece padrões mínimos de funcionamento para as ILPIs, objetivos, direitos e garantias das pessoas idosas institucionalizadas. Entre as diversas diretrizes, a resolução estabelece que a instituição deve respeitar os direitos e garantias dos idosos, preservar a identidade e privacidade do idoso, promover um ambiente acolhedor e de respeito, desenvolver atividades que estimulem a autonomia dos idosos, promover a integração dos idosos na comunidade local e em atividades intergeracionais, oferecer condições de lazer como atividades físicas, recreativas e culturais e criar atividades e rotinas para prevenir e coibir qualquer tipo de violência ou discriminação.

Tanto na RDC 283 quanto no Estatuto do Idoso, não há disposições específicas para minorias étnicas. Na RDC, os valores culturais são mencionados no artigo 5 como parte dos direitos humanos fundamentais dos residentes. No artigo 5.1.2, é informado que as atividades devem respeitar os aspectos socioculturais da pessoa idosa, e no artigo 5.3.1, a instituição deve garantir à pessoa idosa uma alimentação de seis refeições diárias que respeite os aspectos culturais locais (BRASIL, 2005).

## **1.2.      Ambiência**

Os estudos sobre ambiência estão inseridos no campo de pesquisa da gerontologia ambiental. Nesta perspectiva os ambientes não são neutros. O ambiente afeta o processo de envelhecimento podendo estimular e potencializar a ação dos indivíduos, ou limitar e trazer apatia. Assim, ao agradar ou desagradar, o ambiente pode facilitar ou dificultar a adaptação dos idosos à novas condições físicas, psicológicas ou emocionais relacionadas à mudança de residência ou transferência para uma moradia institucional.

No âmbito das políticas de saúde, a ambiência – que é uma das seis diretrizes da Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS, a PNH – é definida como “o

tratamento dado ao espaço físico entendido como espaço social, profissional e de relações interpessoais que deve proporcionar atenção acolhedora, resolutiva e humana” (BRASIL 2010, p.5). A Cartilha da Ambiência, elaborada pelo Ministério da Saúde (2010) no escopo da PNH, estabelece em três eixos didáticos para a composição da ambiência em instituições de saúde: a confortabilidade, o encontro entre sujeitos e a facilitação do processo de trabalho. A confortabilidade refere-se aos componentes, principalmente físicos – como luz, cheiro, som, disposição do mobiliário entre outros – que qualificam o ambiente, estimulam a percepção ambiental e criam uma ambiência mais acolhedora. Ademais, a confortabilidade é gerada por elementos intangíveis, os quais devem ser levados em consideração na criação da ambiência. Tais elementos incluem, os valores culturais referentes a privacidade, individualidade, autonomia e vida coletiva da comunidade em que se está atuando.

É importante destacar que a percepção humana sobre os elementos materiais e imateriais de um ambiente é mediada por fatores subjetivos – como por exemplo, as experiências prévias que o indivíduo possui – e por valores culturais, por meio dos quais os indivíduos reconhecem e interpretam sua realidade (BESTETTI, 2014). Desta maneira, os valores culturais influenciam não apenas as noções de privacidade, mas também a escolha dos elementos físicos considerados adequados ou confortáveis em um espaço, como luz, cores, sons e objetos (MALARD, 2004). Como um exemplo de ambiência que respeite valores culturais de um grupo étnico a PNH traz o caso de uma enfermaria adaptada aos costumes da população indígena, conforme imagem abaixo:

Figura 1- Enfermaria de Hospital que atende população indígena



Fonte: BRASIL, 2017

A despeito da importância de tais recomendações, há pouca orientação na PNH sobre como os aspectos culturais podem ser ou são de fato incorporados no ambiente e na prática diária das instituições.

O segundo eixo encontro entre sujeitos, diz respeito à capacidade do ambiente de facilitar

e fortalecer a reflexão e a ação das pessoas envolvidas no processo de trabalho. Ele se concentra na interação entre os diversos indivíduos que frequentam ou trabalham em uma instituição, como pacientes, familiares, profissionais de saúde, gestores e outros envolvidos. Esse encontro é essencial para promover a humanização do cuidado e a qualidade da assistência fornecida.

Dentro desse contexto, o eixo "encontro entre sujeitos" busca promover uma relação acolhedora e respeitosa, estimulando uma comunicação efetiva, o estabelecimento de diálogos abertos e o compartilhamento de informações. Além disso, enfatiza-se a importância de valorizar a diversidade cultural, de gênero, étnica e social, reconhecendo e respeitando as particularidades de cada indivíduo. Esse eixo também envolve a participação ativa dos usuários nos processos de planejamento, avaliação e tomada de decisões relacionadas aos serviços prestados.

A facilitação do processo de trabalho refere-se à forma como o ambiente físico e organizacional de uma instituição pode ser planejado e organizado para otimizar e facilitar o trabalho dos profissionais. Essa abordagem visa criar condições favoráveis para que os profissionais desempenhem suas funções de maneira eficiente, segura e satisfatória, resultando em um atendimento mais humanizado, acolhedor e resolutivo para os pacientes e usuários.

No contexto da facilitação do processo de trabalho, são considerados diversos aspectos, como a ergonomia dos espaços de trabalho, o acesso adequado a recursos e materiais necessários, a disposição eficiente dos ambientes de trabalho e a organização dos fluxos e rotinas. O objetivo é reduzir possíveis obstáculos ou barreiras que possam comprometer a qualidade da assistência prestada. Isso implica em criar um ambiente que proporcione eficiência nas atividades, minimizando deslocamentos desnecessários, promovendo uma comunicação efetiva entre os profissionais e facilitando o trabalho em equipe.

Os eixos didáticos que compõem a ambiência em instituições de saúde, de acordo com a Política Nacional de Humanização (PNH), também podem ser aplicados a outros tipos de instituições, como as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Bestetti (2014), em suas pesquisas sobre ambiência em moradias institucionais para idosos, inspirada pela PNH, define ambiência como:

“um espaço físico e emocional, ligado à percepção e aos sentidos: é uma preocupação essencial a ter em consideração para a qualidade do encontro entre os sujeitos nos espaços construídos. Refere-se ao espaço físico, mas também à condição emocional que se constrói em ambientes compostos por objetos e pessoas” (BESTETTI, NASCIMENTO,

MATTOS, 2021, p.2)

No contexto das ILPIs é relevante considerar, no entanto, aspectos específicos da ambiência. De acordo com Wahl e colaboradores (2012), é importante que os idosos residentes desenvolvam um senso de pertencimento. Tal senso de pertencimento passa pela construção de conexões positiva com outros indivíduos e pares e com o ambiente ao seu redor. O bem-estar dos residentes em instituições coletivas, principalmente nas idades mais avançadas, requer familiaridade. É fundamental que os idosos se reconheçam no ambiente, e que possam transformar um espaço aparentemente "sem significado" em um lugar que acolha a expressão de suas identidades (ROWLES, BERNARD, 2013).

Além disso, nas ILPIs, é importante haver flexibilidade nas regras e processos para que os idosos possam exercer sua autonomia e ter suas identidades individuais respeitadas (GRAEFF, 2007). Quando os idosos assumem o protagonismo e participam ativamente em um ambiente saudável, sua autonomia, independência, autoestima e bem-estar subjetivo são beneficiados, o que impacta positivamente em sua qualidade de vida (SILVANA, NASCIMENTO, BESTETTI, 2020).

Finalmente, os colaboradores das ILPIs têm um papel fundamental na promoção do senso de pertencimento e bem-estar dos idosos residentes. Segundo Regnier (2018), as atitudes dos colaboradores podem transformar a instituição, tanto em ambientes mais frios, quanto acolhedores, tanto respeitosos, quanto importunos. As diferenças culturais entre cuidadores e idosos podem dificultar a identificação pessoal, gerar indiferença, e influenciar negativamente o sentimento de pertencimento (REGNIER, 2018). A esse respeito, Oxlund (2018) destaca que no processo de cuidado intercultural há uma negociação de valores e conceitos, incluindo noções de cuidado, bem-estar e envelhecimento saudável, que são negociados individualmente entre os idosos e seus cuidadores, resultando muitas vezes em noções híbridas desses conceitos.

### **1.3. Cultura**

O conceito semiótico de cultura enfatiza a importância da comunicação e dos sistemas de significado na construção e manutenção da cultura. De acordo com essa perspectiva, a cultura não se resume apenas a um conjunto de práticas e costumes, mas também é um sistema de símbolos e significados compartilhados que permitem às pessoas criar e compreender a realidade ao seu redor (GEERTZ, 1957). Nessa visão, a linguagem, a arte, os mitos, os rituais e os comportamentos humanos são simbólicos, ou seja, são elementos com significados particulares atribuídos pelos indivíduos no processo de viverem suas vidas e compartilhados socialmente. Em outras palavras, não existem significados intrínsecos aos objetos, às relações

ou às estruturas, mas sim significados que um grupo específico de pessoas atribui e compartilha entre si.

A diversidade, dentro dessa perspectiva, é uma característica natural dos seres humanos, representando as diferentes maneiras pelas quais eles constroem suas vidas no processo de vivê-las (GEERTZ, 2014). É a forma como um grupo específico, em um determinado lugar e tempo, adota para existir no mundo. Essa diversidade se manifesta em diversos aspectos do sistema cultural, como religião, ciência, estética, formas de relacionamento, construções arquitetônicas, organizações sociais e até mesmo na organização de espaços (GEERTZ, 2014).

Portanto, é possível considerar a ambiência ILPI pesquisada como um processo de seleção de valores, símbolos, práticas e objetos que representam uma cultura específica – no caso, a cultura dos japoneses e seus descendentes que viviam principalmente em São Paulo – e que são significativos tanto para seus fundadores quanto para o público para o qual ela foi criada.

Complementarmente, Fischer (1978) destaca a importância de se explorar as diversas opiniões sobre um assunto, ou fenômeno, e compreendê-las como expressões de uma multiplicidade de interpretações que convivem e são negociadas em um contexto social específico. Para o autor “os indivíduos mantêm diferentes posições na sociedade, diferentes percepções, interesses, papéis, e de suas negociações e conflitos surge um universo social plural no qual podem coexistir e competir muitos pontos de vista opostos” (FISCHER, 1978, p 57). Disto resulta que, se há muitas leituras possíveis de um mesmo fenômeno cultural, em uma interpretação é preciso explicitá-las e localizá-las a partir do lugar de fala dos atores sociais.

#### **1.4. Etnicidade**

Um grupo étnico pode ser definido como uma coletividade que é baseada na crença de uma origem comum, real ou imaginária, que se percebe e é percebida como diferente dentro de um contexto social contrastivo mais amplo (COOL, 1986). A etnicidade é, deste modo, cultural, na medida em que há um significado compartilhado entre seus membros, mas é essencialmente relacional, uma vez que a percepção do ser diferente é sempre relativa a um outro (COOL, 1986).

Os estudos sobre envelhecimento e velhice foram por muito tempo pautados pela percepção de que a idade seria a principal variável causal e explicativa do envelhecimento. Nesta visão, todas as mudanças físicas, comportamentais, cognitivas e psicológicas seriam consequência apenas do aumento da idade (IZAL, FERNÁNDEZ BALLESTEROS, 1990; BATISTONI, 2014). Da mesma maneira, a velhice também era compreendida como uma etapa da vida que era vivenciada por todos da mesma forma, o que Debert (1992) chamou de velhice

como categoria homogeneizadora – isto é, a velhice seria uma categoria social, com desafios e um estilo de vida próprios, que se sobreporia às diferenças de raça, etnicidade e classe social. Contudo, ao longo do século XX, as contribuições metodológicas e conceituais de estudos sobre as influências de variáveis ambientais, étnicas e sociais no processo de envelhecimento e na velhice contribuíram para uma concepção heterogênea e multideterminada do envelhecimento (DEBERT, 1999; BATISTONI, 2014; WAHL, 2001; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, 2019).

Neste contexto, a partir das décadas de 1960, 1970 a etnicidade enquanto um marcador de diferença social ganhou espaço importante tanto em pesquisas científicas quanto nas políticas públicas para velhice e envelhecimento, sobretudo nos Estados Unidos (COOL, 1986). Embora a etnicidade esteja presente em pesquisas sobre envelhecimento, em muitas delas não há uma definição clara sobre este conceito, frequentemente utilizado de forma intercambiável com os conceitos de cultura e raça (TORRES, 2015) <sup>12</sup>.

Torres (2015) argumenta que uma forma de diferenciar etnia e cultura é pensar na etnicidade como uma fronteira, uma variável utilizada para denotar o grupo social ao qual uma pessoa pertence e pensar na cultura como seu “conteúdo”, isto é, como as diversas formas que fazem esse tipo de pertencimento significativo. Denys Cuche (1999), por sua vez, diferencia cultura de etnicidade, aproximando o último ao conceito de identidade étnica<sup>13</sup>. Segundo o autor “cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade (étnica) remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (CUCHE, 1999, p.176). A identidade de um indivíduo é, portanto, construída por meio de suas vinculações dentro de um sistema social, utilizando categorias como nacionalidade, classe social, idade ou sexo, entre outras. A identidade permite que uma pessoa se situe dentro de um sistema e seja reconhecida socialmente (CUCHE, 1999).

---

<sup>12</sup> O autor norueguês Fredrik Barth (1969) em seu artigo clássico sobre grupos étnicos destaca que, na literatura antropológica clássica, o termo étnico era utilizado para designar populações com: a) uma origem biológica comum que, portanto, seria biologicamente autoperpetuantes; b) que compartilham valores culturais fundamentais; c) que constituem um campo de comunicação e interação e d) possuem uma filiação que se identifica, e é identificada por outros, como constituindo uma categoria distinta de outras categorias da mesma ordem. Segundo o autor, nesta concepção o conceito de etnia torna-se equivalente ao de raça, cultura e a possuir uma língua comum. Embora tal definição sirva aos propósitos de muitas pesquisas, ele a considera insuficiente, ou ainda, problemática, na medida em que ignora as relações e os contatos raciais, sociais e culturais entre grupos de diferentes etnias (BARTH, 1969).

<sup>13</sup> Cardoso de Oliveira (1979) destaca, em sua discussão sobre identidade étnica, como as relações de poder desempenham um papel fundamental na determinação dos grupos que podem ser considerados étnicos. O autor ressalta que a identidade étnica é geralmente associada a grupos minoritários, tanto históricos quanto contemporâneos, em contraste com a identidade majoritária, que está ligada aos grupos dominantes frequentemente encontrados nas estruturas estatais. É importante notar que a noção de etnia não se aplica à identidade desses últimos grupos. “Para as identidades minoritárias atribuiu-se potencialidade analítica da noção de etnia, enquanto às identidades majoritárias não” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1979 HIKOYEDA, WALLACE, p. 249).

Tomando como base o trabalho o conceito de grupos étnicos de Frederik Barth (1969), Cuche afirma que a identidade não é um atributo fixo e estático, mas sim relacional e dinâmico. A identidade étnica é construída por meio de seleções de atributos que um indivíduo, ou grupo étnico, escolhe para se diferenciar frente ao outro. Nas palavras de Barth (1969) “algumas características culturais são usadas pelos atores como sinais e emblemas de diferenças, outras são ignoradas e, em alguns relacionamentos, diferenças radicais são minimizadas e negadas” (BARTH, 1969, p.14).

Quando a etnicidade é definida de maneira dinâmica, os grupos étnicos mantêm uma continuidade, apesar das mudanças nas tradições e das eventuais miscigenações de povos e costumes. O que mantém os grupos étnicos é a existência de uma fronteira entre eles e os outros (BARTH, 1969). Nesta perspectiva, não são tanto as características culturais per se que delimitam um grupo étnico, mas sim a maneira como o grupo escolhe se diferenciar e como é diferenciado ou estereotipado por não-membros do grupo. Isso implica que a identidade étnica coletiva pode ser mantida por meio da criação ou ressignificação de seus elementos identitários, a despeito de mudanças culturais dentro do grupo étnico, como, por exemplo, na forma de vestir, na perda do idioma, ou na estrutura familiar. Neste sentido, cada geração pode redefinir sua etnicidade em um processo de criação e recriação constante (COOL, 1986).

Em síntese a ambiência na perspectiva étnico-cultural é compreendida como um espaço físico social e emocional que é influenciado pelos valores culturais. Tanto a construção da ambiência quanto sua percepção são mediadas por um processo de seleção de valores, símbolos, práticas culturais e objetos que são representativos de uma cultura específica e podem ser mais ou menos familiares para os sujeitos que aí convivem. Tais elementos enquanto representativos de um grupo de minoria étnica são, em si mesmo, altamente seletivos e dinâmicos na medida em que a etnicidade não é dada a priori e não é estática. Ela é construída a partir das relações sociais na busca de uma identificação comum entre o grupo étnico, ou ao menos parte dele, e uma diferenciação com a cultura majoritária.

#### ***1.4.1. Etnicidade e envelhecimento***

A etnicidade passou a ser incorporada nos estudos sobre envelhecimento nas décadas de 60 e 70 principalmente nos Estados Unidos (DEBERT, 1999) e, posteriormente, em países europeus (PHILLIPSON, 2015) quando as problemáticas das minorias, classes sociais, imigração e etnicidade passaram a ter maior relevância na sociedade (COOL, 1986; DEBERT, 1999). Neste contexto, buscou-se compreender como a velhice e o processo de envelhecimento poderiam diferir a depender do gênero, raça, classe social ou identidade étnica, por exemplo.

As pesquisas de etnicidade e envelhecimento são encontradas em inúmeras disciplinas, tais como gerontologia, assistência social, antropologia, enfermagem entre outras (RODRIGUEZ-GALAN, 2013). Há uma vasta produção acadêmica, tanto empíricas quanto teóricas, que relatam as vulnerabilidades, ou desigualdades sociais que idosos de minorias étnicas enfrentam. Tais desigualdades vão além da desigualdade de renda, e incluem menor acesso a serviços de saúde e cuidados para idosos (MOON, LUBBEN, VILLA, 1998; KOEHN, 2009.; RODRIGUEZ-GALAN, 2013); e precariedade em relação a qualidade dos serviços e cuidados oferecidos em instituições onde a maioria dos residentes são provenientes de minorias étnicas (SMITH et al., 2007; MILLER et al., 2006; TROYER, MCAULEY, 2006). A partir da perspectiva da desigualdade social, a gerontologia destaca a teoria da dupla vulnerabilidade que conecta desvantagens raciais/étnicas com aquelas associadas à velhice (DOWD, BENGSTON, 1978 apud PHILLIPSON, 2015; HOLZBERG, 1982; KART, LONGINO, ULLMAN, 1989; FITZGERALD, 1981 apud DEBERT, 1999); e a teoria da tripla vulnerabilidade, que acrescenta a discriminação relativa à cultura, cor da pele ou afiliação religiosa sofrida pelas minorias étnicas às vulnerabilidades anteriores (NORMAN, 1985 apud PHILLIPSON, 2015). Mais contemporaneamente, tem sido destacada a teoria das vantagens e desvantagens cumulativas (DANNEFER, SETTERSTEN, 2010). Tal teoria sugere que as desigualdades observadas na velhice – e muitas vezes experienciadas por minorias étnicas com maior intensidade – refletem as desigualdades sofridas por tais grupos ao longo do seu curso de vida (PHILLIPSON, 2015).

A despeito da importância de tais teorias para o conhecimento acadêmico e para a formulação de políticas públicas para idosos, algumas críticas foram levantadas em relação às teorias da vulnerabilidade e das desvantagens cumulativas. Torres (2015), Ciobanu, Fokkema, Nedelcu (2017) e Phillipson (2015) questionaram o foco excessivo dessas teorias nas vulnerabilidades dos idosos pertencentes a grupos étnicos, o que os retrata unicamente como pessoas dependentes e receptoras de cuidados. Phillipson (2015) observa que os benefícios da etnicidade na velhice ainda são pouco documentados. Ciobanu, Fokkema, Nedelcu (2017) propõem, para além das vulnerabilidades, o estudo e a documentação dos processos de agência e das estratégias de prevenção e superação dos desafios por parte dos idosos de grupos étnicos, em face aos desafios das sociedades contemporâneas. Nesta mesma linha, Debert (1999) argumenta que, ao compreender a etnicidade de forma mais complexa e dinâmica, algumas pesquisas etnográficas sobre o tema tendem a encarar a etnicidade, de modo geral, como um elemento positivo que pode transformar a experiência da velhice em bem-sucedida ou, no mínimo, mitigar as dificuldades enfrentadas pelos idosos:

“As etnografias descrevem as formas de associação e conflitos no interior desses grupos, mostrando como, diante de novas conjunturas, eles criam formas de associação e um conjunto de práticas que não eram próprias dos contextos sociais de origem, e como também, e ao mesmo tempo, a identidade étnica é fundamental para entender a constituição desses grupos e a sua dinâmica interna” (DEBERT, 1999, p. 42):

As pesquisas sobre etnicidade em Instituições de Longa Permanência para idosos compartilham desta percepção de que a etnicidade é um ativo, principalmente, do ponto de vista de como as comunidades se articulam para oferecer cuidados étnicos para seus idosos (KANITSAKI, 1999; KANAMOTO, 2019; DEBERT, 1999).

#### *1.4.2. Etnicidade e Instituições para Idosos*

Os estudos mapeados indicam uma correlação positiva entre cuidados culturalmente sensíveis com: o aumento da percepção bem-estar dos idosos étnicos em instituições étnicas ou multiculturais (KANITSAKI, 1999; OLSON, 2001; HEIKKILÄ, SARVIMÄKI, EKMAN, 2007; NISHITA, BROWNE, 2013; KANAMOTO, 2019;), o menor uso de medicação em idosos étnicos diagnosticados com demência (RUNCI, EPPINGSTALL, O'CONNOR, 2012), a facilitação do processo de adaptação à moradia institucional (KROMER, 2004; MACLEAN, BONAR, 1983) e o aumento da satisfação e segurança da família com a instituição (RUNCI, EPPINGSTALL, O'CONNOR, 2012; HIKOYEDA, WALLACE, 2010; KANAMOTO, 2013; UM, SATHIYAMOORTHY, ROCHE, 2021; LEVKOFF, LEVY, WEITZMAN, 1999). Esses estudos apontam que a falta de cuidados étnicos pode piorar a saúde ou qualidade de vida dos idosos de origem étnica (MACLEAN, BONAR, 1983; LEVKOFF, LEVY, WEITZMAN, 1999).

Na década de 80, Maclean e Bonar (1983) pesquisaram o bem-estar de idosos de diferentes etnias que residiam em instituições de longa permanência padrão – que não possuíam cuidados étnicos – em comparação com seus pares não-étnicos. O artigo argumenta que há desafios específicos para idosos de origem étnica que envelhecem fora de sua comunidade original que se centram em três sentimentos de perdas principais: a) perda de família: por haver uma expectativa cultural destes idosos serem cuidados em casa por seus familiares; b) perda de familiaridade cultural e da língua nativa: em função do não oferecimento, nestas instituições, de alimentos ou bebidas de seu grupo étnico, assim como de ativos culturais como “canções favoritas, literatura, jornais e folclore” (MACLEAN, BONAR, 1983, p.203) e, finalmente, c) de perda de comunidade: uma vez que saíram de sua comunidade de origem ao ingressar na instituição. O estudo conclui que tais fatores podem levar a uma pior alimentação e a um maior

senso de isolamento social, seja pela diferença de idiomas – que dificulta a participação em atividades diárias –, seja pelas diferenças culturais – uma vez que estes idosos teriam mais dificuldade de criar laços em instituições nas quais os funcionários e residentes desconhecem os costumes, história, tradições, religião e valores de sua cultura. O isolamento social de idosos de minorias étnicas em ILPIs convencionais também é apontado por Müller e Guendouzi (2009) apud Martin, Woods, Williams (2019) ao descrever a dificuldade de idosos, principalmente com capacidades cognitivas reduzidas, em socializar com pares que não compartilhavam de sua formação cultural de origem (MARTIN, WOODS, WILLIAMS, 2019, p.106).

Os achados de Runci, Eppingstall e O'Connor (2012) corroboram com esta percepção, ao indicarem uma taxa de comunicação maior entre residentes em instalações etno-específicas do que em outros tipos de instituições, em seu estudo sobre comunicação verbal e uso de medicamentos psiquiátricos por residentes gregos e italianos com demência em instituições australianas etno-específicas e convencionais. A pesquisa também concluiu que nas instituições étnicas, o uso de medicamentos antipsicóticos em idosos com demência era menor em comparação às instituições convencionais. Isso pode sugerir que idosos de outras nacionalidades podem ser mal interpretados como 'perturbadores' ou apresentar maior agitação devido à dificuldade em comunicar suas necessidades, o que resulta em um aumento no uso de medicação.

Levkoff, Levy, Weitzman (1999) também reportam, em seu estudo sobre o papel da religião e etnicidade nos cuidados com idosos nos Estados Unidos, como a não consideração ou compreensão de comportamentos de um grupo étnico por funcionários e residentes das instituições podem prejudicar a experiência e a relação dos idosos no local. Um dos casos relatados pelos autores, foi de uma idosa afro-americana expulsa de um centro para idosos por não se adequar ao ritmo e forma de funcionamento da instituição. Além da parte comportamental, ela considerava desrespeitoso o tratamento que recebia, quando funcionários(as) jovens se referiam a ela pelo primeiro nome e não pelo sobrenome (Sra. O.) como era costume na região de onde ela veio. Do ponto de vista religioso, eles relatam como a relação com os funcionários ficou prejudicada quando, por desconhecimento dos costumes religiosos a equipe conteve desnecessariamente uma idosa, também afro-descendente, por se agitar, pular, gritar e desmaiar durante um culto religioso.

Na revisão de escopo sobre a relação entre congruência cultural e linguística e o bem-estar de pessoas idosas com demência (PCD) residentes em ILPIs, Martin, Woods e Williams

(2019) concluíram que a presença de congruência cultural e linguística<sup>14</sup> é positiva para as PCD que vivem nestas instituições, e que a sua ausência foi prejudicial. A não compreensão da língua materna dos residentes, foi considerada uma forte preditora de diminuição do bem-estar, devido às barreiras de comunicação entre residentes e cuidadores. Isso aumenta o stress e pode levar a cuidados inadequados e isolamento social dos idosos. Nos locais com congruência cultural, a experiência de cuidado e bem-estar foram consideradas melhores em função de uma boa comunicação e compreensão cultural que favorecem práticas de cuidado apropriadas, estimulação social, calma e compreensão.

Nas etnografias realizadas por Kanitsaki (1999) e Heikkilä, Sarvimäki e Ekman (2007) em ILPIs étnicas na Austrália e Suécia, respectivamente, destacam-se os benefícios para os residentes de instituições de longa permanência com cuidados étnicos específicos e suas relações com os cuidadores. Heikkilä (2007) enfatiza que, quando os cuidadores e os idosos compartilham a mesma base étnica, como idioma, costumes e celebrações, isso cria uma compreensão mútua que promove a individualidade e fortalece os laços sociais, levando, em última instância, a uma maior qualidade de vida dos residentes. Já Kanitsaki (1999), embora reconheça a importância dos cuidados étnicos, argumenta que, se os funcionários da instituição não compartilham da mesma cultura, há o risco de desvalorização dos valores dessa minoria, uma vez que há uma predominância da cultura majoritária não étnica na instituição e o grupo minoritário não tem voz ativa real.

### **1.5. Objetivo Geral:**

A partir da compreensão de que ambiências culturalmente sensíveis podem aumentar o bem-estar de idosos de minorias étnicas residentes em ILPIs e que sua falta pode impactar negativamente sua saúde e bem-estar. Compreendendo, também, que o Brasil é um país de proporções continentais, composto por diversas etnicidades e nacionalidades (CAVALCANTI, OLIVEIRA, TONHATI, 2015) e que, globalmente há um aumento na quantidade de imigrantes idosos e imigrantes que envelhecem fora de seus países de origem (CIOBANU, FOKKEMA, NEDELCO, 2017). É importante explorar que tipos de ajustes culturais podem ser realizados em instituições para idosos para melhor atender e cuidar de pessoas idosas de minorias étnicas.

Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar como os elementos de uma minoria étnica – a nipo-brasileira – se manifestam na ambiência de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) da comunidade nipo-brasileira de São Paulo. E como estes

---

<sup>14</sup> A congruência cultural é definida como a combinação dos valores culturais da pessoa com demência (PCD) com os do ambiente do lar de idosos (MARTIN, WOODS E WILLIAMS, 2019, p.06)

elementos se relacionam com o bem-estar dos idosos residentes na perspectiva dos colaboradores e familiares. Espera-se desta maneira contribuir com a melhoria de práticas asilares e com políticas públicas voltadas para população idosa de minorias étnicas.

### **1.5.1. Objetivos específicos:**

- Analisar hábitos e comportamentos da cultura japonesa presentes na ILPI estudada;
- Analisar de que maneira a etnicidade se relaciona com as diferentes dimensões da ambiência: confortabilidade, facilitação do trabalho e produção de subjetividades.

### **1.6. Material e métodos:**

A presente pesquisa é um estudo de caso de caráter qualitativo, exploratório e descritivo. O estudo de caso, ao focar a particularidade e a complexidade de cada caso individual, possibilita uma melhor compreensão dos padrões e relações que podem não ser evidentes em uma análise mais ampla (STAKE, 1999). Para melhor compreender os processos de composição da ambiência institucional e suas nuances étnicas e culturais, optou-se por realizar a pesquisa em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) étnica da comunidade nipo-brasileira o Jardim de repouso São Francisco – Ikoi-no-Sono.

Foram aplicados múltiplos métodos na obtenção e análise de dados que incluem levantamento e revisão bibliográfica, análise documental, entrevistas semiestruturadas e observação simples e participante, as quais serão detalhadas a seguir.

#### **1.5.1 Levantamento e revisão bibliográfica**

O levantamento bibliográfico foi realizado em base de dados nacionais e internacionais com foco em artigos científicos. O levantamento foi realizado nas bases de dados multidisciplinares: Portal Capes, Scopus e Jstore e na base de dados Ageline que tem foco em envelhecimento e velhice. Além disso, pesquisou-se em periódicos nacionais com foco em envelhecimento e velhice: 1) *60 e mais*; 2) *Kairós Gerontologia*; 3) *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*; 4) *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*; 5) *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento* e em periódicos nacionais e internacionais com foco em estudos étnicos ou japoneses 1) *Revista de Estudos Japoneses*; 2) *Ethnic and Racial Studies*; 3) *Journal of Ethnic and Migration Studies*. A busca foi realizada entre abril e julho 2020. Para complementar a pesquisa, foram utilizados capítulos de livros, teses e dissertações relacionados ao tema da pesquisa. Foram utilizados os descritores “long-term care” or “long-term institution” or “nursing home” and “environment” or “ambiente” and “culture” or “ethnic” or “racial and ethnic differences” or “racial and ethnic discrimination” or “racial and

ethnic groups" or "japanese" or "nikkei". A princípio a busca resultou em 720 artigos, os títulos foram lidos e foram incluídos inicialmente na pesquisa apenas aqueles compatíveis o que resultou em 44 artigos potencialmente relevantes. Destes, 27 foram selecionados para leitura completa do texto, após a leitura do resumo. Após a leitura dos textos, apenas 16 foram utilizados como base para a pesquisa além dos demais materiais complementares como dissertações, teses e capítulos de livros.

### **1.5.2 A análise documental**

Para a análise documental, foi feito um levantamento virtual dos documentos institucionais disponíveis para o público em geral. Posteriormente, a instituição analisada compartilhou materiais físicos e virtuais, como relatórios anuais dos últimos 10 anos, boletins institucionais impressos, além de uma pesquisa interna realizada com os residentes e o calendário de eventos anuais. Foram analisadas fontes primárias e secundárias, de acordo com a lista abaixo.

a) Fontes primárias:

- i. **Relatórios anuais e planejamentos da instituição dos anos de 2010 a 2021:** os relatórios anuais são produzidos pela equipe gestora da instituição e tem como finalidade prestar contas e divulgar as ações realizadas pela instituição. Estão disponíveis para o público em geral, mas são direcionados, especialmente para os associados e diretoria da instituição. Os relatórios e planejamentos são apresentados na Assembléia Geral Ordinária dos Associados que são realizadas anualmente.
- ii. **Boletins informativos da instituição "Iko News" edições de 2011 a 2014:** produzidos pela equipe de comunicação do Iko-no-sono como divulgação do trabalho institucional. São disponibilizados no site da instituição.
- iii. **Enquete sobre a satisfação dos idosos em relação à alimentação, cuidados, atividades, autopercepção de sua saúde e satisfação geral:** pesquisa interna da instituição, realizada pela equipe técnica junto aos residentes. É um documento interno que foi apresentado em assembleia geral.
- iv. **Calendário com a lista de feriados celebrados na instituição:** documento interno na instituição produzido pela coordenação.

- v. **Página na internet da instituição**<sup>15</sup>: gerida pela equipe de comunicação da instituição.
- vi. **Publicações (imagens, vídeos e texto) na página do Facebook e Instagram da instituição**<sup>16</sup>: as redes sociais são geridas internamente por funcionários da área de comunicação da instituição. Nela constam fotos e vídeos institucionais, assim como são replicadas fotos e vídeos com registros de eventos e atividades diárias realizados por voluntários, visitantes e funcionários.
- vii. **Vídeos publicados no canal da instituição no Youtube**<sup>17</sup>: o canal institucional é gerido pela equipe de comunicação. Há tanto vídeos institucionais produzidos pela entidade em parceria com produtoras para divulgação de seu trabalho, como vídeos amadores e informais realizados por visitantes, parceiros, funcionários e voluntários.

b) Fontes secundárias:

- Publicação sobre memória oral dos residentes da instituição: MELO, G.L. de.; BRAGA, L.B. **Em Tarde Ser: crônicas fotos e haikais**. São Paulo: Ed do Autor, 2005.
- Publicação sobre a fundadora da instituição: MAEYAMA, T. **Margarida Vatanabe: 53 anos de assistência a imigrantes e idosos**. São Paulo: Editora Zipango, 2004.

Os documentos foram relevantes ao longo de toda a pesquisa e auxiliaram da seguinte maneira: a) apoio na contextualização da instituição, tanto para a compreensão do contexto histórico desde a sua fundação, como para a compreensão do funcionamento atual e do contexto histórico recente da instituição (últimos 10 anos); b) forneceram a base para a elaboração do roteiro da entrevista e familiarização com o campo; c) apoio no processo de análise e descrição da instituição. Os documentos analisados complementaram os conteúdos presentes nas entrevistas, oferecendo informações adicionais como, por exemplo, como descrições sobre eventos e celebrações na instituição, além de fornecerem informações sobre o espaço institucional. Para além dos registros pessoais da autora, foi possível acessar o acervo virtual da instituição por meio de suas redes sociais para ter maiores detalhes sobre o espaço físico e a composição espacial, que por vezes não foi possível registrar pessoalmente. Além disso,

---

<sup>15</sup> ASSISTENCIA SOCIAL DOM JOSE GASPAR. Ikoï-No-Sono. Site institucional da organização. Disponível em: <https://ikoinosono.org.br/>. Acesso em: 22/02/2023.

<sup>16</sup> ASSISTENCIA SOCIAL DOM JOSE GASPAR. Facebook: @ikoinosono. Disponível em: <https://www.facebook.com/ikoinosono>. Acesso em: 07/05/2023  
ASSISTENCIA SOCIAL DOM JOSE GASPAR. Instagram: @ ikoinosono. Disponível em: <https://www.instagram.com/ikoinosono/>. Acesso em: 07/05/2023

<sup>17</sup> ASSISTENCIA SOCIAL DOM JOSE GASPAR. Youtube: @IkoinoSonooficial. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCWwG9aLGJutao6lPBSur\\_eQ](https://www.youtube.com/channel/UCWwG9aLGJutao6lPBSur_eQ) Acesso em: 07/05/2023

também foram utilizadas imagens institucionais para ilustrar as atividades e celebrações existentes na entidade e que foram descritas nesta pesquisa.

A análise foi realizada principalmente por meio do método de análise de conteúdo de Bardin (2011), uma técnica de análise de comunicações que busca descrever o conteúdo das mensagens e seus significados. Inicialmente, foi realizada uma leitura livre dos documentos, com o objetivo de ter um contato inicial com o material e ter uma visão global do mesmo. Essa etapa menos estruturada permitiu à pesquisadora visualizar pistas e indícios não óbvios do material (CAMPOS, 2004). Em seguida, foram selecionadas as unidades de análise e, por fim, o conteúdo foi sistematizado, categorizado e classificado com base nos conteúdos dos documentos.

As imagens e vídeos também foram analisados como referências documentais da instituição, de suas ações sociais e visões de mundo, conforme proposto por BOHNSACK (2007). Os vídeos possibilitaram a captura de elementos que seriam difíceis de serem registrados por outros meios, como por exemplo, expressões faciais, corporais e verbais, ações e comportamentos. A principal vantagem desse método é que o vídeo pode ser assistido várias vezes, permitindo a descoberta de novos caminhos a serem seguidos (DIAS, CASTILHO, SILVEIRA, 2018). Ademais, foi realizado um painel semântico com imagens das áreas internas e externas da instituição para auxiliar no processo analítico do ambiente físico da entidade. Esse painel ajudou a compreender melhor a estrutura e a organização da instituição, permitindo uma análise mais detalhada do ambiente físico.

### **1.5.3 Entrevistas e observação**

Durante a pesquisa foi possível participar de visitas e eventos institucionais realizados dentro da sede da ILPI em Guarulhos. As entrevistas foram realizadas entre os meses setembro e dezembro de 2021. O primeiro evento foi uma reunião com familiares dos residentes, na qual a instituição convidou-os para uma palestra temática seguida de uma conversa e um almoço para promover a socialização entre eles antes de visitarem seus familiares. Outro evento relevante foi o 15o. *Koohaku Utagassen*, um festival anual de karaokê realizado dentro do Ikoino-sono para os idosos residentes. Também foi possível estar presencialmente na entidade durante o período das entrevistas com os funcionários e realizar visitas guiadas pela instituição. Devido às restrições impostas pela pandemia da Covid-19, não foi possível fazer visitas esporádicas ou acompanhar outras atividades junto aos idosos, a fim de evitar o risco de contaminação. Esses momentos dentro da ILPI foram fundamentais para as observações livres e participantes na entidade.

Além disso, a pesquisadora participou de um grupo virtual no aplicativo de mensagens WhatsApp composto por familiares e amigos da ILPI. Também teve a oportunidade de participar de reuniões periódicas realizadas pelo grupo para socialização e organização de ações para a instituição, como a arrecadação de presentes para os residentes e funcionários do Ikoino-Sono em datas comemorativas. Finalmente também foi possível participar de duas Assembléias Gerais Ordinárias dos Associados, ambas realizadas virtualmente pelo aplicativo Zoom; bom como atuar como voluntária em dois eventos: o 46º Bazar Beneficente em prol do Ikoino-Sono – um dos eventos mais conhecidos da entidade – e o Kansha Live, organizado em parceria com o Ministério de assuntos exteriores do Japão – MOFA.

Durante as visitas e encontros, foi possível observar e registrar as estruturas físicas da Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), bem como o trabalho e a interação dos funcionários, residentes e seus familiares. Além disso, esses momentos foram oportunidades para estabelecer relações próximas com pessoas-chave e realizar conversas informais. Foi utilizado caderno de campo para registro de percepções, diálogos e informações obtidas durante toda a pesquisa.

As entrevistas desempenharam um papel de destaque tanto na coleta como para a análise dos dados. Por meio delas foi possível identificar nuances, padrões e relevâncias de determinados temas em detrimento de outros. No total, foram realizadas 25 entrevistas semi-estruturadas com funcionários do Ikoino-Sono, 3 com voluntários e 7 com familiares de residentes da entidade. Compreende-se que o ponto de saturação foi atingido<sup>18</sup>.

#### **1.5.4 Local e Participantes**

A pesquisa foi realizada em uma instituição da comunidade japonesa do Estado de São Paulo, a ILPI Jardim de Repouso São Francisco (Ikoino-Sono). Os funcionários participantes das entrevistas foram selecionados entre os colaboradores da ILPI em Guarulhos. Houve apenas uma exceção que foi a diretora Sonoko Yoshiasu. Ela foi entrevistada por uma indicação do atual presidente da entidade, não apenas por ser uma diretora, mas porque ela foi a primeira funcionária da entidade, era assistente social e poderia trazer contribuições valiosas sobre o histórico e visão geral da instituição.

Como o objetivo da pesquisa era compreender a composição da ambiência e o dia a dia da entidade, o foco das entrevistas centrou-se nos funcionários da unidade de Guarulhos, que é

---

<sup>18</sup> O ponto de saturação em uma coleta de dados qualitativa refere-se ao momento em que nenhum novo elemento é encontrado com novos dados coletados. Isto é, o acréscimo de novas informações não altera a compreensão do fenômeno estudado. “É um critério que permite estabelecer a validade de um conjunto de observações” (THIRY-CHERQUES, 2009, p.21).

onde moram os idosos. Em linhas gerais a ILPI divide-se em três coordenações, a coordenação social, a administrativa – que inclui as sub-áreas de coordenação administrativa, recursos humanos, financeira, manutenção, motorista, segurança, doação, recepção, nutrição e limpeza – e a coordenação técnica – que engloba a geriatria, terapia ocupacional, fisioterapia, psicologia, enfermagem, serviço social. Com o intuito de ter uma perspectiva mais abrangente da entidade, buscou-se entrevistar ao menos uma pessoa de cada área. Com o decorrer das entrevistas percebeu-se a necessidade de haver maior ênfase de entrevistas com a equipe de enfermagem e cuidadores, que ao final representaram cerca de 30% dos entrevistados.

Compreendeu-se que, para fins desta pesquisa, todos os participantes acima mencionados eram potenciais sujeitos e, portanto, o único critério de inclusão era que o entrevistado fosse funcionário da unidade de Guarulhos. As entrevistas com os funcionários foram realizadas presencialmente na ILPI em horários pré-agendados com a psicóloga da entidade, que organizou todo este processo. Os entrevistados do dia eram estipulados com base na disponibilidade da equipe no dia e horário da entrevista, dado que a escala de diversos setores, principalmente das enfermeiras e cuidadores, mudava a cada semana. A participação na entrevista era voluntária e ocorria dentro do horário de trabalho dos funcionários.

Os voluntários foram entrevistados com base em indicações de familiares e funcionários. Seu número foi reduzido porque no momento da pesquisa de campo os voluntários não podiam trabalhar na ILPI e não foi possível contatar uma grande quantidade de pessoas. Os familiares entrevistados foram convidados a participar da pesquisa presencialmente, nos encontros acima mencionados, e virtualmente pelo grupo de WhatsApp. As entrevistas com voluntários e familiares foram realizadas por telefone.

### ***1.5.5 Questões éticas***

A presente pesquisa foi aprovada em 15 de abril de 2021 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, sob o CAAE 43476921.1.0000.5390, parecer 4.652.412. Os participantes foram convidados a conhecer e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C) para concessão e divulgação, a fins científicos e acadêmicos, do áudio das entrevistas. A Instituição de longa permanência assinou um termo de autorização para a realização da pesquisa na entidade (Apêndice D).

### ***1.5.6 Instrumento de pesquisa, tratamento e análise dos dados***

O roteiro das entrevistas semi-estruturadas (Apêndice A) com funcionários e voluntários foi o mesmo e era composto de 16 perguntas divididas em 3 partes. Para os voluntários os

termos eram adaptados durante a entrevista para sua realidade. As perguntas para o roteiro com os familiares (Apêndice B) foram adaptadas, mas as seções eram as mesmas do roteiro com funcionários.

- 1) Dados básicos e perguntas introdutórias: esta seção introdutória tinha o objetivo de obter dados básicos e compreender o lugar de fala das pessoas entrevistadas<sup>19</sup> (Fischer, 1985).
- 2) Sobre a instituição e ambiência em geral: nesta seção procurou-se compreender os elementos relacionados à ambiência da entidade e quais eram os principais diferenciais da instituição. A composição do espaço físico, as relações de trabalho, e compreender se os elementos étnicos e culturais eram citados espontaneamente, de que maneira e em quais contextos.
- 3) Sobre etnicidade e cultura: nesta seção procurou-se mapear os elementos étnicos presentes na entidade, sua relação com o dia a dia dos residentes e com a ambiência institucional. Como eles se relacionavam com as informações da seção prévia, com o bem-estar dos residentes, e se contribuíam com o pertencimento e independência dos residentes.

As entrevistas na entidade foram realizadas de forma presencial e individual em uma sala designada pela instituição – a única exceção foram funcionárias da fisioterapia que preferiram realizar a entrevista conjuntamente. Devido à extensão do roteiro, foram selecionadas previamente perguntas mais relevantes para cada área da entidade. O processo foi conduzido de forma aberta, como uma conversa na qual os participantes falavam sobre os assuntos que consideravam mais pertinentes, e a entrevistadora fazia intervenções para abordar pontos relevantes para a pesquisa, quando estes não surgiam espontaneamente. Ao longo do processo de entrevistas, foi realizada uma pré-análise do material, com o objetivo de levantar dúvidas, categorias e padrões mencionados pelos entrevistados, os quais foram aprofundados ou esclarecidos em entrevistas posteriores.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Inicialmente foi feita uma leitura livre das entrevistas, neste processo as primeiras codificações e categorizações das respostas foi realizado. Posteriormente as respostas de todos os entrevistados foram transpostas para uma planilha no programa Microsoft Excel. Isso permitiu ter uma visão geral das respostas de cada

---

<sup>19</sup> De acordo com Fisher “os indivíduos mantêm diferentes posições na sociedade, diferentes percepções, interesses, papéis, e de suas negociações e conflitos surge um universo social plural no qual podem coexistir e competir muitos pontos de vista opostos” (FISCHER, 1985, p 57). Disto resulta que, se há muitas leituras possíveis de um mesmo fenômeno cultural, em uma interpretação é preciso explicitá-las e localizá-las a partir do lugar de fala dos atores sociais.

entrevistado e das respostas temáticas relacionadas a cada pergunta. Em seguida, realizamos uma análise e síntese das respostas por pergunta, categorizando-as por tema e separando os trechos relevantes das entrevistas.

## **CAPÍTULO 2 - O ENVELHECIMENTO NA COMUNIDADE NIPO-BRASILEIRA DE SÃO PAULO E IKOI-NO-SONO**

Este capítulo tem como objetivo discutir o envelhecimento na comunidade nipo-brasileira de São Paulo e a situação dos idosos dentro dessa comunidade. Para tanto, é importante fazer uma breve introdução sobre a comunidade nipo-brasileira, iniciando com um histórico da imigração japonesa para o Brasil. A partir daí, serão abordados aspectos relevantes sobre a situação dos idosos e do envelhecimento nessa comunidade, incluindo questões culturais e socioeconômicas. Por fim, será feita uma apresentação da instituição pesquisada, o Ikoï-no-Sono, que se destaca por oferecer um ambiente culturalmente adequado para os idosos residentes. O capítulo busca, assim, contribuir para a compreensão da situação dos idosos na comunidade nipo-brasileira e das demandas específicas desse grupo em relação ao envelhecimento.

### **2.1 Breve histórico sobre imigração japonesa no Brasil e da comunidade nipo-brasileira**

A imigração japonesa para o Brasil se insere no contexto das grandes migrações globais do final do século XIX e início do XX<sup>20</sup> primordialmente da Europa e Ásia para o continente americano (LEÃO, 1990). O Japão entrou tardiamente neste movimento, somente a partir de 1880 iniciou um fluxo significativo de imigrantes japoneses para trabalhar, principalmente, no Haváí e nos Estados Unidos.

Durante o período do xogunato Tokugawa, de 1639 a 1854, o Japão esteve fechado para o exterior. O país possuía apenas relações e intercâmbio limitado com China, Coreia e a feitoria holandesa em Nagasaki. No período de transição entre o fim do governo Tokugawa e início da Restauração Meiji (1868) – que representa a acelerada modernização do Japão – as transformações políticas e sociais do período provocaram uma série de crises internas e a imigração foi um dos caminhos encontrados pelo governo para lidar com a situação (LEÃO, 1990; SBCJ, 1992). Até o início da Segunda Guerra Mundial emigraram do Japão cerca de 1 milhão de pessoas com destino a 35 países. Destes imigrantes, 37% destinaram-se ao Haváí e América do Norte e cerca de 25% destinaram-se para as Américas Central e do Sul, sendo o Brasil o principal destino. O país recebeu quase 190 mil pessoas neste período e o Peru, segundo

---

<sup>20</sup> Na primeira metade do século XIX entre 70 e 75 milhões de pessoas migraram voluntariamente de país, destes 85% eram europeus que, em sua maioria, migraram para o continente americano. A migração europeia foi motivada por fatores políticos e religiosos, assim como por fatores econômicos como crises agrícolas e desemprego – estes decorrentes das transformações ocorridas pela Revolução Industrial iniciada no século XVIII. (LEÃO, 1990)

maior destino latino-americano, 33mil (SBCJ, 1992; ÖLSCHLEGER, 2003).

A relação entre o Japão e o Brasil se iniciou ainda no final do sec. XIX e foi oficializada em 5 de novembro de 1895 com a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação que permitiria nos anos decorrentes o início da corrente imigratória entre os países (LEÃO, 1990). No Brasil a grande força motriz por trás deste processo era a cafeicultura paulista que, desde antes da abolição da escravidão em 1888, estava em busca de mão de obra para a lavoura. Desde 1886/87 os imigrantes<sup>21</sup> passaram a substituir a mão de obra escrava e o governo de São Paulo adotou uma série de medidas para incentivar processos migratórios como: a criação da hospedaria de imigrantes; a realização de propagandas no exterior; a implantação de inspetores nos portos de embarque e, no caso do Japão, o governo paulista pressionou para o fim do decreto de 1890 que proibia a imigração de asiáticos para o país e subvencionou parte dos custos de viagem e estabelecimento dos imigrantes no período de 1908 a 1921 (LEÃO, 1990; SBCJ, 1992).

Desta maneira, no dia 18 de junho de 1908 chega ao porto de Santos o navio Kasato Maru que trazia 781 imigrantes japoneses “(165 famílias com 733 membros e mais 48 avulsos) pela Companhia Imperial de Colonização Ltda. (...) Era o começo da imigração contratada para as fazendas de café do Estado de São Paulo” (SBCJ, 1992, p.63). Não obstante as dificuldades dos imigrantes, o fluxo de japoneses para o Brasil seguiu praticamente ininterrupto até 1941. Nestes 33 anos ingressam no país 188.309 imigrantes japoneses, sendo a maior concentração de imigrantes durante o período de 1925 a 1941<sup>22</sup> (SBCJ, 1992). A imigração foi interrompida durante a Segunda Guerra Mundial, mas o processo foi retomado no pós-guerra durante a década de 1950 – novamente em função das condições econômicas do Japão no período – e seguiu até a década de 1970 quando o a imigração do Japão para o Brasil praticamente se encerra (PEREIRA, OLIVEIRA, 2008).

As estratégias de vida e de organização adotadas pelos imigrantes mudaram significativamente ao longo deste período em função dos contextos econômicos e sociais do

---

<sup>21</sup> Entre 1881 e 1915 o Brasil recebeu quase 3 milhões de imigrantes dos quais a grande maioria era de italianos. Da Europa vieram também portugueses, espanhóis, russos e alemães entre outros (LEÃO, 1990).

<sup>22</sup> No período de 1925 a 1941 ingressam aproximadamente 137 mil imigrantes japoneses no Brasil. Este crescimento substancial é consequência, por um lado das amplas restrições impostas à imigração de asiáticos para os Estados Unidos (e Havai), Canadá e Austrália e por outro lado, o fato de o governo japonês ter assumido a imigração para o Brasil como política de estado (Kokusaku imin). Entre as diversas medidas do governo japonês para estimular a emigração estão: a ampliação do Ministério dos Negócios Estrangeiros (*Gaimushō*); oferecia aos imigrantes 200 yens para a passagem de navio e a comissão de 35 yens (antes destinada à empresa de imigração); (SBCJ, 1992) e “Em 1927, pelo decreto imperial n.º 229, foi construída unia ampla hospedaria de emigrantes na cidade de Kobe. Um edifício de concreto armado de cinco andares, com capacidade para 600 pessoas. Em 1930 foi ampliada para hospedar 1.300 pessoas” (SBCJ, 1992. P.141).

Brasil e do mundo. Se em um primeiro momento os imigrantes vieram com o intuito de juntar dinheiro e retornar rapidamente ao Japão, os chamados *dekassegui*<sup>23</sup> (MAEYAMA, 1982), a baixa remuneração, o endividamento e as péssimas condições de vida encontrada pelos imigrantes inviabilizaram tal estratégia. Os imigrantes passaram a buscar novas alternativas voltadas à prorrogação da permanência no Brasil, mas ainda com o intuito de retornar ao Japão (MORI, 2008). Neste período fundaram as primeiras “colônias de imigrantes” japoneses (*shokuminchi*). As colônias eram agrupamentos de japoneses que viviam em uma mesma região ou que adquiriam lotes de terras e que possuía uma organização social muito próxima das chamadas *muras* japonesas<sup>24</sup> – aldeia rural (SBCJ, 1992). Além das colônias formadas de maneira espontânea, houve apoio e incentivo do governo japonês para sua constituição e manutenção.

Nesse sentido, destaca-se a diferença entre o processo migratório dos japoneses e o estabelecimento de colônias de imigrantes de outras nacionalidades no Brasil. Enquanto os governos de outros países, como Itália, Espanha ou Portugal, limitavam-se a proibir novas saídas subsidiadas em casos de maus-tratos aos trabalhadores imigrantes no Brasil, por exemplo, o governo japonês adotava uma abordagem significativamente diferente, buscando garantir a permanência dos imigrantes no país (LESSER, 2014).

Para isso, o governo japonês tinha uma postura ativa ao incentivar a migração e facilitar a adaptação no território brasileiro, inclusive na resolução de conflitos enfrentados pelos imigrantes. Por exemplo, o governo japonês atuou como mediador em disputas entre os imigrantes e os fazendeiros, negociando greves ou transferências de famílias. Além disso, diante do aumento expressivo da fuga de imigrantes japoneses das fazendas, o governo passou a organizar e subsidiar colônias exclusivamente japonesas. De acordo com Lesser (2014), as colônias financiadas por governos estrangeiros representaram uma abordagem inovadora para o estabelecimento de assentamentos rurais.<sup>25</sup> No caso do Brasil, os subsídios dispendiosos

---

<sup>23</sup> “palavra japonesa, “dekassegui (出稼ぎ)” foi usada inicialmente para se referir à prática de trabalho temporário envolvendo a migração das regiões rurais para as cidades no Japão. O significado foi estendido para se referir à emigração japonesa deste período, na era Meiji, na qual muitos pretendiam trabalhar regressar ao país. Atualmente, o termo entrou nos dicionários portugueses para se referir ao trabalho temporário dos (brasileiros) descendentes de japoneses no Japão” (TSUDA, 1999).

<sup>24</sup> “(...) os “assuntos públicos” ou de “interesse coletivo” da colônia passam a ser tratados e administrados por ordenação e regulamentos de caráter idêntico ao daqueles da mura (aldeia rural) do Japão. (...) Todos os assuntos de interesse coletivo ou “assuntos públicos”, como eram chamados, tais como festas de aniversário, casamentos ou cerimônias fúnebres, seguiam o modelo adotado pela mura no Japão. Graças a esse relacionamento do tipo aldeão (mura), estabelecia-se uma ordem social entre os colonos. (SBCJ, 1992, p.92)

<sup>25</sup> Além das colônias oficiais do governo japonês, havia outras formas da criação das colônias como a compra de terras por parte dos imigrantes no Brasil, a compra de terras no Japão: Capital privado do Japão adquire terras ou recebe concessão de terras devolutas, loteando-as e colonizando-as com imigrantes residentes no Japão ou imigrantes que se deslocam diretamente do Japão para essas áreas. Esses núcleos coloniais são

oferecidos aos trabalhadores foram substituídos por doações de terras em áreas com pouca atividade agrícola, o que levou muitos imigrantes a serem vistos como pioneiros. Para os japoneses, as colônias administradas pelo Estado representavam o fim das dificuldades com os proprietários de terras. Essas colônias proporcionavam lucro aos imigrantes e desencorajavam seu retorno ao Japão (LESSER, 2014).

As colônias eram ambientes relativamente fechados onde havia a predominância do idioma japonês no qual os imigrantes “não precisariam se incomodar com a presença de ‘*gaijins*’ (estrangeiros, isto é, brasileiros)” (MORI, 2008, p.73). Para organizar a vida dentro das colônias, os imigrantes formavam associações, conhecidas como *nihonjin-kai*, que cuidavam de questões coletivas e prestavam assistência mútua, incluindo a compra de terras, a construção de casas e outras atividades. Além disso, havia também as associações femininas (*fujinkai*) e de jovens (*seinenkai*), que promoviam diversas modalidades esportivas entre os jovens. Nas colônias, eram realizadas competições internas e competições entre diferentes colônias (SBCJ, 1992; IZUMI, 2012). Do ponto de vista de educação, muitas colônias criaram escolas japonesas com o intuito de preservar a língua, cultura e a moral japonesa (OKAMOTO, 2018), em 1939 havia 486 escolas com 30 mil alunos (SBCJ, 1992). Com relação à moradia, Saito (1961) em sua pesquisa sobre a mobilidade e a integração dos imigrantes japoneses na sociedade brasileira, descreve como, no início, os imigrantes tentaram reproduzir padrões japoneses nas moradias no Brasil, mas eram limitadas aos materiais e meio físico local. Por esta razão desde o princípio havia uma combinação de traços culturais, estilos arquitetônicos e na disposição dos cômodos das residências. Segundo o autor, inicialmente, a disposição dos cômodos nas casas dos imigrantes assemelhava-se às moradias rurais do Japão, com esteiras que substituíam os tatames japoneses. Gradualmente os padrões foram mudando, e os imigrantes foram adotando os padrões das casas brasileiras, assim como o mobiliário, como o uso de camas – ou redes na região norte do país – em vez de tatames no chão, e mesas e cadeiras ocidentais.

Durante a fase inicial de adaptação no Brasil, outro ponto significativo era a alimentação. Devido à falta de temperos e ingredientes japoneses como *shôyu* e arroz japonês, os imigrantes recém-chegados buscavam encontrar substitutos para os pratos tradicionais japoneses, como pickles de mamão ou vegetais cozidos no estilo japonês (HANDA, 1987; SAITO, 1961). Em geral, os pratos consumidos eram de origem japonesa, porém preparados com ingredientes

---

diferenciados dos formados por imigrantes antigos, chamados de *shokuminchi*, recebendo o nome de *ijû-chi* e a concentração de arrendatários (SBCJ, 1992).

brasileiros. Somente nas décadas seguintes é que temperos tradicionais japoneses, como o *shôyu*, passaram a ser produzidos e comercializados no país<sup>26</sup>.

Com relação à socialização, a comunidade nipo-brasileira se destacava por sua inclinação a ser fechada para pessoas de outras origens étnicas, e os casamentos entre diferentes grupos étnicos eram pouco comuns. Tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais, as uniões matrimoniais ocorriam principalmente dentro da própria comunidade japonesa. Segundo Bassanezi e Truzzi (2008), essa tendência endogâmica provavelmente era resultado das escolhas de casamento dos imigrantes japoneses e também das restrições impostas pela sociedade mais ampla. Conforme evidenciado por um estudo realizado no final da década de 1940, envolvendo jovens universitários em São Paulo, apenas 23% deles demonstraram aceitação em ter um parente japonês por meio do casamento (MARTUSCELLI, 1950, apud BASSANEZI, TRUZZI, 2008). Além disso, pesquisas realizadas nas décadas de 1940 e 1950 sobre estrangeiros no país revelaram que os japoneses eram os que mais mantinham o uso de sua língua nativa. Cerca de 85% dos japoneses nascidos no Japão não falavam regularmente o idioma português em seus lares (BASSANEZI, TRUZZI, 2008).

O enfraquecimento da economia cafeeira e a crise econômica do próprio Japão – que passou a subvencionar a vinda de imigrantes a partir de 1925 –, a eclosão da Segunda Guerra Mundial – com a interrupção das relações diplomáticas entre Brasil e Japão – e a adoção, por parte do Brasil, de uma série de restrições aos estrangeiros em território nacional, alteraram novamente as perspectivas e estratégias dos imigrantes. O tempo prolongado de estadia no país, a falta de perspectiva de retorno à pátria somados “ao acúmulo de algum patrimônio durante o período da Guerra” (MORI, 2008, p.73), levaram os imigrantes a adotarem estratégias para a permanência definitiva no Brasil e buscar a ascensão econômica e social, principalmente, nas cidades. Neste processo é forjada uma nova identidade étnica entre os imigrantes, o “*colônia-jin*” (“gente da colônia” ou “japonês do Brasil”). Trata-se de criar uma distinção étnica/racial entre si e outros brasileiros, ao mesmo tempo em que, por outro lado, também cria uma distinção entre si e os japoneses do Japão, num processo de dupla diferenciação” (MORI, 2008, p.73). Atualmente o termo “*nikkei-jin*”<sup>27</sup> ou apenas *nikkei* é mais utilizado para designar as pessoas, assim como, a cultura e a comunidade japonesa no Brasil (MAEYAMA, 1979; HOSOKAWA,

---

<sup>26</sup> “Em 1933, o jornal *Seishu Shimpô* registrou cerca de 160 lojas de produtos japoneses somente na cidade de São Paulo, sendo as famosas a Casa Hase, Casa Endo, Casa Nakaya, Casa Kunii, Casa Ito e, obviamente, a Casa Fujisaki.” (OKAMOTO, NAGAMURA, 2015. P 166)

<sup>27</sup> O termo *nikkei-jin* ou sua abreviação *nikkei* significa “pessoas de origem japonesa, nascidas fora do Japão”. A palavra *nikkei* “está sendo utilizada desde a Convenção Panamericana *Nikkei* ocorrida em 1985, em São Paulo, que adotou a terminologia para todos os descendentes de japoneses nas Américas” (SAKURAI, 1992, p.21).

SAKAGUCHI, UTSUNOMIYA, 2021).

O processo de construção da identidade dos imigrantes japoneses no Brasil foi amplamente discutido na literatura sobre o tema (MAEYAMA, 1973; LESSER, 2001; TSUDA 2000; MORI, 2003; SILVA, 2008; ISCHIDA, 2010; HATUGAI, 2011) e passou por várias mudanças ao longo do tempo, enfrentando contestações e sendo moldado de diferentes maneiras. Embora não seja o foco desta dissertação aprofundar-se no debate identitário entre os descendentes de japoneses, essa discussão contribui para a compreensão da constituição do ambiente e da ambiência da (ILPI) pesquisada. Lesser (2001) apresenta algumas destas fases de construção identitária. Na década de 1930, as discussões giravam em torno da percepção de que os japoneses estavam ocupando empregos, o que gerou debates entre aqueles que se opunham à sua presença e aqueles que defendiam seus níveis de produtividade. Durante as décadas de 1940 e 1950, as tensões resultantes da Segunda Guerra Mundial e as atitudes antijaponesas levaram os membros das comunidades japonesa e nikkei a reagirem buscando uma identificação mais forte com sua cultura japonesa. Um exemplo disso foi a substituição do culto aos ancestrais pelo culto ao imperador como forma de preservação identitária no Brasil (REICHL, 1995 apud LESSER, 2001). Ao mesmo tempo, os *nikkeis*, ao adotarem estratégias de permanência definitiva no Brasil no pós-guerra, passaram a se considerar brasileiros e buscaram estratégias de ascensão social e integração das novas gerações na sociedade brasileira (MORI, 2008; CARDOSO, 1959).

A socióloga Ruth Cardoso (1959) analisou a aculturação dos japoneses de segunda geração, os *nisseis*, destacando a dualidade de orientações enfrentada por esses jovens dentro de suas famílias. Por um lado, esperava-se que eles se tornassem membros da comunidade japonesa no Brasil, mantendo os valores e tradições nipônicas. Por outro, havia a expectativa de que ascendessem socialmente na sociedade brasileira, o que implicava aprender e se integrar aos códigos culturais e papéis ocidentais. A autora ressaltou a importância das associações juvenis e a influência da urbanização no processo de assimilação. Em consonância com essa perspectiva, Okamoto e Nagamura (2015) observaram que os japoneses residentes na cidade de São Paulo se integraram mais rapidamente aos costumes locais em comparação com as comunidades *nikkeis* rurais. Como exemplo, os autores mencionaram a adoção de vestimentas ocidentais, como o uso de paletó e gravata por trabalhadores *nikkeis* em São Paulo, mesmo que fossem carpinteiros ou motoristas de taxi (OKAMOTO, NAGAMURA, 2015).

Nas décadas seguintes, a questão da "integração" ou "assimilação" dos japoneses e seus descendentes no Brasil passou a ser um elemento central para os imigrantes e nos discursos

produzidos sobre eles (ISCHIDA, 2010). Entre as estratégias de integração adotadas, para além dos novos hábitos e comportamentos, Lesser (2001) destaca o aumento considerável dos casamentos interétnicos entre os nipo-brasileiros. Ao contrário dos primeiros anos, o autor relata que em algumas regiões do país a taxa chegava a ser 60%.

Apesar da maior integração dos nikkeis à sociedade brasileira, vários pesquisadores destacam o fato de os descendentes de japoneses ainda serem vistos como "japoneses" pelos interlocutores brasileiros. Além disso, muitos nipo-brasileiros optam por assumir uma identidade de "minorias étnicas japonesa" (LESSER, 2001; TSUDA, 2000). Lesser (2001) ressalta como as características físicas dos descendentes são importantes marcadores de diferença em relação aos brasileiros e até mesmo entre outros grupos estrangeiros, que categorizam imediatamente os *nikkeis* como japoneses. Além da tendência dos brasileiros em considerar os nipo-brasileiros como japoneses, Tsuda (2000) destaca que o status que o Japão adquiriu no Brasil, principalmente nas décadas de 80 e 90, como potência global e referência tecnológica, juntamente com a imagem do país como detentor de uma tradição cultural de honestidade, disciplina, inteligência e responsabilidade, influencia muitos nipo-brasileiros a se identificarem e reforçarem sua identidade étnica japonesa, em detrimento da identidade brasileira. Neste sentido, Lesser (2001) introduziu o conceito de "identidade hifenizada" para descrever identidades como a dos nipo-brasileiros, que são resultantes da fusão de múltiplas identidades étnicas. O uso do hífen visa reconhecer a dualidade de pertencer a duas culturas e, ao mesmo tempo, não se identificar plenamente com nenhuma delas<sup>28</sup>.

Machado (2011) analisou esse processo sob a perspectiva da etnicidade e introduziu o conceito de "japonesidades". Esse termo busca abordar a identidade dos descendentes de japoneses no Brasil de forma mais ampla e diversificada. O autor optou pelo uso do plural "japonesidades" em vez de "identidade nipo-brasileira", com o objetivo de ressaltar a multiplicidade e complexidade das identidades étnicas envolvidas.

Essa escolha de palavras aproxima a reflexão do conceito de grupos étnicos de Barth (1969). O conceito de "japonesidades múltiplas" desafia a ideia de limites e diferenças fixas entre japoneses e brasileiros. Em vez de se concentrar apenas na ascendência e na raça, reconhece-se que existem outros processos de produção da japonesidade que vão além da consanguinidade e da aparência física. Nesta perspectiva, portanto, não se trata de ser "mais ou

---

<sup>28</sup> Esta fala de um entrevistado de Lesser (2001) representa bem este conceito: "No Brasil eu sou estrangeiro. Apesar de gostar do Brasil, eu sinto que eu não tenho nacionalidade e me sinto como um cigano. Eu quero me tornar um brasileiro perfeito, mas isso é impossível. Mas, no Japão, eu me sinto como um estrangeiro, também" (LESSER, 2001, p. 297)

menos" japonês ou brasileiro, mas sim de ser japonês ou brasileiro à sua maneira. Se os indivíduos são considerados “brasileiros à japonesa” ou “japoneses à brasileira” depende do contexto de referência (MACHADO, 2011).

## **2.2 Idosos e o envelhecimento na comunidade nipo-brasileira**

Durante as primeiras décadas da imigração, a população japonesa no Brasil era predominantemente jovem. Isso se deve ao fato de que a maioria dos imigrantes veio em idade para trabalhar e pretendia retornar ao Japão. Somente após 1932, quando o governo de Tóquio passou a subsidiar as viagens, o número de famílias que viajavam com idosos e crianças aumentou. No entanto, ainda assim, o número de idosos não era significativo (SBCJ, 1992).

A partir da década de 1950, após quase 50 anos da chegada dos primeiros imigrantes no Brasil, a preocupação com os idosos começou a aparecer dentro da comunidade nipo-brasileira. Em 1958 fundou-se o primeiro asilo para idosos japoneses no país, o Jardim de Repouso São-Francisco (Ikoi-no-Sono) e em 1959 é criada a Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo (Enkyo), que também apoiava os idosos. Os jornais da colônia japonesa abordam a questão do envelhecimento principalmente a partir da década de 1970 e sua análise mostra uma comunidade que se preocupa com o envelhecimento de sua população (IZUMI, 2008). A imprensa de língua japonesa levantava preocupações com o aumento de casos de idosos solitários, com pobreza e crescente fragilização dos idosos e divulgavam as casas de repouso existentes, os eventos para idosos e realizavam homenagens aos idosos japoneses e *nikkeis* (IZUMI, 2008; BNBS, 1999). Apesar da existência dos asilos, era apenas uma minoria de idosos que viviam neste tipo de instituição. Os residentes do Ikoi-no-sono, por exemplo, eram idosos que não tinham família no Brasil e que precisavam de ajuda financeira (ASDJG, 2013a; KANAMOTO, 2013).

Kanamoto (2013), antropóloga japonesa que pesquisou o envelhecimento dos idosos japoneses no Brasil, relata que os cuidados com os idosos, especialmente os acamados, eram primordialmente responsabilidade das famílias. O cuidado era realizado por meio de cuidadores, quando possível, ou pelas filhas e noras dos idosos, como era costume na sociedade japonesa do início do século XX. Para retratar as dificuldades do cuidado familiar, principalmente nas zonas rurais, a pesquisadora destaca o seguinte depoimento de um familiar que residia em uma zona rural no estado do Paraná durante a década de 1970:

“... Uma vez meu marido e eu morávamos no campo e nos dedicamos à agricultura... Minha sogra acamada era obstinada (...) um dia veio um filme japonês para Londrina. Minha sogra queria ver por que assistir filmes japoneses era o único prazer da vida dela... Não tínhamos carro naquela época. Então eu a carreguei nas costas por horas,

até o teatro. (...) ela disse “obrigada” para mim. Essa foi a primeira e última vez que ouvi um “obrigado” dela. Ainda me lembro das palavras dela...” (KANAMOTO, 2013, p.103)

Embora os cuidados com os idosos fossem principalmente realizados pelas famílias, a partir da década de 1970, relatou-se na comunidade uma grande quantidade de idosos que viviam em residências separadas dos filhos, principalmente nos centros urbanos. Uma pesquisa conduzida em 1976 pela Beneficência Nipo-Brasileira Enkyô constatou que "há muitos casos de residência em separado dos filhos, escasso relacionamento com os vizinhos e tendência ao isolamento" (CENB, 1996, p. 227). Outro levantamento realizado pela entidade revelou que essa tendência se manteve nas décadas seguintes. A pesquisa de 1996, com uma amostra de idosos *nikkeis* do Estado de São Paulo e norte do Paraná, revelou que "aproximadamente 40% dos idosos vivem sozinhos ou apenas com o cônjuge" (BNBSP, 1999, p. 58). Embora essa situação tenha levantado preocupações entre as entidades assistenciais da época, isso não significou necessariamente que os idosos estivessem desassistidos. Yanagisako (1984), que estudou as mudanças nos arranjos familiares *nikkeis* nos Estados Unidos, aponta que também houve uma mudança de padrão de habitação e a redução da co-residência entre os idosos e seus filhos. Com relação aos cuidados com os idosos, a autora relata que eles se mantiveram, mas de maneira distinta. Antes, a responsabilidade de cuidar dos pais cabia ao filho mais velho e sua esposa, que residiam na mesma casa que seus pais. Com as novas gerações, esse costume foi ressignificado e a responsabilidade de cuidar dos pais idosos passou a ser distribuída entre todos os filhos, que por sua vez, não residiam mais com seus pais (YANAGISAKO, 1984).

De todas as maneiras, o aumento da quantidade de idosos e da longevidade dos idosos *nikkeis* trouxeram novas situações e desafios a serem superados tanto dentro dos núcleos familiares quanto na comunidade nipo-brasileira em geral. Kanamoto (2013) aponta a barreira linguística como um problema para os idosos japoneses, mesmo dentro de suas famílias. Como a maior parte dos idosos eram *issei* –japoneses de primeira geração que imigraram para o Brasil – ou *jun-nissei* – filhos de *issei*, nascidos e socializados no Japão que vieram ao Brasil muito jovens – muitos falavam apenas o idioma japonês e compreendiam pouco o português. Seus familiares, por outro lado, eram descendentes de segunda e terceira geração (*nissei* e *sansei* respectivamente) e embora compreendessem o japonês, não sabiam falar adequadamente o idioma. Tal barreira de comunicação acarretava o sentimento de solidão e isolamento destes idosos (KANAMOTO, 2013). Um outro desafio era financeiro, um levantamento realizado em 1991 pelo Enkyô mostrou que entre os 50.000 idosos japoneses que moravam no Brasil, apenas 50% recebiam aposentadoria do governo brasileiro e que cerca de 1.000 idosos necessitavam

de algum tipo de auxílio (financeiro ou de cuidados) (BNBSP, 1999).

Neste ponto interessa destacar como a comunidade étnica nipo-brasileira e o governo japonês tiveram um papel importante para mitigar as dificuldades e promover o bem-estar dos idosos japoneses e *nikkeis* no Brasil. Entre as diversas iniciativas desenvolvidas podemos citar: o pagamento de pensão pelo governo japonês e de províncias japonesas a alguns idosos japoneses que viviam no Brasil; a realização de viagens de visita e de retorno de idosos japoneses que residiam no Brasil a suas províncias de origem; a realização de homenagens e condecorações do governo japonês e de províncias japonesas a idosos acima de 80 anos; o envio de especialistas japoneses para conscientizar e capacitar entidades da comunidade nipo-brasileira sobre envelhecimento; a realização de pesquisas sobre a situação dos idosos *nikkeis* no Brasil e o apoio financeiro tanto da comunidade nipo-brasileira quanto do governo japonês para entidades assistenciais *nikkeis* como o Enkyo – Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo e a Assistência Social Dom José Gaspar entre outras (IZUMI, 2010; BNBSP, 1999). Uma importante iniciativa visando o bem-estar na velhice foi o incentivo da criação dos clubes para idosos, chamados clube de anciãos ou *Rōjin clubs*. Os clubes são espaços de encontro e socialização dos idosos japoneses e *nikkeis*. Nestas instituições são realizadas atividades esportivas e ginástica para idosos, canto de canções japonesas, haikai (poemas japoneses), caligrafia e clássicos japoneses, dança entre outros. Em 2010, havia mais de 100 clubes de anciãos no Brasil, com cerca de 13.0000 membros (KANAMOTO, 2013)<sup>29</sup>.

Finalmente, houve a criação das ILPIs da comunidade nipo-brasileira. Embora para muitos japoneses e nipo-brasileiros estas instituições fossem consideradas locais de abandono ou “*obasute-yama* - lugar isolado nas montanhas onde velhos e velhas eram abandonados por suas famílias” (KANAMOTO, 2013, p.101) muitos idosos e famílias necessitavam do apoio das ILPIs. Durante a década de 1990, a demanda por estes serviços foi muito superior à oferta. As instalações *nikkeis* para idosos possuíam capacidade para 336 pessoas e destas, apenas o Iko-no-sono tinha capacidade para acolher idosos com algum tipo de dependência física (BNBSP, 1999). No levantamento realizado pelo Enkyo na mesma época, “mais da metade dos (idosos) necessitados está alojada nas instituições não-*nikkei* ou vive precariamente à custa de caridade” (BNBSP, 1999, p.50). A preocupação com a alocação dos idosos em entidades não-*nikkei* se daria em função da dificuldade reportada pelos idosos em se acostumar com “as instalações mantidas por brasileiros no tocante à alimentação e costumes” (BNBSP, 1999,

---

<sup>29</sup> Em 2020 a Associação dos Clubes de Anciões do Brasil informou em entrevista que em função do falecimento dos idosos muitos clubes estavam fechando, mas eles ainda existem pelo país. Não foram encontrados dados atualizados sobre a quantidade de clubes e seus membros.

p.59). Kanamoto (2013) também salientou o fato de que as famílias nipo-brasileiras e os idosos japoneses possuíam mais confiança nas instituições de herança étnica.

Atualmente no Estado de São Paulo há duas entidades filantrópicas da comunidade nipo-brasileira que administram 5 ILPIs. A Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo – Enkyô que possui 4 ILPIs: Casa de Repouso Akebono em Guarulhos, Casa de Repouso Ipêlandia em Suzano, Casa de Repouso – Santos Kosei Home e o Recanto de Repouso Sakura Home em Campos do Jordão. A entidade também criou um Centro de Convivência do Idoso (CCI) – que tem como objetivo promover o encontro de idosos independentes. E a Associação a Assistência Social Dom José Gaspar que mantém a ILPI Jardim de Repouso São Francisco (Ikoi-no-sono). Optou-se por realizar a pesquisa no Ikoi-no-Sono pela entidade ser uma grande referência no cuidado de idosos, além de ser a organização assistencial mais antiga e tradicional da colônia.

### **2.3 Apresentação do Ikoi-no-Sono**

A Instituição de Longa Permanência Jardim de Repouso São Francisco – Ikoi-no-sono<sup>30</sup> (Ikoi) foi inaugurada em 24 de maio de 1958 em um terreno de 10 alqueires (250 mil metros quadrados) no município de Guarulhos – São Paulo e é mantida pela entidade filantrópica de assistência social Dom José Gaspar (ASDJG). A ASDJG é uma entidade filantrópica exclusiva de Assistência Social, administrada por uma Diretoria eleita a cada 2 anos, possui um Conselho Fiscal e um Conselho Consultivo. A Dom José Gaspar possui uma sede no bairro da Liberdade em São Paulo, além do Ikoi-no-sono em Guarulhos.

A ILPI Jardim de Repouso São Francisco – Ikoi-no-sono tem como missão “Proporcionar condições favoráveis aos idosos para que possam continuar a desenvolver-se até o final da vida, valorizados e encorajados para fazer florescer o melhor de si mesmos, ainda que limitados por incapacidades físicas ou mentais”. E entre seus princípios e valores, deixa explícito o caráter filantrópico da organização: “Supremacia do atendimento às necessidades sociais sobre as exigências de rentabilidade” (ASDJG, 2022).

Esta é a instituição mais antiga da comunidade. A escolha da instituição deu-se porque ela é uma ILPI que se distingue por sua etnicidade e pela tradição de cuidados com idosos. Esta é uma instituição bastante conhecida dentro da comunidade, atualmente possui somente residentes japoneses e descendentes. Há um grande esforço para a manutenção de uma ambiência de cultura japonesa no local.

A entidade possui uma estrutura que a distingue de muitas ILPIs públicas e particulares,

---

<sup>30</sup> Ikoi-no-sono significa jardim de repouso em japonês. A entidade utiliza ambos os nomes em seus documentos, mas a instituição é mais conhecida com o Ikoi-no-sono, ou apenas Ikoi, entre os familiares dos residentes e na comunidade japonesa de São Paulo.

principalmente em relação à sua área externa. O grande terreno conta com área verde, lago e árvores, bem como pavilhões espaçosos que permitem uma série de arranjos e atividades diferenciadas. A equipe é multidisciplinar e conta com assistência médica em geriatria e cuidados paliativos, equipe de enfermagem e cuidadores de idosos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, psicólogos, além de um grande grupo de voluntários. A entidade possui ainda uma parceria com o Hospital Santa Cruz para atendimento gratuito dos residentes. Além disso, conta com uma rede de apoio importante não apenas para a manutenção financeira, mas também para a realização de atividades voluntárias, tais como musicoterapia, salão de beleza, atendimento odontológico, visitas escolares, shows e eventos.

Do ponto de vista dos cuidados com idosos, a instituição se preocupa em se atualizar, adquirir e disseminar conhecimento sobre o tema. Em 1982, organizou um dos primeiros eventos da comunidade nipo-brasileira sobre envelhecimento, intitulado “Pensar o amanhã”, na Associação da Província de Yamanashi. Desde então, tem organizado a Semana da Terceira Idade *Nikkei* em parceria com a Enkyo – Beneficência Nipo-Brasileira. Desde o ano 2000, a entidade ministra cursos para familiares e voluntários cuidadores de idosos.

Do ponto de vista financeiro a entidade recebe contribuições mensais ou periódicas de seus associados, familiares dos residentes<sup>31</sup>, donativos de pessoas físicas e jurídicas e por meio de eventos promovidos pela instituição e parceiros. Com a redução gradual nas contribuições dos associados, a entidade vem buscando diversificar suas fontes de renda por meio de eventos e campanhas. A maior parte de suas doações ainda vem da comunidade nipo-brasileira, mas a entidade também recebe contribuições de empresas e pessoas físicas que não são da comunidade. Além disso, o Iko possui um escritório no Japão por meio do qual recebe donativos de pessoas físicas e jurídicas japonesas. A instituição também recebe doações pontuais ou por projetos do governo japonês por meio do consulado japonês ou da Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA).

A instituição possui uma área construída de cerca de 6.000 m<sup>2</sup>. A construção principal é horizontal, dividida em 2 pavilhões subdividido em 3 alas de acordo com o grau de autonomia

---

<sup>31</sup> Por ser uma entidade filantrópica a entidade não cobra mensalidade de seus residentes, mas pede uma doação mensal de acordo com as possibilidades do idoso e das famílias. Conforme as informações do relatório anual de 2021, a maior parte dos residentes e familiares em 2021 contribuía com menos de 50% do custo total. O custo de manutenção dos idosos varia por setor, em 2021, no setor semi-dependente o custo era equivalente a 5 salários-mínimos, dos 3 residentes no setor dois contribuía com valores entre 31 e 50% do custo total e um residente com valores entre 11 e 30%; na ala Frei-Bonifácio o custo é de 6 salários-mínimos, entre os 8 residentes do setor, apenas um contribui com o valor total, os demais contribuem, em sua maioria, com valores entre 11 e 50% e há um residente que não contribui; no setor dependente o custo era equivalente a 8 salários-mínimos, entre seus 32 residentes há quatro que não fazem contribuições, cinco contribuem com menos de 10 por cento, treze com valores entre 11 e 30%, nove com valores entre 31 e 50% e apenas um residente contribui de 51 a 70% do custo total.

dos residentes. O primeiro pavilhão possui dois pavimentos e é destinado aos idosos Independentes e Semi-dependentes. As acomodações neste pavilhão são individuais e divididas por sexo, com banheiros compartilhados, possui uma sala de TV compartilhada e salas para realização de atividades como costura, artesanato e fisioterapia. Neste pavilhão se concentram também a recepção, serviço social, sala de reuniões, o serviço de lavanderia, serviço de nutrição e alimentação, cozinha industrial, refeitório, copa e um grande salão de eventos. Há ainda neste pavilhão um pequeno museu e sala de documentação com a história da instituição – que são abertos para visitantes – e uma capela. O segundo pavilhão “Dona Margarida” é dividido em duas alas a de “dependentes” e “Frei Bonifácio”, suas acomodações em geral são coletivas para 2 a 4 pessoas com banheiros em cada quarto, mas há acomodações individuais para melhor atender a certos idosos e idosas. O pavilhão é dividido por uma grande ala comum que possui o refeitório, a sala de TV e a sala da enfermagem, medicação, farmácia e copa. Na área externa estão localizados galpões que concentram os serviços de manutenção e garagem, depósito de gás e lixo.

Finalmente, há um terceiro pavilhão, o pavilhão comunitário “Chibata Miyakoshi” que não é destinado à moradia dos idosos. Nele são realizadas atividades educativas, culturais, de saúde e sociais com a população que mora no entorno da instituição. A entidade possui uma extensa área verde com árvores nativas, espaços para hortas e plantações, um lago rodeado por uma alameda de cerejeiras e uma praça de exercícios para idosos da região.

A ILPI em Guarulhos possui 94 funcionários e a sede em São Paulo 4, totalizando 98 funcionários nas áreas técnicas, administrativas e operacionais. A equipe da instituição é multidisciplinar composta por assistência médica continuada em geriatria e cuidados paliativo, equipe de enfermagem e cuidadores de idosos, fisioterapia, terapia ocupacional, serviço social, serviço de psicologia além de um grande grupo de voluntários. A entidade possui também uma parceria com o hospital Santa Cruz para atendimento gratuito dos residentes. Ademais a entidade possui uma Diretoria composta por 25 diretores voluntários que se reúnem mensalmente para discutir e deliberar sobre a administração da entidade e execução do Plano de Ação aprovado na Assembleia Geral dos Associados (ASDJG, 2022).

Em 2021 a ILPI Ikoi-no-Sono possuía 43 residentes idosos com idades que variavam de 68 a 102 anos – a média etária dos residentes era de 87 anos –, sendo 79% do sexo feminino e 21% masculino, 60% são pessoas viúvas, 5% casados, 5% separados e 30% solteiros. Destes 7% eram semi-dependentes, 8% dependentes e 74% independentes. Em termos de nacionalidade, 56% dos idosos eram brasileiros descendentes de japoneses e 44% japoneses (ASDJG, 2022).

### **CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO E DISCUSSÃO**

Como visto no capítulo 1, a cultura é um fator fundamental tanto para a construção de uma ambiência institucional quanto para sua percepção por parte de funcionários e residentes. São os vieses culturais conscientes e inconscientes, os costumes, valores, as experiências prévias que mediam as escolhas ambientais e institucionais que compõem a ambiência de uma ILPI. Da mesma forma, a percepção humana sobre o ambiente é mediada pela subjetividade que também é imbuída de valores culturais entre outros fatores.

A cartilha da ambiência considera que a integração da cultura dos funcionários e frequentadores de uma instituição à sua ambiência é um elemento fundamental para que seja possível construir “um território onde usuários e trabalhadores identifiquem seu mundo e suas referências nos espaços de cuidado” (BRASIL, 2010, p.12). E que, ao respeitar os valores culturais referentes à autonomia, privacidade e vida coletiva de seus usuários, a ambiência contribui para o bem-estar das pessoas envolvidas tornando o espaço, antes frio e possivelmente hostil, em um espaço acolhedor. Já a ANVISA traz na RDC 283 a importância de se respeitar os aspectos culturais na alimentação e atividades realizadas nas instituições. Não obstante a importância de tais recomendações, há pouca orientação sobre como os aspectos culturais são incorporados no ambiente e na prática diária das instituições.

Este capítulo apresenta os resultados e discussão de como os elementos culturais e étnicos se manifestam na ambiência institucional do Ikoï-no-sono. A cultura aqui compreendida como um conjunto simbólico que organiza a experiência humana, que está em constante mutação e sujeito a contestações negociações. Partindo desta proposta, a descrição dos elementos étnicos e culturais do ambiente será apresentada em partes para facilitar a compreensão sob a ótica da ambiência. As partes foram categorizadas com base nos elementos que os entrevistados consideraram mais relevantes para a manifestação da cultura japonesa na instituição e aqueles que mais se relacionam com o bem-estar dos residentes.

Para oferecer um contexto histórico e social que possibilite uma melhor compreensão da formação e construção da ambiência institucional, a descrição será iniciada com um breve histórico da instituição. Em seguida, serão analisados diversos aspectos que compõem a vida dos residentes na instituição, como o espaço físico, as atividades físicas e de lazer, as celebrações de datas comemorativas japonesas e brasileiras, a alimentação, a presença da língua japonesa no dia a dia e as normas e valores institucionais. Por fim, serão explorados o relacionamento interpessoal e as relações de cuidado presentes na entidade.

Embora a separação dos resultados seja importante para a análise desta pesquisa, é importante ressaltar que a ambiência não é dividida, ela é um arranjo complexo que permeia diversas camadas institucionais. A funcionária EF23 descreve como a cultura japonesa<sup>32</sup> está presente diversos aspectos da ambiência no Ikoï-no-Sono:

**“Tem tudo japonês, todo lugar tem um sinal deles.** Em quadro, no modo de guardar as coisas deles, nos ambientes onde eles vão estudar, no agir deles dentro dos quartos. Tem coisas que eles nem querem que toque, tem coisas que eles preservam, coisas que eles nem usa, guardado. Brasileiro usa tudo, estraçalha tudo. (...) Cada coisa tem um sinal deles. O modo deles dormir, até as cobertas, os *futons* pesados. Os enfeites do Japão, tudo deles é do Japão. A gente está dentro do Japão aqui. Está com um pedacinho do Japão aqui.” (Funcionária, EF23)

### 3.1 Histórico Associação Dom José Gaspar

Inicialmente os trabalhos de assistência social do grupo fundador da Dom Jose Gaspar eram voltados para a comunidade de imigrantes japoneses em geral e não somente para os idosos. As primeiras ações filantrópicas de seus membros fundadores começaram em 1941, na cidade de São Paulo, em apoio aos imigrantes japoneses que foram presos durante a Segunda Guerra Mundial<sup>33</sup>.

A Associação Dom Jose Gaspar foi fundada em 1942 sob o nome de Comissão Católica Japonesa, por 4 membros fundadores Dona Margarida Vatanabe – como é conhecida na comunidade nipo-brasileira –, Chibata Miyakoshi, Keizo Ishihara e Massaru Takahashi, sendo a Dona Margarida a mais conhecida entre os quatro. A assistência social possui desde o início um caráter filantrópico, étnico e não governamental, conforme destaca Mayeama (2004), a ASDJG nasce no bojo da comunidade japonesa de São Paulo como uma iniciativa voluntária dos imigrantes japoneses:

Pode-se dizer que as atividades da Dom José Gaspar, desenvolvidas em torno de Margarida Vatanabe, nasceram espontaneamente, por pura necessidade, das e pelas

---

<sup>32</sup> Cabe destacar que a maior parte dos entrevistados utilizam o termo japonês tanto para designar pessoas de nacionalidade japonesa (nascidas e que vivem no Japão) quanto os imigrantes e seus descendentes. Da mesma maneira cultura japonesa é utilizada para se referir elementos culturais do Japão como também às práticas e costumes das comunidades nipo-brasileiras no país. Além disso, utilizam o termo brasileiro e brasileira para identificar as pessoas e a cultura dos brasileiros não descendentes de japonês. Por esta razão, optou-se por manter essas mesmas nomenclaturas nas análises presentes na pesquisa, acrescidas dos termos *nikkei* e nipo-brasileiro para designar a cultura e as pessoas descendentes de japoneses quando necessário.

<sup>33</sup> Com o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e os países do Eixo (Japão, Alemanha e Itália), foram emitidas medidas restritivas aos cidadãos desses países o que levou a uma série de detenções e encarceramento de imigrantes daqueles países, incluindo os japoneses. Foram detidos na Hospedaria dos Imigrantes “dirigentes de associações japonesas, professores de língua japonesa, japoneses que se juntavam em pequenos grupos para conversar, entre outros” (MAYEAMA, 2004, p. 242). Neste período as atividades voluntárias da ASDJG envolviam apoio com comida, roupas, remédios e auxílio no aluguel para os imigrantes detidos e seus familiares e aos imigrantes que foram evacuados de suas propriedades pelo governo brasileiro (MAYEAMA, 2004).

mãos dos próprios imigrantes, graças ao esforço dedicado e contínuo de um reduzido número de voluntários. Por isso, sua organização difere fundamentalmente da Beneficência Nipo-Brasileira, que começou como uma organização de caráter governamental, embora as atividades de ambos se justapassem em larga medida. Talvez se possa dizer que o ponto de partida da Beneficência Nipo-Brasileira, de caráter público, tivesse como base exatamente os resultados que a Dom José Gaspar conseguiu colher ao longo dos anos (MAEYAMA, 2004, p.308).

Neste ponto, cabe um parêntese, embora desde o início as atividades assistenciais não tenham tido caráter religioso, sendo oferecido apoio aos imigrantes japoneses independentemente do credo e religião, a igreja católica foi uma importante apoiadora da ASDJG<sup>34</sup>. Inicialmente a ASDJG chamava-se Comissão Católica Japonesa de São Paulo e, por meio do segundo arcebispo de São Paulo, Dom Jose Gaspar de Affonseca e Silva<sup>35</sup>, a igreja viabilizou a ação daqueles voluntários que, caso contrário, não poderiam por lei reunir-se ou arrecadar dinheiro e bens para doação. A comissão também recebeu doações do Vaticano para socorrer os imigrantes japoneses no período da guerra e, posteriormente, foi a igreja que doou o terreno onde foi construído o Jardim de Repouso São Francisco – Ikoi-no-sono.<sup>36</sup>

Em 1953 a entidade se reorganizou, alterou seu estatuto e optou por retirar os termos “católica” e “japonesa” de sua denominação tornando-se a Assistência Social Dom José Gaspar. Desta forma, poderia captar recursos e oferecer ajuda a todos os necessitados sem distinção de raça, nacionalidade ou religião ficando em conformidade com a legislação brasileira. Mas, “na prática, tanto do ponto de vista do núcleo de suporte como das pessoas assistidas, eram majoritários os japoneses e os brasileiros *nikkeis*, continuando, portanto, a ser uma entidade de assistência social com forte caráter étnico” (MAEYAMA, 2004, p. 319). Financeiramente a entidade passou a ser mantida quase exclusivamente com donativos de associados *nikkeis* – pessoas físicas e jurídicas.

Nesta época a preocupação com os idosos imigrantes e *nikkeis* já estava presente. Os idosos

---

<sup>34</sup> Em sua biografia Dona Margarida Vatanabe é descrita como uma católica devotada e praticante. Ela foi professora voluntária de catecismo na igreja de São Gonçalo em São Paulo. Sua proximidade com a igreja católica facilitou os primeiros contatos com os padres e depois arcebispo que viabilizaram o início dos trabalhos filantrópicos para os japoneses durante a Segunda Guerra mundial (MAEYAMA, 2004).

<sup>35</sup> Quando a instituição foi formalmente constituída em 1953, adotou seu nome atual em homenagem ao arcebispo Dom Jose Gaspar de Affonseca e Silva que faleceu em um acidente aéreo em 1943 (MAEYAMA, 2004).

<sup>36</sup> Sobre este tema, um dos fundadores, Chibata Miyakoshi relatou: “Em se tratando de tempos de guerra, os japoneses se encontravam em uma situação delicada sob todos os sentidos e, assim, a entidade iniciou suas atividades sob o amparo da Igreja Católica, o que pareceu ser o mais conveniente. (...) Colocado assim, vê-se que a entidade possui um vínculo profundo com a Igreja Católica, mas isso deveu às circunstâncias daquele momento, e o fato é que (a associação) Dom José Gaspar não é em absoluto uma obra da Igreja Católica. (...) é uma entidade destinada a prestar assistência social, moral e material às pessoas necessitadas, sem distinção de credo, raça ou nacionalidade” (MIYAKOSHI, 1955, p.94-95 apud MAEYAMA, 2004, p.249-250).

atendidos pela ASDJG que precisavam de um lugar para morar eram encaminhados, até 1958, ao asilo do Jaçanã. Em entrevista com a primeira funcionária do Ikoï, a assistente social Sonoko Yoshiasu<sup>37</sup> – ou Sonoko-san<sup>38</sup> como é conhecida – relata que embora não fossem em grandes números, já havia idosos japoneses morando no asilo do Jaçanã. Ela conta ainda que alguns deles não falavam português porque chegaram ao Brasil após morarem em outros países como Peru, Estados Unidos, Uruguai e Chile:

“no asilo de Jaçanã havia japoneses, idosos, que eram atendidos na Santa Casa e iam para asilo do Jaçanã. Tinha esse nome ‘asilo de velhos e mendigos’, era aquela mistura de velhos, crianças e jovens. Esses japoneses eram velhos, mas naquela época (velho) era 45 anos, 50 anos. Não havia previdência, as pessoas sem família, não tinham aposentadoria e nem pensão. Não conseguiam emprego também. (...) não eram só imigrantes que vieram direto do Japão para o Brasil (...) Vieram para Peru, Havaí e de lá para EUA (...) foram para Amazonas, foram descendo e vieram para São Paulo (...) pessoas que vieram do Uruguai, Chile (...) nesta época não havia muitos japoneses.” (Sonoko-san)

Sobre a motivação para a criação do Jardim de Repouso São Francisco, Sonoko-san acrescenta:

“Não foi por motivo racial, formar uma coisa para japoneses. Mas ao visitar (o asilo do) Jaçanã, eles eram muito bem tratados, todos os brasileiros e japoneses eram tratados com igualdade. Mas os idosos que estavam lá não se **sentiam assim em sua casa, queriam comer arroz branco, *norimaki*, comer *udon*, *somen*, coisas que lá não tem. A pessoa de Okinawa queria cantar em *okinawano***. Mesmo o japonês de Kagoshima<sup>39</sup>, se falarem em seu dialeto não dá para entender, era o estrangeiro. Mas eles tinham essa vontade de falar em sua língua materna. Comer *tsukemono* e essas coisas que comiam na infância e juventude. **Estavam procurando um local onde pudessem cantar, ficar à vontade, dormir**”. (grifos meus) (Sonoko-san)

Ainda sobre a criação do Jardim de Repouso, Margarida Vatanabe disse “Eu sonhava há muito manter, de alguma maneira, um lar para idosos *nikkeis*. (...) queria internar aqueles sem parentes. Pensava que ficariam **muito felizes se tivessem um lar**” (MAEYAMA, 2004, p.328) (grifos meus).

Desde o início, as falas indicam que havia uma preocupação que ia muito além da necessidade material de ajudar esses idosos imigrantes. A motivação para a criação de um asilo

---

<sup>37</sup> A Sra. Sonoko Yoshiyasu foi a primeira funcionária do Ikoï-no-sono, tendo ingressado na entidade em março de 1958 como Assistente Social.

<sup>38</sup> San é um sufixo japonês que seria equivalente a utilizar senhor ou senhora em português.

<sup>39</sup> Okinawa e Kagoshima são províncias japonesas. “Okinawa era a província mais emigrantista de todo o Japão (estima-se em cerca de 10% do total os imigrantes dessa procedência), seguida de Kumamoto, Fukuoka, Hokkaido, Fukushima, Wakayama, Kagoshima, e outras (...) todas as províncias citadas tinham uma longa tradição regional, com fortes dialetos e costumes próprios.” (SBCJ, p.147)

destinado a idosos japoneses está relacionada à possibilidade, ou melhor, à impossibilidade de os idosos imigrantes transformarem aquela instituição, originalmente "brasileira", em um verdadeiro lar. Segundo Rowles e Bernard (2013) para que um espaço se torne um lar, é preciso que esteja conectado com nossa identidade, havendo inclusive uma troca, na qual os lugares reforçam nossas identidades individuais e de grupo. Nesse sentido, a identificação étnica e cultural desempenhou um papel fundamental, uma vez que a falta de certos atributos culturais, como alimentos, costumes e idioma, dificultou o estabelecimento de uma identidade dos imigrantes japoneses com o ambiente habitado na época, ou seja, o asilo brasileiro do Jaçanã.

Outro aspecto a ser observado é que, de acordo com a teoria de Barth (1969) e Cool (1986), a etnicidade pode ser compreendida como uma fronteira dinâmica na qual os elementos que diferenciam um grupo étnico podem variar dependendo do contexto e da relação com outros grupos. É interessante destacar como a fronteira que separa os imigrantes japoneses dos demais brasileiros delimita-os como um grupo étnico único, apesar de serem originários de diferentes regiões do Japão, como Okinawa ou Kagoshima, por exemplo. Esses grupos possuem costumes, culinária e até mesmo idiomas ou dialetos próprios, conforme apontado por Sonoko-san. Em diferentes contextos, esses grupos podem não ser considerados como pertencentes à mesma etnia. No entanto, em relação à sociedade brasileira, suas diferenças internas são minimizadas quando adotam uma identidade étnica mais ampla de imigrantes japoneses. Neste sentido, uma instituição para os idosos imigrantes japoneses teria maior possibilidade de se tornar um lar para tais imigrantes.

#### **4.1.1 Início do Jardim de Repouso São Francisco - Ikoi-no-sono**

Em 24 de maio de 1958 inaugura-se o Jardim de Repouso São Francisco, Ikoi-no-sono, em uma área doada pelos padres franciscanos no município de Guarulhos-São Paulo. Sua inauguração oficial foi realizada às pressas para que coincidissem com o aniversário de 50 anos da imigração japonesa no Brasil (MAEYAMA, 2004). O primeiro residente foi o Sr. Jingoro Yonamine<sup>40</sup>, um imigrante japonês que veio a bordo do *Kasato Maru* – navio que deu início ao processo oficial de imigração do Japão para o Brasil em 1908. Segundo os documentos da instituição, na época de sua inauguração a instituição “Destinava-se à residência dos idosos japoneses, primeiros imigrantes desbravadores da mata virgem, idosos, mas relativamente

---

<sup>40</sup> Em entrevista a Maeyama, D. Margarida descreve o Sr. Jingoro “Ele era de Okinawa, imigrante da primeira leva, que chegou a bordo do *Kasato Maru*. Foi um jornalista talentoso e também presidente da Associação Japonesa de Santos. Era uma pessoa bem conhecida e autor de um livro. (...) ele estava no asilo de Jaçanã. Não tinha filhos, apenas um sobrinho, que não poderia cuidar dele. Como era um imigrante do *Kasato Maru*, julgamos ser adequado como nosso primeiro interno, tendo em vista a festa dos 50 anos” (MAEYAMA, 2004, p. 337-338).

capazes, de 56 a 60 anos” (ASDJG, 2010, p.1).

Do ponto de vista estrutural, o asilo tinha capacidade para abrigar 27 pessoas e possuía a infraestrutura que havia sido doada pelos franciscanos, uma construção principal, onde ficavam os internos, cozinha, uma casa de apoio e uma capela – que foi o único item que os franciscanos pediram para ser mantido no Ikoi, os demais poderiam ser reformados e adaptados conforme a necessidade da instituição (MAEYAMA, 2004). O bairro onde localiza-se a instituição fica a cerca de 20 quilômetros do centro da cidade de Guarulhos. Atualmente, é possível acessá-lo de maneira relativamente fácil via transporte público ou carro, mas na época de sua inauguração era um local de difícil acesso com pouca infraestrutura ao redor.

O cuidado com os idosos e a administração interna era realizada por um dos fundadores da instituição Keizo Ishihara e sua esposa e por quatro freiras, três das quais eram *nisseis*, religiosas da Congregação Imaculada Conceição (MAEYAMA, 2004). D. Margarida ressalta que a razão de terem escolhido freiras era pela forma como cuidavam com carinho das pessoas, diferentemente das enfermeiras:

“Já conhecia o trabalho das irmãs em sanatórios e hospitais beneficentes (...) além de as conhecer muito bem como pessoas. Há tempos pensava em tê-las trabalhando para mim, se um dia viesse a ter um asilo (...). como fui criada em casa de médicos, observava o modo como elas cuidavam **com carinho dos doentes, muito diferente de como enfermeiras de maneira geral fazem**” (MAEYAMA, 2004, p.341) (grifos meus)

A forma de cuidar, está em destaque porque desde o início foi uma preocupação da fundadora da instituição, e, atualmente, como se verá mais adiante, é um dos fatores de grande relevância para a ambiência institucional e bem-estar dos residentes. Além disso, a respeito da etnicidade das irmãs destaco abaixo trechos da reportagem da revista *Ake no Hoshi* sobre a inauguração do Ikoi-no-sono:

“Neste momento em que se comemoram com festividades os 50 anos da imigração, precisamos antes de mais nada lembrar a dura luta dos pioneiros. Neste sentido, foi realmente significativo o projeto de se inaugurar um asilo de japoneses. (...)

Embora o Jardim de Repouso seja a concretização **do anseio geral da colônia**, a conclusão de sua obra não foi fácil. (...)

Francisca Urata, uma irmã *nikkei*, foi convidada para tomar conta dos idosos do asilo. Não é um belo espetáculo ver pessoas exauridas por meio século de desbravamento no Brasil, **sendo assistidas por irmãs católicas nisseis?**” (MAKIYAMA apud MAEYAMA, 2004, p.339) (grifos meus)

A data comemorativa do 50 anos da imigração convidou tanto o jornalista quanto a colônia a exaltar os aspectos étnicos da instituição. A matéria explicita a preocupação com

idosos imigrantes dentro da colônia japonesa, por meio do anseio geral da colônia pela criação de tal instituição e implicitamente indica que os idosos seriam melhores cuidados por estarem não apenas dentro desta instituição criada para os japoneses, mas também por receberem cuidados de (descendentes de) japoneses, as irmãs nisseis. As irmãs da Congregação Imaculada Conceição administraram a instituição até década de 80 quando optaram por se afastar por não dominar tão bem o idioma japonês (MAEYAMA, 2004). Em 1988, irmãs japonesas da Congregação das Irmãs de Caridade de Miyasaki foram convidadas a assumir o Ikoi-no-sono onde atuaram até 2013.

Figura 2 – Ikoi-noSono fundação

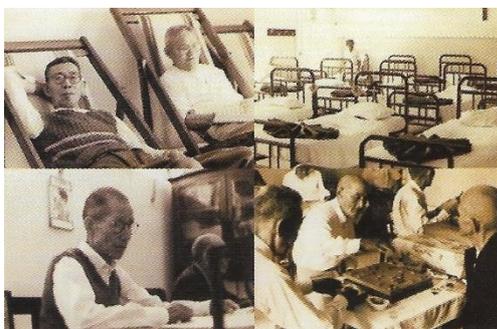


Fonte: Linha do tempo, 1958

É interessante notar que, desde a sua fundação, embora a motivação não tenha sido explicitamente racial, como aponta o depoimento de Sonoko-san, os fatores étnicos desempenharam um papel importante em quase todos os aspectos do Jardim de Repouso. Financeiramente, por exemplo, a instituição contou com os donativos dos membros da colônia. Administrativamente, a gestão e os cuidados foram confiados aos *nikkeis*. Na simbologia da inauguração, o Jardim de Repouso foi conectado à história da imigração, celebrando o aniversário de 50 anos do início do processo migratório e escolhendo o primeiro residente, um passageiro do Kasatu Maru. Posteriormente, ao escrever sobre a história da instituição, os primeiros residentes foram caracterizados como "os primeiros imigrantes desbravadores da mata virgem".

Dessa forma, há uma seleção de atributos étnicos que compõem a constituição e a identidade da ILPI como uma instituição étnica. Cabe ressaltar que a identidade étnica é construída por meio da seleção de atributos que diferenciam um grupo em relação a outros (BARTH, 1969; CUCHE, 1999). Portanto, esses elementos demarcam a fronteira e o Ikoï-no-sono como um território étnico.

Ao longo dos anos o Jardim de Repouso aumentou gradativamente sua capacidade e foi transformando sua forma de atuar até tornar-se uma Instituição de Longa Permanência para Idosos com uma equipe multidisciplinar, conforme prevê a legislação vigente no Brasil, atualmente. Em 1967 fez sua primeira ampliação e aumentou sua capacidade para 157 residentes, além disso passou a especializar-se nos cuidados de idosos e transferiu suas demais atividades a outras entidades assistenciais da comunidade nipo-brasileira.



Fonte: Linha do tempo - 1967

Na década de 1970, realizou a segunda ampliação, com a construção de um pavilhão para idosos com limitação física ou mental e construiu um Ossário no Cemitério da Saudade em São Miguel Paulista – SP para proporcionar “tranquilidade espiritual” aos idosos residentes, em sua maioria, sem familiares (ASDJG, 2013a). A ampliação foi realizada sob orientação do professor geriatra Yukjo Moriguchi, com a reorganização das alas separando-as por perfil funcional dos idosos – dependentes, semi-dependentes e independentes. Em 1990 a instituição teve sua terceira ampliação, com o apoio da agência de cooperação do governo japonês Japan International Cooperation Agency (JICA), na qual inaugurou o pavilhão D. Margarida Vatanabe, para idosos fragilizados, com capacidade para 56 residentes. Sobre esta ampliação a ex-funcionária do Ikoï, Tomiko Borne<sup>41</sup> escreveu:

“A assistente social Masami Shibuya (...) teve uma participação valiosa na elaboração do projeto, pois conhecia de perto o “*Shisei Home*”, uma instituição para idosos de

---

<sup>41</sup> Tomiko Borne (1932-2021) formada em serviço social pela PUC-SP e mestre em Ciências pela Columbia University School of Social Work (Nova York), é descrita pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) como pioneira e ativista da gerontologia brasileira. Entre suas diversas contribuições, foi ela quem propôs a substituição do nome asilo para Instituição de longa Permanência para Idosos (ILPI) na SBGG (SBGG, 2021)

ótimo padrão, de Tóquio. Os serviços passaram a receber orientação gerontológica e assumiu um caráter híbrido (...), ou seja, uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI) deve ser um lugar para viver e receber cuidados” (ASDJG, 2013a)

Nos anos 2000 a instituição construiu o pavilhão Chibata Miyakoshi para realização de eventos da instituição e cursos para a comunidade do entorno. Ao longo destes 60 anos, a instituição realizou melhorias e reformas em seus espaços internos e externos, em sua maioria por meio de doações e parcerias com pessoas, empresas e entidades da comunidade nipo-brasileira e do governo japonês (JICA).

A relação do Ikoi-no-sono com o Japão se estendeu para além das parcerias para reformas estruturais. Desde 1976 a instituição teve a possibilidade de enviar funcionárias ao país para serem capacitadas assim como receberam especialistas em envelhecimento como médicos geriatras e assistentes sociais. A partir da década de 1990 receberam por meio da JICA voluntárias seniors que apoiavam o trabalho com os idosos na instituição, além de terem recebido diversos artistas japoneses que realizaram apresentações e atividades com os idosos residentes. A instituição também foi prestigiada com visitas da família real japonesa, a primeira em 1978, do – então – príncipe Akihito<sup>42</sup> e a princesa Michiko do Japão, e em 1995, de sua filha a princesa Sayako. Atualmente, a instituição segue tendo uma relação próxima com o Consulado japonês, com a JICA e possui uma associação, a Associação de apoio ao Jardim de Repouso São Francisco, no Japão.

A partir deste breve histórico e depoimentos é possível notar alguns dos elementos que foram compondo a estrutura e ambiência da instituição: o caráter técnico com a introdução gradual de preceitos da gerontologia e da área da saúde no cuidado com os idosos, e elementos étnicos, tanto da comunidade nipo-brasileira, quanto do Japão, que segue enquanto referência técnica e cultural para a entidade, além de parceiro financeiro.

Com relação aos residentes, o perfil mudou desde o início da instituição, tanto do ponto de vista da nacionalidade quanto do sexo e nível de dependência. Tomiko Borne – assistente social que trabalhou por 18 anos na instituição e referência nacional no campo da gerontologia – descreveu tais mudanças na publicação de comemoração de 55 anos do Jardim de Repouso São Francisco:

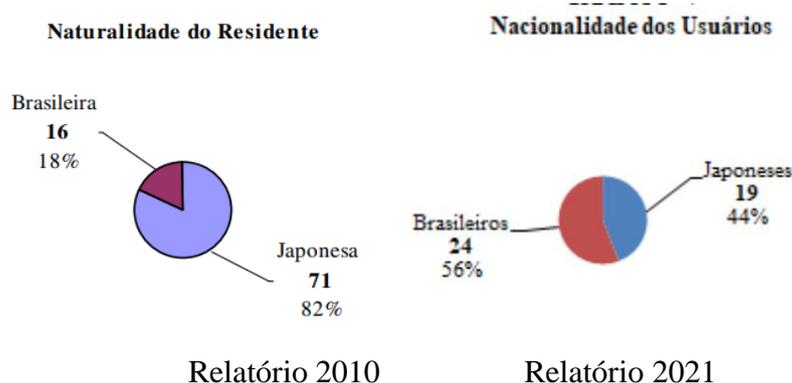
“Nos meus primeiros anos de atuação na Assistência Social D. Joé Gaspar, os idosos (...) eram pessoas razoavelmente independentes que devido a motivos de ordem financeira e ausência de apoio familiar necessitavam de um abrigo. A entidade priorizava o atendimento a essa categoria de solicitantes. (...)

---

<sup>42</sup> Em 1989 Akihito tornou-se o 125º imperador do Japão. Atualmente é imperador emérito após ter abdicado em 2019 em favor de seu filho Naruhito (WINGFIELD-HAYES, 2019).

Aos poucos as solicitações de internação começaram a ser feitas por filhos motivados pelas dificuldades que enfrentavam para proporcionar cuidados aos idosos que estavam perdendo sua independência e necessitavam de assistência contínua nas atividades da vida diária”

No ano de 2021, 82% dos candidatos à admissão no IkoI eram para o setor de dependentes e entre os idosos que residiam na instituição 74% eram dependentes. Com relação ao sexo dos residentes, até 1976 o número de idosos residentes masculinos era superior ao feminino (ASDJG, 2013a), após esta data a proporção de residentes do sexo feminino foi aumentando e em 2021 as mulheres representavam 79% do total de residentes (ASDJG, 2022). Com relação à nacionalidade dos residentes, a proporção de idosos japoneses vem reduzindo gradualmente desde 2010 - em função do término do grande fluxo migratório dos japoneses para o Brasil na década 1970 e o falecimento dos idosos nascidos no Japão – e, desde 2019, o número de idosos *nikkeis* superou o de japoneses dentro da instituição. Embora todos os residentes sejam descendentes de japoneses, em 2010, 82% dos residentes eram japoneses e em 2021 apenas 44% conforme pode ser observado nos gráficos abaixo:



### 3.2 O espaço físico

O ambiente físico é constituído pela arquitetura das edificações e seu design, a morfologia dos espaços, a iluminação, as cores, artes e decorações, sons, cheiros e acessibilidade. Estes componentes qualificam e modificam os espaços podendo torná-los mais ou menos acolhedores, estimulantes ou confortáveis a partir de suas combinações e das percepções culturais e individuais das pessoas que utilizam o espaço (BRASIL, 2010).

Ao caminhar pelos pavilhões do IkoI-No-Sono é possível observar rapidamente as referências japonesas nas áreas comuns da entidade. Em quase todas as paredes há enfeites de origamis pendurados, artesanatos feitos pelas idosas residentes, quadros com caligrafia japonesa, imagens do Japão, pinturas de bonecas japonesas, entre outras referências japonesas. Nas portas dos quartos há enfeites japoneses e o nome dos residentes escritos em português e japonês e nas prateleiras e estantes há enfeites japoneses, como bonecas, cerâmica japonesa,

além de livros escritos em japonês. Essas são decorações tradicionais japonesas, do tipo que se vê no bairro da Liberdade em São Paulo, nas associações e clubes nipo-brasileiros ou na casa dos imigrantes japoneses e nipo-brasileiros mais antigos. No ambiente privado, nos quartos individuais e coletivos, há também referências nipônicas como calendários, enfeites, o *butsudan* – pequeno oratório budista – os *futons* e pertences pessoais presentes em alguns dos quartos.

Possivelmente o elemento decorativo mais emblemático da instituição seja um grande painel do Monte Fuji – montanha mais alta do Japão e símbolo nacional japonês – que há na parede no refeitório no pavilhão Dona Margarida. A imagem foi escolhida pelos idosos residentes que puderam optar entre algumas opções. A selecionada foi a do monte Fuji visto por meio de diversas árvores cerejeiras floridas com um castelo tradicional japonês ao lado. Em uma só imagem, é possível vislumbrar elementos tão simbólicos do Japão. Por ser tão emblemática, essa parede é muito utilizada nas comunicações institucionais do Ikoï, principalmente em mensagens de agradecimento conforme pode ser visto na figura 1.

Figura 3: Mensagem de agradecimento Ikoï-no-Sono – Painel Monte Fuji



Fonte: Página do Ikoï-No-Sono no Facebook<sup>43</sup>

Para os entrevistados, a principal manifestação étnica japonesa presente no ambiente físico da instituição é a decoração que utiliza enfeites, artesanato, quadros e referências japonesas em quase todos os ambientes.

“algum enfeitinho, algo escrito em japonês. Eles (idosos residentes) tentam trazer alguma coisa da família, um amuleto. Tem idosos que são budistas e ficam no quarto individual, no quarto que tem 3 pessoas e aí já não dá para por, mas eles mantêm.”  
(EF 04 – funcionária não *nikkei*)

“Nos móveis muito pouco, porque é (...) europeia. **Você vai encontrar mais na**

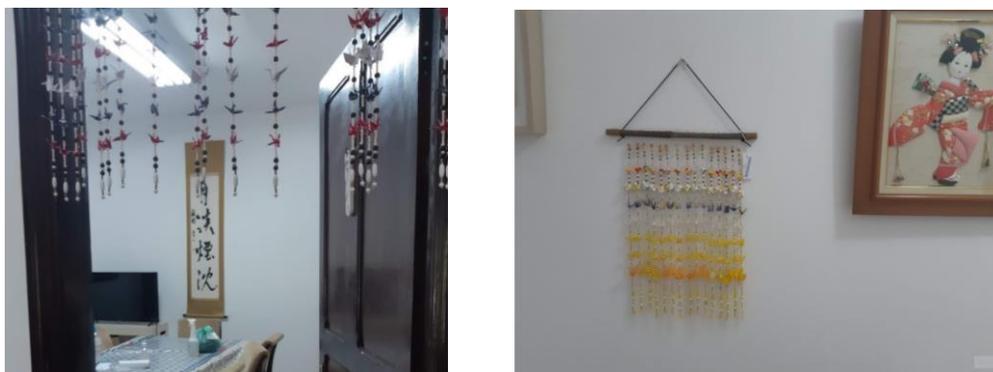
<sup>43</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=3888574501202606&set=pcb.3888575247869198>>. Acesso em 07/05/2023

**decoração, nos bonequinhos, nessas coisas.** Mas aqui está bem misturado. Realmente é mais trabalhos artesanais e decorativos que eles colocam” (EF 13 – Funcionária não *nikkei*)

A funcionária EF25 menciona a importância dos enfeites como formas de trazer memórias de infância e relembrar o convívio familiar. Estes fatores aumentam a identificação do idoso com o espaço:

“A entidade na verdade tá muito voltado pra cultura japonesa na parte da decoração. (...) todo lugar a gente coloca alguma coisa lembrando a cultura japonesa. **Que nem aqui, tem um bonequinho lembrando um pouquinho da infância, né? Do convívio familiar.** (...) porque assim, a gente tenta, né? Não só o ambiente, mas assim, na porta, a gente faz um origami, a gente coloca um enfeite, né?” (EF25 – Funcionária *nikkei*)

*Figura 4: Origami e artesanatos*



*Fonte: autora*

*Figura 5: decoração em sala de reunião*



*Fonte: Página do Ikoï-No-Sono no Facebook<sup>44</sup>*

<sup>44</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/ikoinosono/photos/pb.100068302445765.-2207520000./5823268744399829/?type=3> >. Acesso em 07/05/2023

Figura 6: decoração salão de eventos



Fonte: autora

A funcionária EF 07 contextualiza os enfeites como um dos elementos que, junto com os hábitos dos idosos e o idioma japonês, a fazem sentir como se estivesse no Japão:

“(…) é porque aqui tudo que eles fazem é coisa de japonês, enfeitezinho, então nos quartos também têm. Eu me sinto como se estivesse no Japão, no meio de japonês, eles falando japonês” (EF07 – Funcionária não *nikkei*)

Além dos artigos decorativos em si, EF10, que é *nikkei*, destaca como a forma de ornamentação, que ela considera excessiva, distingue a estética da instituição em relação àquela que ela associa ao estilo brasileiro:

EF 10: “Mas a casa dos brasileiros em si é muito simples né? Assim sem muita coisa, sem dois calendários pra cá, não sei o que lá, não tem isso, né? E tem quadro, mas vamos conversar aqui, (aponta para um quadro), esse aqui (aponta para outro) pra brasileiro já é muita coisa, né? Isso aqui não existiria (aponta para outra decoração). Aquilo lá é esse negócio não teria, né? (a decoração dos brasileiros) é muito mais, vamos dizer limpa.” (EF 10: funcionária *nikkei*)

Não obstante a presença das referências nipônicas nos ambientes do Ikoï, elas se misturam a referências culturais não japonesas. Em alguns dos ambientes comuns há elementos católicos como crucifixos na sala de TV, refeitório e enfermaria, além de quadros de paisagens e calendários brasileiros. A mistura, contudo, é mais evidente ao se considerar a decoração nipônica junto com a arquitetura e o mobiliário não japonês da instituição. A construção das edificações conforme visto no item 4.1 não possui elementos da arquitetura japonesa. O pavilhão semi-dependente foi construído como uma ampliação da construção original doada pelos Franciscanos (figura 05). Esta construção remete a uma casa colonial brasileira, com grandes paredes brancas, telhas de barro e grandes portas e janelas de madeira. São quatro edificações, de diferentes alturas, construídas ao redor de um pátio central, sendo que a construção à direita é uma capela. O pátio central (figura 06), é bastante característico de construções religiosas como conventos e mosteiros cristãos por possuir um claustro

(AMARAL, 2015) – “galeria coberta, ladeada de arcadas, que se situa ao redor de um pátio ou jardim quadrangular” (CLAUSTRO, 2023). É ao redor do claustro que se situa a capela, a cozinha e refeitório da instituição, o museu e algumas das salas comuns. Os quartos foram transferidos para o pavilhão ampliado, do setor semi-dependente. Este pavilhão é uma construção horizontal térrea e retangular, como um longo corredor, de alvenaria com paredes bancas e telhas cinzas. No “pavilhão Dona Margarida”, por sua vez, ainda que tenha sido construído com inspiração na ILPI japonesa “*Shisei Home*”, não são visíveis e não houve menções específicas acerca da presença ou influência de elementos arquitetônicos típicos japoneses.

*Figura 7: Construção inicial Ikoi-no-Sono, edificação doada pelos Franciscanos*



*Fonte: Página do Ikoi-No-Sono no Youtube<sup>45</sup>*

---

<sup>45</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=M5pa2EdweOg>>. Acesso em 07/04/2023

Figura 8: Claustro – pátio central – idosos debulhando feijão



Fonte: Página do Iko-No-Sono no Facebook<sup>46</sup>

Com relação ao mobiliário, a instituição utiliza doações recebidas de pessoas físicas e jurídicas e, com exceção dos quartos – que foram padronizados após uma grande doação de uma empresa de móveis – a instituição faz uma composição a partir do mobiliário recebido de doação ao longo dos anos. Sobre este aspecto uma funcionária não *nikkei* que trabalha na instituição a oito anos comenta:

“(...) Porque é casa da vó, né? É tudo assim, cada uma cor, tudo vai chegando aí ó, tá vendo? Nada combina com nada e a gente vai usando. (...) Nada, nada padrão. (sobre os quartos com móveis padronizados) Porque foi doado. Porque antes era tipo um laranja, outro bege, outro ah. Agora não, agora foi padronizado os móveis por doação. (...) Era um armário de uma cor ou outro” EF12

Os móveis da instituição – as mesas, cadeiras, camas, sofás, etc. – são em sua maioria de madeira e todos no padrão ocidental. Não há nos espaços a presença de elementos que remetam às casas tradicionais japonesas como desníveis para deixar os sapatos na entrada dos dormitórios, tatames no chão, painéis *shoji* e *fusuma* como divisores de ambientes (EMBAIXADA, 2012; KOSE,1997), mesas baixas, ou *zabutons* – almofada para sentar tradicional japonesa.

A única menção da presença de elementos japoneses entre os entrevistados foi sobre a existência em um dos banheiros de *ofuro* – banheira tradicional japonesa – para banho dos residentes. Em um dos vídeos institucionais, o *ofuro* é apresentado da seguinte maneira pela narradora: “Os japoneses sempre apreciaram o *ofuro* e para atender esta tendência dos residentes, foi instalado o *ofuro* com recurso oferecido pelo ministério do exterior japonês” (ASDJG, 2016 a). Apesar de sua existência, o *ofuro* já havia sido desativado no momento das

<sup>46</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2138745882852152&set=pcb.2138746166185457>>. Acesso em 20/02/2023

entrevistas, conforme depoimentos abaixo.

EF11: “é um dos banheiros que tem o *ofuro*. nem tanto tempo atrás o idoso utilizava, o idoso que utilizava não tem mais. Eram um ou 2 idosos que utilizavam e ficou difícil para os idosos entrarem no *ofuro* e ai parou.

EF16: “É muito dificultoso pra eles entrar e sair do *ofuro*. Há um tempo atrás, eles entravam, os outros que já foram. Mas aí desde que um dia eu achei um desmaiado (...) aí eu falei não vou (deixar) mesmo (...) não dá. Como é que pode? Se eu não entro no banheiro naquela hora? (...) Hoje em dia não tem mais ninguém que pede. Não, graças a Deus. (...) mas eu tive que inventar muito, tá quebrado, tá furado. Cada dia era uma coisa, até se acostumar.”

De acordo com os relatos, o *ofuro* era um item demandado e apreciado pelos idosos residentes, principalmente os mais antigos os “que já foram”. Tomoo Handa (1987), ao descrever a vida dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil, dizia que o *ofuro* era imprescindível para os isseis – imigrantes de primeira geração – muitos dos quais criavam recipientes adaptados ou se esforçavam para comprar algum recipiente para servir de *ofuro* após a primeira colheita (HANDA, 1987). O mesmo autor destaca, por sua vez, que o hábito de utilizar o *ofuro* foi se perdendo ao longo dos anos, principalmente, após a ida de muitos nisseis – descendentes de segunda geração – para as cidades. Na ambiência do Ikoi, essas diferenças geracionais e de mudanças de hábito dos imigrantes com relação ao *ofuro*, aparecem refletidas na menor demanda de uso por parte dos residentes atuais. Embora alguns dos idosos apreciem e sintam falta do *ofuro*, sua desativação, possivelmente, terá menos impacto para as futuras gerações de idosos da casa.

A arquitetura, os arranjos espaciais e os objetos presentes em uma casa também têm um caráter simbólico, expressando valores culturais, relações de poder e identidades sociais em diferentes culturas (BESTETTI, 2014; MALARD, 2004; GEERTZ, 2014). A ausência de referências arquitetônicas nipônicas no Ikoi-no-Sono não foi apontada como uma dificuldade para o bem-estar dos residentes da instituição. Conforme mencionado no capítulo 2, os imigrantes japoneses adotaram desde cedo padrões de moradia e mobiliário brasileiros, principalmente devido à conveniência e disponibilidade desses objetos e materiais no Brasil (SAITO, 1961). Essa tendência se intensificou com as sucessivas gerações, especialmente entre aqueles que migraram para os centros urbanos (SAITO, 1961).

No entanto, isso não implica na perda da identidade japonesa entre os imigrantes e seus descendentes, nem na eliminação das diferenças no espaço físico das habitações *nikkeis* em relação aos lares brasileiros em geral. Conforme aponta Barth (1969), não são traços culturais fixos que delimitam um grupo étnico, mas sim a maneira como o grupo escolhe elementos

diferenciadores e ressignifica outros para criar sua identidade étnica. Dessa forma, os elementos distintivos parecem ter sido preservados principalmente por meio dos objetos de uso cotidiano, como *futons* nas camas ou objetos decorativos presentes na instituição.

Ainda em relação à disposição do mobiliário, assim como a participante EF12, V3 também associa os móveis não padronizados à casa de um avô. V3 é uma pesquisadora *nikkei* que já foi muito próxima do Ikoï e atualmente ajuda como voluntária, principalmente na arrecadação de doações para a instituição. Ao comentar sobre os aspectos físicos da ambiência, ela menciona que as decorações japonesas presentes no Ikoï são da época de seu avô e que a forma como o ambiente é composto com móveis doados "cada um de um jeito" e o excesso de objetos remetem à "casa antiga de japonês", assim como foi mencionado pela participante EF10:

“Lá no Ikoï-no-sono você vai ver uma sala assim que vai estar cheia daquelas bonecas japonesas que ficam naquelas vitrinezinhas de vidro. É uma coisa que meu avô tinha também, eu não tenho desse aí (aqui) em casa. Tem uma sala com um monte de coisas, muito livro, tem vídeos. Sabe casa antiga de japonês, cheio de coisa? As pessoas vão doando, então tem um sofá de um jeito, o outro móvel de outro jeito. É meio japonês mesmo, de um jeito antigo”. (V3)

Sobre esse tópico, é interessante observar, conforme apontado por Fischer (1978), que há a possibilidade de múltiplas interpretações sobre um mesmo assunto. Em contraste com EF12, tanto V3 quanto EF10 compartilham de um referencial cultural comum, a partir do qual identificam traços da cultura *nikkei* na forma de decoração da instituição. Elas destacam que o uso excessivo de ornamentos e a combinação de elementos decorativos nipônicos com móveis não padronizados as remetem às residências de famílias nipo-brasileiras, especialmente as mais idosas.

As cores nos ambientes internos são neutras, as paredes e tetos são quase todos brancos, com eventuais paredes e portas bege ou de madeira. A exceção é a pintura do monte Fuji no refeitório do pavilhão Dona Margarida. Os pisos também são neutros, mas as cores variam entre os ambientes, em geral são pisos vinílicos nas cores bege claro ou um verde oliva claro, mas há em alguns ambientes, como o refeitório do pavilhão semi-dependente e no salão de eventos com pisos de azulejo de outras cores, como vermelho. A iluminação também varia ao longo dos espaços na instituição, mas no geral são luzes brancas, do tipo Led, fosforescente, no teto e, luz natural sempre que possível. O espaço com maior iluminação natural é o refeitório do pavilhão Dona Margarida.

As escolhas de cores neutras e a iluminação adotadas na instituição parecem seguir os

padrões de ambientes encontrados em instituições de saúde e ILPIs. Em relação às cores, de acordo com a Cartilha de Ambiência (BRASIL, 2010), elas podem ser utilizadas para compensar a falta de luz ou absorver o seu excesso, assim como estimular ou relaxar os sentidos. Os tons claros e neutros presentes na instituição sugerem uma preferência por não estimular excessivamente os sentidos e manter uma sensação de luminosidade nos espaços fechados.

A cartilha também enfatiza a importância de utilizar a iluminação natural sempre que possível, pois ela permite a percepção do tempo – dia e noite, chuva ou sol – e influencia o estado de saúde dos residentes. Dessa forma, a presença de luz natural é recomendada para proporcionar uma experiência mais saudável e enriquecedora aos moradores da instituição (BRASIL, 2010).

O som é outro componente da ambiência. No caso do Ikoï, é a ausência de sons altos, a tranquilidade e o silêncio que marcam sua presença no espaço. Ao caminhar pelo Ikoï, quase não se ouvem vozes, e, de acordo com os depoimentos, o silêncio e o tom de voz baixo são bastante valorizados. EF09 comenta como a forma de se comunicar dos “brasileiros” que é mais alta e “acalorada”, eventualmente incomoda os idosos:

“EF04: “Pra quem gosta de sossego e tranquilidade. O ambiente, é tranquilo. (...) Para mim, que venho da poluição de São Paulo, é um oásis. A gente demora mais para chegar, mas a gente esquece dos problemas lá fora.”

EF 05 “(é) silencioso sim. Não tem bagunça, não pode né. Por causa deles, pela tranquilidade. Tem final de semana que você olha aqui é aquela tranquilidade.”

EF 09: “Eu tenho funcionários que tem o tom de voz alto. E o japonês, você vê que falam bem baixinho. Então para eles (japoneses): “aí fulano está gritando”, mas é o jeito. Então a gente tem que ficar chamando atenção. (...) porque são idosos, o ambiente requer mais tranquilidade e a cultura acaba sendo conflitante, brasileiro acalorado e eles muito tranquilos.”

A música quando presente no dia a dia, ajuda a compor essa atmosfera mais tranquila da instituição. É por meio da música que os ritmos diários são marcados. Em geral são músicas tranquilas, instrumentais e japonesas que anunciam todas as refeições diárias. Para além destes momentos rotineiros, a música – em geral japonesa – é utilizada nas atividades com idosos, como musicoterapia, dança sênior e no karaokê. No pavilhão dona Margarida, os sons mais presentes, são os dos programas da TV japonesa ou as músicas da rádio japonesa que tocam no salão comum do refeitório. EF16 conta que a TV principal é japonesa, mas há uma com canais brasileiros também:

EF16: “Ah eh a gente tem que é seguir a cultura deles. Tá aqui a comida. Música, TV,

é se coloca um filme, é tudo voltado pra origem deles. Né? tem televisão em português aqui pros que são brasileiros, né? Que são é são descendentes. (...) Mas mesmo assim até esses (...) que se for pra assistir um filme é um filme japonês. Se for para ouvir uma música é japonesa. Então é tudo lembra a cultura. Comida, os quadros na parede, o as pinturas, tudo, tudo. Tudo. Leva eles para a terra deles mesmo.”

Ainda que a instituição procure manter mais o silêncio, um dos familiares pondera que a o som da TV e do rádio no pavilhão Dona Margarida podem ser excessivos. Segundo ele, seria melhor se houvesse momentos alternados, com a TV ligada e momentos de maior silêncio:

FAM07 “eu vejo lá é um excesso, por exemplo lá fica direto ou a TV ligada ou a música ligada. Eu acho que esse excesso incomoda um pouco a mim. Eu acho que isso chega um momento que pode incomodar as pessoas de lá também. Se eu ficar com ambiente com som direto, chega uma hora que satura. poderia ter momentos. TV fica no canal japonês. ter momento de TV, música, e ter o momento de silêncio, de paz.”

Um outro elemento que teve muito destaque na fala de familiares, funcionários e voluntários foi referente ao cheiro, ou ausência de cheiro na instituição. No contexto de uma instituição de longa permanência para idosos, a ausência de cheiros é associada tanto à limpeza do ambiente quanto ao asseio dos idosos. O depoimento abaixo da funcionária EF16 destaca como este é um diferencial do Ikoi-no-sono. A familiar FAM02 reforça este ponto e menciona que a limpeza é constante porque, ao não precisar marcar o dia da visita, os familiares podem chegar em qualquer dia e mesmo assim os idosos e a instituição estão sem cheiro nenhum:

EF 16 “(as visitas sempre elogiam) que aqui não parecia uma casa de idosos. Aqui não tinha cheiro de casa de idoso. Porque geralmente você vai nas casas de repouso e tem o cheiro característico, né? E aqui não tem. Você pode entrar, pode entrar nos quartos, nos banheiros e não acha. A não ser que seja numa hora que eles estejam tomando banho ou sejam trocados, né?”

FAM02: “Uma coisa também sempre estão limpinhos. Claro que tem um horário de visita, mas não tinha o dia, não precisava marcar o dia. Sempre limpinhos, todos eles. sempre arrumadinhos. Sem cheiro nenhum”

Os entrevistados não associaram a ausência de cheiro a uma característica japonesa, mas disseram que é um diferencial do Ikoi-no-sono. Este dado, no entanto, é condizente com os levantamentos da pesquisadora Nancy Hikoyeda (2010) em ILPIs étnica nipo-americanas nos Estados Unidos. Ela menciona que para as famílias nipo-americanas, a ausência de odores era um indício de que a instituição era boa para seus familiares. Elas acreditavam que a limpeza é uma característica japonesa e que, portanto, as instituições japonesas eram mais limpas.

Resumidamente, há componentes que qualificam o espaço, estimulam a percepção ambiental e criam ambiências acolhedoras (BRASIL, 2010). Segundo a cartilha da ambiência, integrar a cultura dos funcionários e frequentadores de uma instituição em sua ambientação é fundamental para construir "um território onde usuários e trabalhadores possam se identificar com seu mundo e suas referências nos espaços de cuidado" (BRASIL, 2010, p.12).

No Iko-no-sono existem diversos qualificadores étnicos e culturais no espaço físico. Entre os mais proeminentes e relevantes para os residentes, conforme indicado pelos entrevistados, destacam-se os objetos decorativos tradicionais japoneses, a tranquilidade e o silêncio. Tais componentes, aliados a outros elementos como a forma dos idosos agirem, a utilização de *futons*, a música e o idioma japonês, conferem à instituição um caráter estritamente japonês para algumas das funcionárias não *nikkeis* entrevistadas, ainda que os móveis ou a arquitetura do prédio não sejam japoneses. Novamente, a diferença de percepção reflete as referências culturais distintas das entrevistadas (FISCHER, 1978; MACHADO, 2011). Devido à falta de familiaridade prévia com as referências culturais desse grupo étnico ou com o Japão contemporâneo, elas interpretam espaços nipo-brasileiros como equivalentes a espaços japoneses.

Já os depoimentos de EF10 e V3 destacam a importância da mistura de elementos brasileiros e japoneses na decoração do espaço, incluindo a disposição de móveis não padronizados, como forma de acolher os residentes. Segundo Malard (2006), o mobiliário e os objetos presentes em uma residência, assim como a organização espacial, estão relacionados à funcionalidade do espaço e aos valores sociais que a cultura que o gerou carrega. Dessa forma, a combinação de elementos ocidentais e japoneses na decoração contribui com a identificação dos residentes com o espaço e os remete à comunidade nipo-brasileira, às decorações das casas dos japoneses mais antigos e às casas de "avô", como mencionado por V3. Esses elementos também são uma referência ao Japão presente nas casas das famílias *nikkeis* e nos clubes e associações nipo-brasileiros, que são espaços de socialização muito comuns entre os *nikkeis*.

Em resumo, o ambiente físico apresenta uma mistura de referências que contribuem para o senso de pertencimento e familiaridade entre os idosos. Para as funcionárias brasileiras, isso significa estar próxima do Japão e para os *nikkeis*, da comunidade nipo-brasileira.

### **3.2.1 Ambiente externo**

As áreas externas são espaços relevantes para as instituições. Quando transformados em locais agradáveis e multifuncionais podem servir para diferentes práticas de convívio e interação, como atividades físicas, passeios, alongamentos e descanso, tanto para os

trabalhadores quanto para os residentes e seus familiares (BRASIL, 2010).

O Jardim de Repouso São Francisco – Ikoi-no-sono possui uma área externa privilegiada, tanto em relação a outras ILPIs quanto ao contexto local de seu bairro. A entidade localiza-se no bairro Parque Maria Helena no município de Guarulhos - SP, próximo ao bairro Itaim Paulista no extremo leste da cidade de São Paulo. O bairro, atualmente, é bastante habitado, com comércios e residências, mas possui poucas praças públicas ou parques. Ao chegar na instituição há um pequeno portão de metal e uma placa com os caracteres em japonês – Kanji – que indica a existência de uma instituição beneficente de origem japonesa.

O portão parece funcionar como um portal, uma vez que ao atravessá-lo o tamanho do terreno, a abundância de verde e o silêncio impressionam o visitante, especialmente na primeira visita. A natureza exuberante contrasta fortemente com as construções, cimento e asfalto do bairro ao redor. No vídeo institucional da entidade, a natureza é o primeiro elemento apresentado ao espectador. O Ikoi escolheu se apresentar por meio da natureza e mostra como ela está presente no cotidiano dos funcionários e dos residentes (ASDJG, 2016 a). O vídeo começa com uma tela preta, acompanhada pelos sons dos pássaros, e em seguida, mostra imagens das árvores envoltas em cerração matinal, enquanto a irmã Agnes Tomoko Urakawa, antiga coordenadora do Ikoi, narra a experiência:

“Ecoa na mata coberta de cerração matinal o canto dos pássaros, os primeiros raios da manhã surgem por entre as árvores, os gansos e os patos mostram seus primeiros movimentos, nesta hora mágica também começa um novo dia no jardim de repouso” (ASDJG, 2016 a).

O terreno de 10 alqueires do Ikoi-no-sono é cercado pela mata atlântica nativa. Nas áreas externas da entidade há pistas de caminhada que são utilizadas pela comunidade do entorno e outras que são utilizadas pelos idosos residentes e voluntárias para realização de exercícios físicos e passeios. Há uma praça de exercícios ao ar livre e jardins que podem ser utilizados para realização de piqueniques pela comunidade e pelos familiares quando visitam seus parentes. Há ainda, hortas e plantações que são mantidas pelos funcionários e idosos residentes, e um grande lago onde é possível pescar<sup>47</sup>, rodeado por uma bela alameda de cerejeiras, a árvore símbolo do Japão.

O contato com a natureza e o espaço verde do Ikoi proporciona bem-estar aos funcionários e aos idosos residentes, além de oferecer opções de atividades físicas e de lazer. Como relatado

---

<sup>47</sup> Depoimento de EF12 sobre um residente que pescava todos os dias e a necessidade de melhorias no lago: “Tinha um idoso que pescava quase todos os dias. E acho que ia ficar bem mais confortável se fosse a parte assim mais baixa, porque ele era cadeirante, né? Aí o filho que acabava jogando a vara para ele pescar”;

nos depoimentos abaixo:

EF05: “É um lugar privilegiado porque trabalha perto da natureza (...) é muito gostoso você entrar aqui de manhã e sentir esse ar é muito bom. (...) Pra trabalhar é bom, a gente trabalha no meio da natureza né? Pros idosos também porque eles respiram esse ar, eles podem estar sempre passeando por ai, as cuidadoras levam eles pra passear. É bom e você sente uma calma, uma paz”;

EF04: “Pra mim, que venho da poluição de São Paulo, é um oásis. A gente demora mais pra chegar, mas a gente esquece dos problemas lá fora.”

EF 10: “Acho que dificilmente os asilos têm um lugar assim, né? (...) Veio um senhor do Japão, para verificar o que os japoneses fora dos Japão estavam fazendo(...) ele olhou pra cima assim, todo esse mato, tudo né? Ele acha que no mundo inteiro não tem um lugar tão bonito como esse que eu os idosos podem ficar, né? Então, eu acho assim um lugar muito privilegiado também.”

Além das atividades já mencionadas, o contato com a natureza parece ter um efeito sutil na conexão e valorização da cultura japonesa. Em uma tentativa de explicar a diferença de sensibilidade entre brasileiros e japoneses, a ex-diretora Sonoko-san destacou a relação distinta que o povo japonês tem com a natureza. Segundo ela, a forma como os japoneses percebem e se relacionam com a natureza influencia profundamente a sua sensibilidade:

“aqui no brasil é muito acolhedor. Agora no Japão, o japonês é bastante fechado. E também, os ocidentais é colorido, quer dizer o gosto pela roupa tudo isso (...) Enquanto no Japão a veste de cerimônia é branca e aquele *hakama*<sup>48</sup> preto. (...) Mas no Japão, o que se aprecia muito é o branco (...) característica, por causa do inverno que cai a neve. (No Japão) As estações são nítidas, aqui no brasil é tudo misturado. No inverno é só neve, congela tudo, o que sobrevive é o verde de determinadas árvores, então é pedra, rocha, água também congela. Então essas coisas vão formando no decorrer do tempo (...) a sensibilidade do povo.”

Na literatura sobre cultura japonesa há muitas referências sobre a relação dos japoneses com a natureza e em particular às estações do ano. Asami (1984) relata que desde os tempos remotos há poesias que retratam o sentimento dos homens sobre a natureza – chamada *Jokeika* –, que desde o século VIII há compilações de poemas organizados pelas quatro estações do ano<sup>49</sup>, há relatos que no passado a alimentação era sazonal e até as roupas eram trocadas de

---

<sup>48</sup> Vestimenta tradicional japonesa

<sup>49</sup> Sobre a mais conhecida, a antologia poética "*Kokin- Waka-Shū*", o autor comenta: “Nesta coletânea, cerca de 1.100 poemas foram classificados por temas e reunidos em 20 volumes, como segue: os primeiros seis volumes contêm poemas classificados conforme as quatro estações do ano (Vols. I e II — primavera; III — verão; IV e V — outono; e VI — inverno) (...) Isto significa que, em mais da metade dos poemas japoneses, predominam os temas sobre o amor e as estações do ano” (ASAMI, 1984, p.108)

acordo com a estação com o costume do *Koromogae*<sup>50</sup>. No país as estações são marcadas por alguns elementos. Fukuda (1995) apresenta um poema japonês que expressa de forma concisa as referências de cada estação do ano:

“Na primavera, a cerejeira  
no verão, o cuco  
no outono, a lua  
no inverno, a neve fria,  
purifica-se a alma

(Na primavera são lindas as cerejeiras; no verão, o canto do cuco enebria o coração; no outono, a lua encanta os olhos; no inverno, com o frio da neve, sinto a alma purificada).” (FUKUDA, 1995, p.36)

No entanto, quando questionada sobre se esta sensibilidade japonesa ainda estaria presente no Iko-no-sono, Sonoko-san responde que a cultura já está mudando na entidade porque os residentes seriam mais brasileiros do que japoneses:

“Entre os residentes, foi primeiro pessoas de nacionalidade japonesa, mas com o passar do tempo, agora a maioria são brasileiros, com a fisionomia oriental, mas com a nacionalidade brasileira. Mas mesmo os japoneses, com registro japonês, se vieram para o Brasil com 3 anos, se não voltou para o Japão, ele já é brasileiro. Comeu feijão desde criança, tomou leite, comeu frango, porco feijoada e tudo mais. (...) agora cultura, a fisionomia muda, a cultura também vão mudando” (Sonoko-san)

A ex-diretora utiliza tanto os conceitos de nacionalidade quanto de costumes para se referir ao fato de que a cultura e a sensibilidade dos residentes da instituição já mudaram. Se antes eram mais pessoas de nacionalidade japonesa, agora apesar da fisionomia, a maioria é brasileiro. Na sua opinião, os residentes são brasileiros, ou por terem nascido no Brasil ou porque foram socializados neste país desde pequenos e isto influencia seus gostos e preferências. Ainda assim, a funcionária EF09 – que não é *nikkei*, mas participou de uma formação breve sobre a cultura japonesa quando começou a trabalhar na instituição – descreve que os residentes e seus familiares possuem uma relação com a natureza distinta da dos brasileiros. Segundo ela, os *nikkeis* cultuam os elementos da natureza e valorizam particularmente as árvores de cerejeira que há na instituição e os funcionários brasileiros gostam por ser diferente:

EF 09: “Eles cultuam a natureza, dão muito valor pra isso, toda a parte, a natureza em si, o sol, a noite, plantas, enfim eles cultuam bastante isso. (...) Eu vejo isso presente

---

<sup>50</sup> “A prática do *koromogae*, ou a troca sazonal de roupas, é um costume japonês geralmente realizado duas vezes por ano. (...) As pessoas, principalmente funcionários públicos, funcionários de lojas e estudantes, trocam o uniforme de outono/inverno pelo de primavera/verão (...) geralmente, as pessoas mudam de roupas grossas, pesadas e de cores escuras para o inverno, para roupas finas, mais claras e de cores vivas para a primavera e o verão.” (JAPAN FOUNDATION, 2018)

no Ikoï (...) por exemplo, da cerejeira não tem uma cerimônia, assim preparada, mas eles fazem questão de tirar foto embaixo da cerejeira, e falam que se cair uma flor em cima da pessoa o desejo será realizado. Então eles têm algumas tradições e o pessoal acaba gostando porque é tudo diferente.”

Figura 9: Vista aérea terreno Ikoï-no-sono



Fonte: Página do Ikoï-No-Sono no Youtube<sup>51</sup>

Figura 10: Portão de entrada Ikoï-no-sono e alameda das cerejeiras



Fonte: Página do Ikoï-No-Sono no Facebook<sup>52</sup>

<sup>51</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=orCFJafckRQ&t=165s>>. Acesso em 07/04/2023

<sup>52</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/ikoinosono/photos/pb.100068302445765.-2207520000./4539999142726802/?type=3>>. Acesso em 07/04/2023

Figura 11: Plantação e caminhada dos residentes



Fonte: Página do Iko-No-Sono no Facebook<sup>53</sup>

Figura 12: Caminhada com voluntárias e pescaria



Fonte: Página do Iko-No-Sono no Facebook<sup>54</sup>

Essa diferença de percepção demonstra a variedade de interpretações possíveis de um mesmo fenômeno, dependendo dos referenciais de cada indivíduo (FISCHER, 1978). Por um lado, Sonoko-san, ao fazer referência à sensibilidade japonesa baseada nas paisagens e costumes do país, entende que os descendentes de japoneses criados no Brasil, mesmo que tenham convivido com seus antepassados japoneses, adotaram uma sensibilidade mais brasileira. Por outro lado, EF09, cuja referência pessoal são os costumes e hábitos brasileiros não *nikkei*, destaca a diferença existente entre os nipo-brasileiros e os demais brasileiros na relação com a natureza em geral, especialmente em relação à árvore cerejeira.

A oscilação entre ser mais brasileiro ou mais japonês é amplamente abordada na literatura sobre imigrantes em geral e, em particular, sobre os *nikkeis* (LESSER, 2001; TSUDA, 2000;

<sup>53</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=4021316274595094&set=pcb.4021316354595086>> e <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=4103924719667582&set=pcb.4103924929667561>>. Acesso em 07/04/2023

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1984025361657539&set=pcb.1984026564990752>> e <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2408034525923285&set=pcb.2408035145923223>>. Acesso em 07/04/2023

MACHADO, 2011). Lesser (2001) introduziu o termo "identidades hífenizadas" para descrever aquelas identidades, como a dos imigrantes, que são formadas por múltiplas identidades étnicas. O uso do hífen busca reconhecer a dupla identidade do imigrante e, ao mesmo tempo, reforçar a sensação de separação entre as duas culturas no processo de construção dessa nova identidade. Dessa forma, a identidade étnica nipo-brasileira se diferencia tanto da identidade japonesa quanto da brasileira, em um processo dinâmico de constante negociação. Seguindo essa perspectiva, de acordo com Barth (1969), a fronteira étnica é um conceito dinâmico que é estabelecido tanto pela autodiferenciação do grupo quanto pela atribuição de diferenças por parte dos não membros desse grupo. Portanto, é compreensível que, dependendo do interlocutor, certos padrões e comportamentos possam ser classificados como mais brasileiros ou mais japoneses.

Em resumo, a área externa é um valioso recurso institucional. O fato de a instituição ter cuidado desse amplo espaço e torná-lo multifuncional contribui de várias maneiras para o bem-estar das pessoas. A existência da área externa melhora as relações de trabalho, ao promover o bem-estar dos funcionários, além de proporcionar uma melhor qualidade de vida para os residentes, quando facilita a realização de atividades físicas e de lazer, como pesca, passeios ao ar livre e interação com seus familiares. A área externa também contribui com identificação dos idosos com o espaço, pois possibilita a continuação de tradições como a foto embaixo da cerejeira, além de se conectar de maneira sutil com a sensibilidade dos *nikkeis*, ainda que ela esteja em constante mutação.

### **3.3 Atividades**

As atividades físicas, de lazer e terapêuticas são parte fundamental da vida em ILPIs. A RDC 283 da Anvisa estabelece que a instituição deve desenvolver atividades que estimulem a autonomia dos idosos e promover condições para realização de atividades físicas, recreativas e culturais (BRASIL, 2005). A promoção de um estilo de vida ativo dentro das instituições aumenta a interação social dos residentes, estimula a cognição, melhora a autoestima e a capacidade funcional dos idosos (FIGUEIREDO, ALVES e LOPES, 2021). Na perspectiva da ambiência, as atividades contribuem com o senso de pertencimento e bem-estar subjetivo dos idosos. No *Ikoi-no-sono* há diferentes tipos de atividades com os idosos. A combinação das atividades regulares, com visitas de grupos e voluntários, eventos e festas esporádicas dão à instituição um clima festivo ou alegre como mencionou uma informante. Mas durante a pandemia da covid-19 a restrição de acesso de pessoas que não eram funcionárias reduziu muito as festas, eventos e atividades.

“quando tinha a visita era direto, todo final de semana era muita visita, morro de saudades. Nossa, muito bom. Muita gente de fora queria fazer show para eles. Ah, karaokê, teatro, dança. Vinham fazer show para eles (idosos) mesmo, né? Então era muito bom, né? Eles se divertiam, a gente também. E sempre saiam elogiando.”  
(EF16)

Durante a semana a instituição promove diversas atividades para os idosos, conforme pode ser visto na lista abaixo. Os idosos participam de acordo com suas capacidades, o que significa que há maior participação dos idosos do setor semi-dependente, mas os idosos dos demais setores também participam. De acordo com os relatos há maior participação das mulheres do que dos homens nas atividades.

#### Atividades

- Karaokê<sup>55</sup>: semanal, em geral cantam músicas japonesas. Uma vez ao ano há uma competição interna de Karaokê que é um grande evento;
- Artesanato: realizam confecção de espanadores, *origami*<sup>56</sup>, *tsuru*, *kusudama* (dobradura de papel diferenciado) e outros;
- Musicoterapia: atividade em grupo na qual o idoso se movimenta, toca instrumentos e trabalha vocalização. A musicoterapia estimula o movimento, a memória, por meio de músicas nostálgicas e proporciona ao idoso o bem-estar físico, psicológico e social (ASDJG, 2016)
- Dança sênior: atividade física em grupo com coreografias de baixo impacto, curta duração, sem esforços intensos, realizada sentada.
- *Radio Taissô*<sup>57</sup>: ginástica realizada todas as manhãs;
- Costura com a integração de voluntárias e idosas;
- Jogo de cartas e dominó;
- Gameterapia: jogo de videogame como recurso de reabilitação e lazer (ASDJG, 2013b)
- *Shodô*: caligrafia japonesa coordenada pela voluntária da JICA;
- Caminhada e passeio pelo jardim;
- Jardinagem, plantio de flores, legumes e frutas

---

<sup>55</sup> O karaokê é uma invenção japonesa da década de 1970 e desde então é um dos principais passatempos japoneses (BYRNE, 2021). A palavra “karaokê (カラオケ)” é uma mistura de duas palavras – kara (“vazio”) e oke de “okesutura” (abreviação de “orquestra”)” (KAWANAMI, 2012) e significa orquestra vazia, ou música sem canto. Assim como no Japão, a atividade tornou-se muito popular na comunidade nipo-brasileira principalmente por meio das associações culturais (ISCHIDA, 2010; FRAZATTO, 2012).

<sup>56</sup> *Origami* é a prática, ou arte, milenar japonesa na qual se criam figuras e objetos a partir da dobradura em papel. A palavra é composta pela fusão do verbo dobrar (折り= ori) com o substantivo papel (紙=kami) e significa “dobrar papel” (*origami* = 折り紙) (KOBAYASHI, YAMADA, 2013).

<sup>57</sup> O radio *taissô* é uma ginástica japonesa de baixo impacto e é muito difundida entre idosos no Japão. No Brasil é comumente praticado dentro das associações nipo-brasileiras (LEDUR, OLIVEIRA, 2022).

- Diversos shows apresentados por grupos de visitantes que disponibilizam seu tempo para compartilhar carinho e alegria com os idosos;
- Grupo espiritual proporcionando o desenvolvimento espiritual, coordenado pela Irmã Teresia” (ASDJG, s.d.)

Entre as atividades desenvolvidas há uma mistura de atividades de origem japonesa e não japonesa na instituição. Mesmo nas atividades que não têm origem japonesa, geralmente há algum elemento que remete ao Japão, como a música utilizada nas sessões de musicoterapia e dança sênior, que em sua maioria são músicas japonesas tradicionais. Para o funcionário EF06 – que trabalha na instituição há 06 anos e já teve um familiar que morou no Ikoï por 02 anos antes de falecer – os elementos culturais nipônicos fazem diferença mesmo para os residentes que não se sentem próximos da cultura japonesa, como era o caso de sua mãe. Ele destaca que, ao buscar e escolher uma ILPI para sua mãe, os elementos culturais foram um fator importante na escolha do Ikoï, pois contribuíram para que sua mãe se sentisse mais à vontade na instituição:

EF06 “(...) Casa de repouso, não sei se você conhece, eu visitei várias até as mais caras, uma de padrão mais elevado que minha sogra ficou. E não se compara aqui, aqui é muito mais aconchegante, tem a capela, o pessoal é diferente, o lugar é bonito. (...) Aí eu via a programação (das outras casas de repouso), musicoterapia, a musicoterapia era Axé. Não tem nada a ver com minha mãe.

(...) Ah (aqui) tem tudo a ver, a história dos japoneses, a cultura aqui é toda voltada para o Japão.

(ENTREVISTADORA: Sua mãe era próxima da comunidade japonesa?) Não. Ela era descendente, mas não era muito voltada para cultura. (...) ela nunca me passou assim a cultura japonesa. Tem família que tem aquele altazinho que é budista, é mais japonês. Então eu não seguia muito a cultura, nem ela”

Este depoimento ressalta a natureza dinâmica da etnicidade, como observado pelo interlocutor. Em certos contextos, tanto ele quanto sua mãe não se consideravam próximos da cultura japonesa. No entanto, quando expostos a um ambiente que apresentava referências culturais exclusivamente brasileiras, tornou-se evidente o estranhamento em relação a essa cultura e a necessidade de incorporar elementos nipônicos para fortalecer o senso de pertencimento e bem-estar de sua mãe na instituição.

As atividades de origem japonesa não apenas contribuem para o senso de identidade, mas também possibilitam o resgate de memórias físicas e afetivas, além de aumentar a interação social entre os participantes. Entre essas atividades, o karaokê é considerado o mais popular. Essa atividade permite que mesmo idosos com restrições físicas e cognitivas participem, seja cantando ao microfone ou apenas acompanhando as canções, e facilita a socialização de muitos residentes, como destacado pela funcionária EF25:

EF 25 “Tem canção de agora, atual e como tem canção de criança, né? A canção de criança todo mundo sabe cantar. Então aí assim, **quando começa a cantar uma canção de criança não é um que canta é um conjunto que canta**. É então isso que eu acho que é interessante. Porque você resgata coisas que foram vivenciadas na infância com a família, né? E aí você acaba colocando no coletivo e aí todos participam. (...) é uma coisa agradável **porque todo mundo participa, todo mundo dá risada junto**, todo mundo né? Intérgate junto, né? Isso que eu acho que é interessante” (grifos meus)

Além disso, EF04 conta como a participação no karaokê ajuda muitos idosos a resgatarem memórias de infância, principalmente por meio das músicas infantis:

EF 04: “no final do ano tem concurso dos melhores cantores, todos ganham troféu e prêmios. Alguns gostam de ouvir e outros de cantar. Eles cantam mais músicas infantis, tradicionais, conhecem a letra tudo. Alguns cantam músicas mais modernas, folclóricas. **Todos eles sabem todas as músicas infantis que aprenderam na escola**. (música) brasileira é mais funcionário que canta.” (grifo meu)

Ademais, a funcionária EF25 e a familiar FAM05, comentam que é mais fácil para os idosos realizarem atividades que conhecem desde a infância, como por exemplo o *origami*.

EF25: “(...)facilita porque assim, tem coisas que vem de berço. E tem coisas que você aprende quando na infância. Que nem a *origami*. Geralmente os pais sempre passam para os seus filhos. Um trabalho de né? Manusear os papéis, dobrar, até com o primo faz. (...) E aí então assim, aí quando você chega na terceira idade que que nem eles, já tá familiarizado, né? Então aí você até acaba lembrando e colocando as suas ideias. Manuseando assim, você acaba lembrando do que você fazia na infância. Então fica mais fácil. Resgatar alguma coisa criar o também, né? Ou inovar, não sei. Então eu acho interessante assim, né?”

FAM05 lembra como sua mãe conseguia fazer *origami* mesmo quando restrições físicas a impediam de realizar outras atividades como comer de forma autônoma:

FAM05: “mesmo minha mãe que não conseguia comer direito (...) japonês já tem esse conceito porque desde pequenininho estão acostumados a dobrar a ponta com ponta. Várias vezes eu fui lá e dobrei junto, depois fazia karaokê. Minha mãe não gosta de cantar, mas minha tia gostava muito.”

Outra prática que chama atenção no Ikoí-no-sono, é o *shodô* – caligrafia japonesa –, praticada pelos residentes que não têm grandes restrições motoras. O funcionário EF13, que trabalha na instituição há sete anos e morou no Japão por 25 anos, compartilha suas experiências sobre o *shodô*:

EF 13: “Isso aqui é um poema (aponta para um quadro na parede). Você já viu escrever com o pincel, *shodô*, né? Eles fazem aqui. Na cultura japonesa, a maneira como você escreve reflete o que você é. É um espelho, como que você está espiritualmente nesse

momento. O traçado, a linha. Quem conhece sabe como a pessoa está. (...) No Japão o *shodô* é uma disciplina.”

Rowles, Bernard (2013) destacam a importância de estabelecer ambientes físicos, sociais e emocionais que promovam a autonomia dos idosos, incluindo a facilitação de interações sociais positivas e o envolvimento em atividades significativas. Segundo o autor, o ambiente social e emocional exerce influência direta na capacidade dos idosos de desempenhar suas atividades diárias, tomar decisões e manter sua independência funcional. Nesse sentido, a presença de atividades de origem japonesa ou referências nipônicas nas diversas atividades mostra-se um fator relevante para o engajamento e a participação dos idosos residentes. Os depoimentos dos informantes sugerem que a familiaridade com essas atividades facilita sua realização, mesmo entre aqueles que possuem maiores limitações.

Dentro do Ikoi-no-sono as atividades são, portanto, ferramentas que promovem a autonomia, oferecem propósito de vida e valorizam a individualidade dos idosos. Além das atividades já descritas, há outras duas que se destacam, o cultivo de flores e o plantio de legumes e frutas<sup>58</sup>. Atualmente são poucos idosos com vontade ou capacidade física e cognitiva para exercer estas funções, ainda assim, a instituição as realiza como uma forma de manter o idoso ativo e com propósito, como comenta EF25:

“Então, assim, horta, na verdade eu só tenho um idoso que consegue fazer isso. (...) ele faz porque ele fala que ele não quer parar. Porque ele fala que se parar tudo fica ruim, né? A mente fica ruim, o corpo fica ruim, então ele não quer parar. Mas assim, aí a gente coloca para ele: Faça o que o senhor conseguir fazer. Se não der para fazer pede ajuda.”

EF17 conta sobre o processo de criação do orquidário e como isso deu motivação para um idoso continuar vivendo:

“Teve um idoso que ele não tem família nenhuma. Ele perdeu a filha, vai fazer uns seis anos. (...) depois ele teve a perda da esposa que estava na instituição também. Ele ficou sozinho no mundo. Só que ele tinha um vínculo com plantas. Você acredita que a gente teve uma doação. (...) de uma indústria de plástico que a gente reformou esse orquidário para ele. Você entendeu? Foi só para ele. Mas aí o que que a gente fez? A gente aproveitou que ele tem essa expertise. E a gente tinha voluntários da comunidade que vinham aqui ter aula com ele sobre como cuidar da orquídea. E ajudavam ele nos cuidados do orquidário. (...) Então foi para ele, mas ele assim deu uma motivação para ele continuar vivendo.” (EF17)

---

<sup>58</sup> Essas atividades não são de origem japonesa, mas são comuns dentro da comunidade nipo-brasileira. Dado o histórico de agricultura e cultivo de plantas entre os imigrantes e seus descendentes (SAITO, 1961; HANDA, 1987; SBCJ, 1992).

Afora as atividades de lazer, a entidade possui uma equipe multifuncional e parcerias institucionais que possibilitam que o Ikoï ofereça serviços fundamentais como: assistência médica continuada<sup>59</sup>; serviço de reabilitação, promoção e prevenção da saúde do idoso<sup>60</sup>; serviço social<sup>61</sup>; psicologia e assistência odontológica. Estas ações são a base do dia a dia com o idoso.

Em resumo, o Ikoï-no-sono oferece uma variedade de atividades físicas, de lazer e terapêuticas que contribuem para a manutenção da saúde e qualidade de vida dos residentes. O fato de poder oferecer práticas de origem japonesa, como *origami*, karaokê e shodô, e a ambientação japonesa nas demais atividades, como a musicoterapia ou a dança sênior, são diferenciais que impactam positivamente os idosos residentes. Essas atividades ajudam a ativar memórias de infância, promovem o senso de pertencimento e identidade, facilitam a participação e a socialização entre os idosos e contribuem para a execução das atividades.

### 3.4 Celebrações

Os mitos, rituais e celebrações são formas de expressão da identidade cultural de um grupo. Eles refletem os valores, crenças e tradições de uma comunidade específica e ajudam a manter sua coesão e coletividade, assim como desempenham um papel na transmissão de conhecimentos, valores e tradições (GEERTZ, 2008; GEERTZ, 2014). Segundo Geertz (2014), por meio dessas práticas simbólicas, os membros de uma cultura reafirmam seu pertencimento e reforçam sua identidade coletiva.

No Ikoï-no-Sono, a rotina da entidade é enriquecida com a celebração de datas comemorativas e feriados brasileiros e japoneses. Lá são celebradas datas japonesas<sup>62</sup> como o ano novo (*oshogatsu*)<sup>63</sup> – feriado muito importante para japoneses e descendentes –; dia das

---

<sup>59</sup> A instituição possui uma visita semanal aos idosos por uma médica geriatra que fala japonês. Além disso há uma cooperação com a Sociedade Brasileira e Japonesa de Beneficência Santa Cruz que possibilita o atendimento gratuito dos idosos da instituição em caso de necessidade;

<sup>60</sup> Serviço que envolve as ações de fisioterapia, terapia ocupacional e nutrição da instituição com o objetivo de promover maior qualidade de vida e reduzir o número de eventos incapacitantes entre os idosos.

<sup>61</sup> “O Serviço Social tem a responsabilidade de atender os idosos e seus familiares, procurando as soluções mais adequadas para atender as necessidades cotidianas dos idosos, mantendo contacto com os familiares, orientando e esclarecendo” (ASDJG, s.d.)

<sup>62</sup> O calendário completo da instituição está no anexo A

<sup>63</sup> A data é comemorada entre os dias 1 e 3 de janeiro e é considerado um período sagrado de purificação e orações para o ano que se inicia. No país há diversas tradições para esta data (NIPPOBRASIL, 2003).

meninas (*hinamatsuri*)<sup>64</sup>; dia dos meninos (*kodomo no hi* ou *tango no sekku*)<sup>65</sup>; gincana (*undokai*)<sup>66</sup>; festival das estrelas (*tanabata masturi*); dia do idoso (*keiro no hi*)<sup>67</sup> entre outras. Assim como datas brasileiras e católicas como o Carnaval, Páscoa, Dia das Mães e dos Pais, Festa Junina, Dia das Crianças e Natal e realizam festas temáticas esporádicas com os residentes e suas famílias como festa dos anos 70, halloween, festa havaiana entre outras.

Figura 13: celebração dia dos meninos e das meninas



Fonte: Página do Iko-No-Sono no Facebook<sup>68</sup>

<sup>64</sup> “O *Hinamatsuri* simboliza o dia das Meninas. (...) A celebração tem esse formato desde o século XIX. A característica do *Hinamatsuri* são as bonecas tradicionais que são expostas dentro da casa. (...) as famílias montam em casa as *Hina Ningyō* – nome que se dá a um sofisticado conjunto de bonecas e objetos em miniatura decorativos. Similar aos presépios montados na época do Natal no ocidente, as bonecas *Hina Ningyō* são vestidas à moda da corte imperial da Era Heian (794-1185) e representam a sociedade japonesa da época. Os conjuntos mais completos dessas bonecas são montados sobre expositores especiais de 7 degraus decorados com seda vermelha” (ASDJG, 2019).

<sup>65</sup> “O *Tango No Sekku* (...) Dia dos Meninos, que é comemorado anualmente no Japão em 5 de maio. Nesta data, é celebrado o crescimento saudável e a felicidade dos meninos, desejando que se transformem em adultos fortes, corajosos e inteligentes. (...) Em 1948 (...) o governo japonês estabeleceu que o Dia dos Meninos fosse renomeado Dia das Crianças, para que se passasse a valorizar a personalidade das crianças em geral (...). No entanto, ainda hoje a tradição de comemorar os meninos prevalece, mas tem sido marcada mais pela decoração dos lares de famílias com filhos meninos com *koinobori*, flâmulas em forma de carpa, do que pela exibição de bonecos guerreiros” (FJSP, 2018).

<sup>66</sup> O *Undokai* (運動会) cuja tradução literal é “reunião/ encontro de exercícios” é um evento poliesportivo muito popular no Japão. “O evento não está ligado a nenhuma modalidade esportiva específica, nem visa criar um ambiente puramente competitivo. De certo modo, é parecido com o formato de uma gincana, onde os participantes realizam provas e acumulam pontos, divertindo-se ao lado dos parentes e amigos” (JAPAN HOUSE, 2020 a). No Brasil é um dos mais tradicionais eventos dentro da comunidade japonesa e normalmente é realizado no mês de maio em clubes e associações nipo-brasileiras (AJS, 2021).

<sup>67</sup> “Dia do Respeito aos Idosos, o *Keiro no Hi* (敬老の日), um dia de homenagem aos membros mais velhos da população. Celebrado sempre na terceira segunda-feira do mês de setembro. é um momento especial para os japoneses visitarem seus parentes idosos ou simplesmente aproveitarem o dia com atividades de lazer e bem-estar (...) em 1966, a comemoração foi oficializada como um feriado nacional” (JAPAN HOUSE, 2020 b).

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=4217760154950704&set=pcb.4217760298284023>> e <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=5215530798506963&set=pcb.5215530925173617>>. Acesso em 07/04/2023

Figura 14: celebração tanabata matsuri e carnaval



Fonte: Página do Ikoï-No-Sono no Facebook<sup>69</sup>

Estes eventos promovem a socialização dos idosos, são uma forma de entretenimento e de resgate de memórias pessoais e coletivas. A familiar FAM05 comenta como muitos idosos japoneses e descendentes possuem familiaridade com os feriados japoneses em função de sua criação:

FAM 05 “Os eventos (...) mesmo os que nascem nissei, de uma família bem próxima do Japão, ano novo tem uma certa tradição, *tanabata*, dia das meninas, todas essas coisas têm isso dentro da educação que receberam, eles têm uma certa proximidade.”

Na mesma linha, a funcionária EF25 conta como os idosos que são lúcidos gostam de contribuir com a montagem das decorações nas datas comemorativas e, ao fazê-lo, resgatam memórias da infância:

EF 25: “Eles conhecem muito. É porque assim, eu não sei, mas o que eu sinto é que eles têm isso é  **muito bem enraizado dentro deles**. Aí quando a gente faz tem uns que dá até conselho: “*Ah esse daqui é assim, esse daqui põe assim, né?*” Porque tem os posicionamentos, as regras, né? Tem uns que são lúcidos. É interessante que eles também participam na parte da montagem, do processo, né? **Então o que eles aprenderam na infância. (...) agora adulto, resgata tudo e assim eles resgatam na verdade com muita é energia né?**” (grifos meus)

Embora as datas japonesas sejam um diferencial da ILPI, as datas brasileiras têm um papel importante para os residentes e a instituição. A festa junina, por exemplo, além da celebração interna com os idosos é uma das maiores festas para o público externo e ajuda na arrecadação de fundos para manutenção da entidade. Além disso, como a maior parte dos residentes atuais nasceu ou cresceu no Brasil, as comemorações brasileiras também fizeram parte de suas histórias. O livro “Em Tarde Ser: crônicas, fotos e haikais” (MELO, 2015), realizado por meio

<sup>69</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=5583290578397648&set=pcb.5583290761730963>> e <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=4009101882483200&set=pcb.4009102115816510>>. Acesso em 07/04/2023

de oficinas de resgate de memórias afetivas com idosos residentes do Ikoi-no-sono, traz o seguinte poema inspirado nas lembranças da residente Massue Matsunaga, já falecida:

“Passam-se os anos.

Fica o baile e a festa.

Esvai-se a memória”

(MELO, 2015, p.22)

O haicai<sup>70</sup> faz referência à memória da juventude de Matsunaga que lembrou do *maze gohan*<sup>71</sup> de sua mãe, os passeios com o pai e as marchinhas de carnaval que ela brincava todos os anos.

Para além das memórias pessoais, esses eventos são uma oportunidade de troca entre os residentes e os funcionários do Ikoi. Principalmente com as cuidadoras e enfermeiras, que não são descendentes de japoneses, como comenta EF18:

EF18: “As festas do dia das meninas, dia dos meninos, não existe na nossa (cultura), mas a gente festeja e entra dentro da festa. **E a gente traz também eles para as nossas festas, né? Carnaval, né? Para eles não é forte Natal, mas para a gente sim.** E a gente entra na cultura deles também, do ano novo, que para eles tem muito mais significado que o nosso, né?” (grifos meus)

Nessas ocasiões as cuidadoras conseguem compartilhar com os idosos uma cultura comum e podem expressar-se criativa e afetuosamente conforme fala EF05 no depoimento abaixo:

EF05: “tinha festinha junina, fazia comidas típicas, a gente dançava. Carnaval que a gente se fantasiava, Natal também que a gente faz o coral para eles. É muito gostoso, você vê o sorrisinho deles. Tudo eles gostam.”

Os rituais e celebrações desempenham um importante papel na integração das comunidades, reunindo seus membros em práticas compartilhadas (GEERTZ, 2008). Além de promover a coesão social, eles fortalecem os laços interpessoais e reforçam os sentimentos de solidariedade e pertencimento ao grupo. A Cartilha da Ambiência (BRASIL, 2010) ressalta a importância de construir um ambiente no qual os usuários e os profissionais possam se identificar com sua cultura e seu mundo, estabelecendo vínculos nos espaços de saúde.

A presença dos rituais e celebrações brasileiros contribui tanto para resgatar memórias e promover a cultura entre os residentes que cresceram no Brasil, como para criar um espaço de construção de um território comum com os funcionários não *nikkeis*. Esse território permite que

---

<sup>70</sup> Haicai é uma forma poética tradicional japonesa.

<sup>71</sup> Arroz temperado japonês com legumes, lembra um risoto.

os funcionários se sintam como agentes ativos e pertencentes, em vez de meros estrangeiros em uma nova cultura.

Com relação às comemorações japonesas há uma preocupação institucional em seguir rigorosamente o calendário, ritos e costumes, como forma de preservar a cultura e as tradições nipônicas. EF25 conta que há tanto rigor para manter as celebrações de todas as datas comemorativas que impressionou inclusive pessoas japonesas que visitam a instituição:

EF25: “a entidade tenta manter à risca, né? Todas as danças, **todas as comemorações como tradição.** (...) a gente recebe pessoas de lá do Japão (...) e aí eles ficam muito admirados que nós fazemos, né? (...) (a japonesa) ela ficou admirada e falou assim: nossa eu acho que lá no Japão realmente tem famílias que nem fazem mais né? Que nem segue com tanta risca. **Só comemora algumas datas, as mais importantes, mas não todas, né? E a entidade tenta comemorar todas.**” (grifos meus)

Na mesma linha, EF10 relata como uma voluntária japonesa ao acompanhar as tradições de ano novo no Ikoï comentou que “lá no Japão não faz mais essas coisas” ao menos não todas as tradições, conforme descrito a seguir. O ano novo é um dos feriados mais importantes do Japão e sua relevância se manteve entre os imigrantes japoneses e seus descendentes. A celebração no Ikoï-no-sono dura três dias. Ela começa na virada do ano com decorações típicas do ano novo. No primeiro dia do ano os idosos comem a tradicional sopa de *Ozōni*<sup>72</sup> e sashimi preparado por voluntários. No segundo dia de janeiro há o *Oyatsu* (chá da tarde) com degustação do *machá* (chá verde) e depois, “os idosos participam do *Ochiatate* (encontro) para a prática do *Kakizome*<sup>73</sup> que é uma das tradições do Ano Novo japonês sendo a primeira escrita no início do ano” (IKOI, 2021). No terceiro dia os idosos jogam um jogo tradicional chamado *Fukuwarai*<sup>74</sup> que consiste em montar um rosto, de olhos vendados, colocando nos lugares corretos as partes que faltam como a boca, olhos, nariz e sobrancelha.

---

<sup>72</sup> *Ozōni* (お雑煮): é “uma sopa que tem o *mochi* como principal ingrediente. No Japão, o *Ozōni* é consumido durante as festividades do Ano Novo. Essa tradição tem origem no século XV, quando o *mochi* era oferecido aos deuses na noite de Ano Novo e consumido em forma de sopa na manhã do dia seguinte” (JAPAN HOUSE, 2020). *Mochi* ou *moti* é um bolinho de arroz glutinoso japonês.

<sup>73</sup> “Tradicionalmente, o *kakizome* (書初め) era executado usando tinta esfregada com a primeira água retirada do poço no dia de ano novo. Sentadas de frente para uma direção favorável, as pessoas escreviam poesia chinesa contendo palavras e frases auspiciosas, como vida longa, primavera ou juventude perene” (IKOI, 2021).

<sup>74</sup> “O nome *Fukuwarai* (福笑い) vem da junção das palavras *fuku* 福 (sorte ou felicidade) e *warai* 笑い (risada), e recebe este nome justamente pelas caras engraçadas que acabam sendo formadas quando o participante troca as partes do rosto de lugar, levando todos a um acesso de riso. Por isso, alguns japoneses associam este jogo ao provérbio “A felicidade vem para as casas onde há muitas risadas” (笑う門には福来る). Há quem acredite que jogar o *Fukuwarai* no ano novo faz com que a boa sorte os acompanhe durante todo o ano” (JAPAN HOUSE, 2020).

Figura 15: Imagem kakizome – primeira escrita do ano



Fonte: Página do Ikoï-No-Sono no Facebook<sup>75</sup>

Figura 16: Fukuwarai



Fonte: Página do Ikoï-No-Sono no Facebook<sup>76</sup>

É interessante notar que, na busca de preservar as tradições com rigor, o Ikoï-no-sono se distancia do Japão atual, onde os costumes já mudaram. De acordo com a coordenadora social da instituição, Tatiane Nishimura, o Ikoï é, também, um “pedacinho do Japão antigo” (MELO, 2015, p.112).

Assim como os rituais, a funcionária EF04 conta como até o idioma falado pelos idosos da instituição também não é o mesmo falado atualmente no Japão. Segundo ela, a língua mudou naquele país, enquanto a língua falada entre os nipo-brasileiros permaneceu a mesma de seus pais e avós:

EF04 “Os voluntários vem estudar cultura aqui, nossos idosos (japoneses) mantêm mais a tradição do que os próprios japoneses de lá (Japão). (...) Lá o idioma ficou mais americanizado e aqui mantêm a linguagem dos pais e dos avós. Mesmo pensamento, mesmo dialeto, cada um é uma província. O pessoal do Japão traduz do inglês e os mais velhos não entendem (o japonês com palavras em inglês).”

<sup>75</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=3911623978897658&set=pcb.3911629802230409>> Acesso em 07/04/2023.

<sup>76</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=6143800489013318&set=pcb.6143807849012582>> Acesso em 07/04/2023.

Estes fenômenos não são exclusivos do Ikoï-no-sono, Porto (2018) ao estudar a comunidade nipo-brasileira em São Paulo, diz que o Japão presente no imaginário dos japoneses no Brasil e seus descendentes não é o mesmo dos mapas, dos livros de história ou das crônicas contemporâneas, mas é uma representação simbólica do Japão de suas memórias. Um Japão que os remete ao ponto de origem, que ancora a identidade comunitária e une “a comunidade em torno de uma determinada versão do passado imaginado” (PORTO, 2018, p.314).

Outra celebração que vale mencionar é o do *Tanabata Matsuri* ou Festival das Estrelas, que é um dos maiores festivais do Japão e da comunidade nipo-brasileira (LIMA, 2013). O festival ocorre em julho e celebra uma lenda ancestral sobre uma história de amor da corte imperial japonesa. Um dos ritos do festival é escrever desejos em pedaços de papéis que são amarrados a ramos de bambu que serão queimados. Acredita-se que a fumaça levará os pedidos até as estrelas. Mori (2008) ao analisar os festivais no Brasil e Japão aponta uma diferença sutil entre os dois, mas que reflete a diferença entre a cultura que existe no Japão e a que imigrou para o Brasil. No Japão os pedidos são escritos em papéis brancos enquanto no Brasil “são utilizados papéis de sete cores: sendo que cada cor traz uma simbologia: vermelho, amor; branco, paz; amarelo, dinheiro; verde, esperança ...” (MORI, apud MANFRINATTO, 2008, p.08) assim como ocorre com as roupas utilizadas no réveillon. O Ikoï-no-sono realiza a celebração colorida dos nipo-brasileiros. Ainda que o Ikoï siga à risca a celebração da data e seus ritos, nesta perspectiva, a instituição estaria seguindo uma tradição já adaptada ao território nacional. Segundo Mori, quando uma cultura migra para outros países, ela é modificada pela influência local e sintetiza elementos de distintas regiões do lugar de origem, como uma colcha de retalhos (MANFRINATTO, 2008).

Em vista disso, os rituais presentes no Ikoï podem ser considerados o que Hobsbawn (2008) chamou de “tradições inventadas”. Segundo o autor, tradições que parecem antigas podem ser bastante recentes ou mesmo inventadas<sup>77</sup>. Elas atuam como uma maneira de impingir valores e normas de comportamento além de estabelecer uma continuidade com um passado histórico que o grupo considere apropriado. Assim sendo, independentemente da maneira como

---

<sup>77</sup> Um exemplo de tradições inventadas é o caso que a antropóloga Sylvia Yanagisako traz em seu estudo sobre as relações familiares dos japoneses e seus descendentes nos Estados Unidos. A autora comenta que há práticas e costumes que os nipo-americanos consideram como tradições essenciais dos japoneses como por exemplo: o casamento arranjado (*miai*) ou a regra de sucessão familiar na qual o primogênito é o sucessor e único herdeiro familiar. Tais tradições também foram trazidas para o Brasil entre os primeiros imigrantes. Mas, segundo a autora, esses eram costumes apenas da classe dos Samurais. Foi somente na era Meiji (1868-1912) que essas práticas foram impostas pelo governo japonês ao restante da população por meio do código civil e do treinamento moral promovido pelo governo. Desta maneira, substituíram os diferentes costumes que havia pelo país e conclui a autora: “isso só pode demonstrar a rapidez com que uma tradição atemporal pode ser criada” (YANAGISAKO, 1992, p. 20).

as datas são celebradas no Japão atual, dentro do Ikoi-no-sono os ritos são uma maneira de manter o vínculo com o Japão mítico do qual vieram os imigrantes e uma maneira de delimitar a fronteira étnica deste grupo (BARTH, 1969; COOL, 1986). O rigor com que a instituição procura seguir as tradições é um exemplo dessa busca de conexão com a terra ancestral dos fundadores e residentes da instituição.

Na busca desta conexão, as tradições funcionam como uma forma de lutar contra o esquecimento. A funcionária EF09 conta sobre a preocupação institucional em preservar a cultura. Atualmente os principais ritos são mantidos pela oralidade e aprendizado prático entre as funcionárias:

“É preocupante sim a questão de manter a cultura, porque na verdade o que eu observei é que a própria comunidade *nikkei*, é assim que fala? Eles têm medo de perder a história. Conforme a modernidade, vai mudando, eu percebi que eles têm a preocupação da cultura não se perder. A gente tem a sorte porque temos funcionários antigos, mas alguns estão se aposentando e vai ter que ir trocando, reciclar, eles tendem a sair. E manter a cultura não é fácil mesmo. Se eles próprios têm essa preocupação, quem dirá a gente, que a maior parte é brasileiro.” (EF09)

A maior parte dos funcionários já conhece as celebrações e principais datas comemorativas – por terem aprendido com os idosos e as gestoras ao longo de seus 5, 10, 15 ou 20 anos trabalhando na ILPI – e ajudam a transmitir para os mais novos. Contudo EF09 prevê dificuldades futuras em sobre a continuidade das tradições com as eventuais trocas de funcionários:

EF09: “quem trabalha já sabe, mas tem também um calendário. É meio que assim, quem entra vai dando continuidade a gente espera que dê continuidade, tem muitos funcionários antigos. No futuro pode supor, no futuro vai trocar todo mundo, mas aquele que entrou vai mantendo, passando por boca a boca. (...) não se sabe se vai ser assim, a missão é manter.”

Nesta mesma linha, a funcionária EF17 comenta sobre como a parceria com a agência de cooperação japonesa (JICA), que viabiliza a vinda de voluntários japoneses, é uma forma de manter o vínculo com as raízes japonesas e fazer o resgate cultural de costumes. Isto é importante em um contexto no qual misturam-se os idosos japoneses que vieram para o Brasil durante sua infância, e mantêm suas tradições, e idosos descendentes (nisseis e sanseis) que não necessariamente mantinham os costumes:

EF17: “É uma coisa para a gente **manter um vínculo cultural com essas raízes e**

**tradições japonesas** a gente recebe voluntários daquela JICA (...) A gente recebe esses voluntários japoneses já faz muitos anos. **E eles ajudam nesse resgate cultural, de costumes.** Porque assim, a gente tem idosos que são japoneses mesmo, que vieram durante a infância e mantiveram as tradições. E a gente tem idosos que são *nissei*, *sanseis*, eu no meu caso eu sou *nissei*. Então assim, mas você tem todas essas coisas e dentro das famílias japonesas, algumas mantém essas tradições (outras não). **Então você tem esses resgates dentro da instituição desses costumes. Dos valores, dos costumes, das tradições.**” (grifos meus)

Em resumo, as datas comemorativas têm uma relação significativa com o senso de pertencimento, qualidade de vida e bem-estar dos residentes. Mais do que fazer um inventário de quais datas ou quais práticas são genuinamente japonesas, interessa compreender seu significado para a instituição e os residentes. Os depoimentos explicitam que há no Iko i criação de um território próprio, no qual as referências brasileiras – como carnaval, Natal e páscoa – e japonesas são importantes. As datas comemorativas brasileiras dialogam com a história de vida de muitos dos residentes, que cresceram no Brasil, possibilitam a identificação e maior participação dos funcionários não *nikkeis* em sua celebração e contribui com a criação e fortalecimento do vínculo dos residentes com os funcionários. As celebrações das datas japonesas, por sua vez, são uma forma de se conectar tanto com memórias de seus residentes quanto com a sua terra de origem, real ou imaginada. Todos esses fatores vão delimitando a fronteira étnica desta instituição nipo-brasileira.

### 3.5 Alimentação

A alimentação foi um dos itens mais mencionados pelos entrevistados, tanto como um elemento importante para o bem-estar dos idosos, quanto como um dos aspectos que mais representam a cultura e etnicidade japonesa na instituição.

Em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), a alimentação é um tema particularmente relevante, uma vez que alterações nos hábitos alimentares podem fragilizar a saúde dos idosos<sup>78</sup> (SANTELLE; LEVEFRE; CERVATO, 2007). A comida possui um valor simbólico expressivo, que vai além de seu valor nutricional, podendo ativar memórias, mexer com as emoções, manifestar visões de mundo e identidades, além de confortar e até curar (TAVARES, 2018).

Em uma abordagem étnico-cultural Gonçalves (2007) argumenta que a construção do

---

<sup>78</sup> A população idosa é particularmente susceptível a problemas nutricionais devido a fatores relacionados com as alterações fisiológicas e sociais, ocorrência de doença crônica, uso de várias medicações, problemas na alimentação (comprometendo a mastigação e deglutição), depressão e alterações da mobilidade com dependência funcional (CRUZ, 2004).

paladar é uma experiência culturalmente construída. Diversos fatores de ordem ecológica, histórica, cultural, social e econômica influenciam as escolhas alimentares das pessoas e de grupos sociais. A combinação de tais elementos levam os grupos a classificar os diferentes tipos de alimentos, a separar o que é bom, o que se pode ou não comer, o que é considerado comida do dia a dia e comidas de celebrações, determinar quais alimentos são para crianças, adultos, humanos, deuses ou animais e a estabelecer quais as formas apropriadas para preparar e servir os alimentos (MACIEL, 2005). A partir da criação destas memórias coletivas, de costumes e hábitos comuns que a comida se torna uma fonte de identidades coletivas e individuais, um código de reconhecimento social e pertencimento. Segundo Gonçalves (2007), a alimentação é um dos alicerces mais estáveis das identidades étnicas, uma vez que os gostos alimentares seriam os mais resistentes a modificações e mudanças históricas, mesmo em contextos de migrações:

“Desse modo, estudarmos o paladar, enquanto parte de um sistema culinário, temos acesso a dimensões de ‘longa duração’, uma vez que se trata de processos sociais e rituais bastante resistentes às mudanças históricas de ordem econômica e política. O sistema de identidades encontra aí provavelmente um dos seus alicerces mais estáveis.” (GONÇALVES, 2007, p.167)

As entrevistas realizadas no Ikoï corroboraram com esta perspectiva. A presença da comida “japonesa”<sup>79</sup> foi um dos elementos culturais presentes na instituição mais mencionados pelos entrevistados e foi citado como um grande diferencial para o bem-estar dos residentes. A funcionária EF25, que está no Ikoï há 10 anos, ressalta como a instituição consegue trazer a familiaridade do sabor para agradar o “paladar aguçado” no dia a dia do idoso residente:

EF 25: “E aí assim, o que é muito forte é a alimentação (japonesa) (...) é que o idoso ele já está com aquele paladar aguçado de tantos anos de vida. Ele já assim não troca muito aquele paladar. (...) Ele não quer um paladar diferenciado, ele pode até ter um paladar diferenciado, mas para alguns eventuais dias, mas não na sua rotina.”

A familiar FAM02, que possui dois parentes na instituição há 04 anos, conta como a comida (japonesa) foi um dos fatores decisivos para manter seus familiares na instituição:

FAM02: “Ano novo festejam o ano novo à moda japonesa, tem *udon*, *sushi*, também fazem. Então da cultura japonesa (...) tem a comida. E os (idosos) que tem mais noção (que tem a cognição preservada) pedem, querem comer sushi. Foi a primeira (instituição que achei) e nunca pensei em trocar nem nada porque tem essa parte da

---

<sup>79</sup> Embora não seja o objetivo desta pesquisa discutir este tópico a fundo, importante pontuar que a comida japonesa aparece entre aspas porque há pesquisadores que entendem que a culinária japonesa existente no Brasil é em si uma mistura de referências brasileiras e japonesas. Mori (2008) comenta por exemplo que ingredientes como o shoyu tem uma receita própria nacional, diferente da japonesa, assim como o sushi ganhou ingredientes brasileiros (MORI, apud MANFRINATTO, 2008,).

comida. Que o mais importante é a comida lá né?”

Seguindo a mesma linha, a enfermeira EF18, com 21 anos de experiência no Ikoi, relata como a alimentação japonesa ajuda a tranquilizar os idosos, especialmente aqueles com memória ou cognição afetadas, por meio do estímulo à memória afetiva:

EF 18: “Sim, faz diferença (ter comida japonesa). (...) ainda tem muitos (idosos) que remetem a alimentação. No momento, a memória afetiva de alimento, de festas, principalmente no fim da vida que já começa a ficar com a memória mais frágil, ajuda bastante, né? Deixam eles mais tranquilos.”

Ainda sobre a memória afetiva, FAM05 conta como percebeu uma mudança de preferência nos hábitos alimentares de seus pais quando envelheceram. Segundo ela, seus pais a criaram de maneira brasileira e não tinham o costume de fazer comida japonesa em casa. Mas, na velhice, voltaram a querer comida japonesa, a comida com a qual se acostumaram na primeira infância:

FAM 05: “minha família sempre foi muito brasileira (...) mesmo comida japonesa a gente não comia muito em casa (...). Agora com 88 anos, chega de arroz e feijão, querem comida parecida com a infância. Eu vejo isso nos meus pais. No Ikoi eles tem comida japonesa. Quando tem evento eles põem um docinho japonês, eu imagino que os idosos se sintam mais à vontade mais aconchegados ali”

Embora a comida japonesa seja muito valorizada na entidade, é importante ressaltar que há uma diversidade de hábitos e preferências alimentares no Ikoi. A funcionária EF04 conta que há residentes que preferem comida brasileira como arroz e feijão, mas a maioria gosta das duas cozinhas:

EF04 “Os idosos aqui adoram arroz e feijão. Entre um sushi e um sashimi, prefere arroz e feijão. Tem um idoso que faz questão, em qualquer festa quer arroz e feijão. Muitos trabalharam na lavoura, estão acostumados com arroz e feijão. (mas) A mãe cozinhava em casa então (eles) mantêm algo da comida japonesa. Até a sopa, tipo aquele macarrão, *sobá*, feito de trigo, que é diferente do macarrão comum, eles fazem questão de comer isso.”

Apesar da preferência pela comida japonesa, cabe destacar que os pratos típicos japoneses são servidos apenas em ocasiões especiais, no dia a dia os elementos japoneses são normalmente complementos ou temperos. O cardápio da instituição é elaborado pela nutricionista diariamente. Os pratos são balanceados do ponto de vista nutricional, e são preparados sem excessos de sal, gordura ou açúcar, o que faz com que alguns idosos e familiares considerem a comida sem tempero. Em geral a comida são misturas de elementos japoneses e brasileiros – com exceção do café da manhã, que foi descrito como ocidental, no qual serve-se apenas pão, queijo e café. A comida brasileira, como arroz e feijão, é a base das refeições diárias, e os pratos

e ingredientes japoneses são complementares. Em todas as refeições há algum componente de origem japonesa como o *gohan* (arroz branco japonês), *missoshiro* (sopa de missô)<sup>80</sup>, conserva de nabo, *umeboshi* (conserva de ameixa), chá verde ou são utilizados temperos japoneses na comida, como cozidos de carne temperados com *shôyu* ou *missô*. As funcionárias EF09, que está há 3 anos no Ikoi, e EF22, que trabalha na cozinha da instituição há 22 anos, comentam sobre a presença destes ingredientes e pratos japoneses:

“Por exemplo, se a gente for ver a questão da alimentação, tomar chá verde, eu acho horrível chá verde, então são costumes (ao invés do cafezinho). Lógico, tem sim, mas não diariamente, tem o costume do chá verde, tem coisas na alimentação que são diárias, aquelas conservas com nabo, o lamen com algas, e temperos que são diários e já é costume deles. Algumas pessoas gostam e há também descendentes que não gostam, tem que equilibrar. (...)” (EF09)

“tem aqui o cardápio pros idosos (...) Sempre tem, *missoshiro*, as vezes tem o cozido com *shôyu*, a carne faz também com *missô*. Usa temperos, né?” (EF22)

A funcionária EF12 conta que, embora haja o cardápio diário, a instituição abre exceções para satisfazer as necessidades e desejos dos idosos. Como o caso do idoso que só gostava de comer peixe com arroz:

“Porque a maioria aqui come a comida é totalmente japonesa, né? Que nem, o idoso de cento e três anos que faleceu agora. Ele só comia arroz integral e cabeça de peixe. Ele que escolhia o arroz. E ele que tipo meio que pré-preparava. Ele escolhia o arroz, limpava, sabe? Ele que fazia essa parte. E aí passava para a cozinha fazer pra ele.” (EF12)

Os pratos tradicionais japoneses como *sushi*, *sashimi*, *lâmen* ou *sobá* normalmente são servidos em dias especiais como feriados, datas comemorativas ou em ações realizadas por voluntários. Nessas ocasiões, redes de solidariedade étnico-culturais são mobilizadas para oferecer aos idosos do Ikoi momentos de prazer e afeto por meio das refeições. No passado, a instituição recebia doações regulares de peixe fresco que eram preparados com a ajuda dos próprios residentes (MAEYAMA, 2004). Atualmente, esse tipo de doação ocorre em datas comemorativas. Além disso, em datas especiais, grupos de voluntários ou familiares dos residentes cozinham pratos especiais para os idosos, como *guiudon*<sup>81</sup> no Dia das Mães e *sukiyaki*<sup>82</sup> no Dia dos Pais em 2022. Ao longo do ano, grupos e empresas voluntários contratam buffets ou preparam diversos pratos, como *udon*<sup>83</sup>, tempurá de camarão e legumes, salada de

---

<sup>80</sup> Prato típico japonês que consiste em consômê de missô com tofu e cebolinha.

<sup>81</sup> Tigela de arroz coberta por fatias finas de carne, cebola com um molho levemente adocicado.

<sup>82</sup> Cozido japonês que possui diversas formas de preparo, mas tem como base carne bovina ou suína em fatias bem finas, verduras como acelga, broto de feijão, couve-flor, macarrão, tofu entre outros.

<sup>83</sup> Tipo de macarrão grosso japonês.

*bifum*<sup>84</sup>, sashimi de salmão, *happosai*<sup>85</sup>, *tsukemono*<sup>86</sup> de pepino e *hakusai no oshitashi*<sup>87</sup>, entre muitos outros. A comida é uma das principais formas de voluntários e familiares demonstrarem seu carinho pelos idosos e gratidão à instituição.

Além destas ações a instituição organiza mensalmente, com a ajuda de voluntárias, o *kissa* que é um lanche da tarde diferente para os idosos. O salão de eventos é ambientado como um *kissaten*<sup>88</sup> – cafeteria ou casa de chá tradicional japonesa – e são servidos vários lanches japoneses e brasileiros como bolos, pastéis, sanduíches, *soba*, *ohagi*, *tsukemono*, chá verde ao som de músicas típicas japonesas. Este “é também o momento onde os idosos exercem a sua autonomia porque eles adquirem uma ficha por simbólicos R\$2,00 e podem escolher o lanche da sua preferência” (ASDJG, 2016c). Outro evento é o *baiten* que é uma pequena loja organizada no Ikoï, onde os residentes também exercem sua autonomia e podem comprar diretamente frutas ou produtos para uso pessoal.

A alimentação é, sem dúvida, um diferencial do Ikoï-no-sono. Quando questionados sobre os aspectos culturais japoneses presentes na instituição, a comida é um dos primeiros elementos lembrados pelos entrevistados, que afirmam que ela ativa a memória afetiva e proporciona um sentimento de conforto e tranquilidade. No entanto, é interessante observar que a comida servida é uma mistura de referências brasileiras e japonesas, como o *missoshiro* servido junto com arroz e feijão. Embora os elementos culinários de origem japonesa estejam presentes no dia a dia, geralmente em menor quantidade do que os outros pratos, a comida ainda é lembrada como um forte elemento étnico-cultural, sendo chamada até mesmo de totalmente japonesa por funcionários não *nikkeis*.

Isso pode parecer estranho para aqueles que esperariam encontrar apenas culinária japonesa em uma ILPI para imigrantes e descendentes de japoneses. No entanto, a mistura de hábitos alimentares é um traço distintivo da comunidade nipo-brasileira, diferenciando-a tanto dos japoneses nascidos no Japão quanto dos brasileiros não *nikkeis*. O sociólogo Hiroshi Saito (1961) descreveu a alteração dos hábitos alimentares dos imigrantes japoneses e seus descendentes até a criação da dieta dual, característica da comunidade nipo-brasileira. Segundo o autor, inicialmente (1915-17), a alimentação era composta principalmente por ingredientes

---

<sup>84</sup> Macarrão de arroz, bem fino e delicado, muito usado na culinária oriental.

<sup>85</sup> Um tipo de refogado chinês com carnes e legumes, muito popular no Japão.

<sup>86</sup> Pepino em conserva.

<sup>87</sup> Acelga aferventada e temperada. É um acompanhamento popular japonês.

<sup>88</sup> *Kissaten* (喫茶店): é o termo utilizado para se referir às cafeterias antigas ou tradicionais do Japão.

Atualmente o termo utilizado para designar as cafeterias contemporâneas é *Kō hīshoppu* (コーヒーショップ) que é uma adaptação do inglês “coffee shop”.

locais, porém, com o uso de temperos japoneses. Na segunda fase (1918-25), a dieta começou a incluir pratos japoneses devido às melhores condições econômicas e ao surgimento de indústrias e comércios especializados em comida japonesa em São Paulo. Na terceira e última fase (após 1925), a dieta se tornou mais variada e rica, com uma dualidade de elementos brasileiros e japoneses. Hoje em dia, a dieta dual ainda é um traço marcante na vida alimentar de japoneses e descendentes, com a presença simultânea de traços das duas culturas.

Célia Sakurai (2008) também aborda essa questão ao descrever o contexto nipo-brasileiro como um espaço de fusão cultural. Segundo a autora, é comum a prática de rituais budistas em funerais e casamentos na igreja católica, além do consumo de feijão com arroz preparado à moda japonesa. Esses são detalhes muito familiares para os imigrantes e seus descendentes. Na mesma linha, Erica Hatugai (2011) descreve a comida cotidiana das famílias dos imigrantes que tem como base o arroz e o feijão brasileiro, mas conta também com o *gohan*, tempurá, *hakusai*<sup>89</sup>, e saladas com temperos japoneses como *shôyu*, gergelim, gengibre etc.

O conceito de fronteiras étnicas proposto por Frederik Barth (1969) se refere à forma como os grupos étnicos delimitam e mantêm suas identidades culturais. Essas fronteiras são construídas por meio de práticas e símbolos que diferenciam um grupo étnico do outro, como por exemplo a culinária. Dentro desse contexto, é importante ressaltar que quando a funcionária EF12 se refere à alimentação como "totalmente japonesa", ela não está desconsiderando a presença de pratos típicos brasileiros na instituição. Pelo contrário, sua observação demarca uma fronteira, seguindo a perspectiva de Barth, que separa a culinária brasileira tradicional da cozinha nipo-brasileira presente na instituição, que inclui temperos e pratos japoneses.

### 3.6 Idioma

A importância da linguagem é um tópico muito presente em estudos relacionados ao envelhecimento, etnicidade e imigração. A capacidade de se comunicar verbalmente, compreender e ser compreendido é fundamental para os residentes de instituições de longa permanência. A comunicação oral com outros residentes e cuidadores ajuda a diminuir o isolamento e facilita a socialização dos idosos (MACLEAN, BONAR, 1983; KANITSAKI, 1999; MARTIN, WOODS E WILLIAMS, 2019; HEIKKILÄ, SARVIMÄKI, EKMAN, 2007), possibilita cuidados melhores e mais interação com enfermeiros e cuidadores (JONES, 1986; ROSENDAHL, 2016) e pode reduzir estados de agitação e o uso de medicamentos (RUNCI, EPPINGSTALL E O'CONNOR, 2012; COOPER et al., 2018).

O idioma japonês ainda é bastante presente no Ikoi-no-sono, principalmente entre os

---

<sup>89</sup> "acelga, praticamente consumida o ano todo no Japão e na casa dessas famílias" (HATUGAI, 2011).

idosos. Embora muitos dos residentes atuais falem ou entendam o português, a maioria compreende e se expressa melhor na língua japonesa. Do ponto de vista do trabalho e do cuidado institucional há funções nas quais o conhecimento da língua japonesa ainda é fundamental, como, por exemplo, nos serviços de assistência social, psicológica e médica. Nestas funções as profissionais precisam compreender e se fazer compreender para auxiliar adequadamente os idosos residentes. Em outras atividades o conhecimento de japonês é um diferencial relevante, como na fisioterapia, fonoaudiologia ou terapia ocupacional. Neste caso saber japonês auxilia na orientação, adaptação das atividades. A funcionária EF11 descreve como por meio da língua japonesa ela conseguiu se conectar com os idosos, criar empatia e a partir disso, desenvolver atividades que reverberassem mais com eles:

EF11: “A questão da empatia, de conversar, o fato de eu saber japonês ajudou muito. Porque não era só o cuidado básico. Então tinha um idoso de 100 anos ele andava de bicicleta e a gente ia conversando. Não é só o básico, o *kokoro* – coração em japonês – o que ele está sentindo, e isso foi muito importante, essencial.”

Embora seja um diferencial, a realização destas atividades é possível mesmo desconhecendo o idioma. A fisioterapia atualmente é realizada por duas fisioterapeutas que não falam japonês e trabalham na instituição há cerca de 07 anos. Elas contam que, no início, as irmãs japonesas, antigas gestoras da ILPI, faziam a tradução e as auxiliavam nas orientações para os idosos. Por esta razão, atualmente a necessidade de tradução é pontual, uma vez que elas já possuem uma relação de confiança com os idosos e conseguem orientá-los sem falar japonês.

A equipe de enfermagem e cuidadoras de idosos é a equipe com maior contato diário com os residentes na ILPI, representando cerca de 40% do total de funcionários. As cuidadoras supervisionam os idosos independentes e auxiliam parcial ou totalmente aqueles que são dependentes – que precisam de ajuda com as atividades diárias e autocuidado. Elas desempenham um papel vital no dia a dia dos idosos, desde acordá-los, auxiliar na alimentação, planejar atividades de lazer e descanso, promover higiene, até administrar medicações e prestar cuidados noturnos, se necessário. As enfermeiras e auxiliares são responsáveis pela administração de medicamentos e troca de curativos, e auxiliam em outros cuidados conforme necessário. Embora não haja funcionários descendentes de japoneses na equipe e as funcionárias não falem japonês<sup>90</sup>, a coordenação da ILPI reconhece que elas são quem mais

---

<sup>90</sup> A instituição buscou profissionais que falem japonês para algumas das vagas em aberto, mas disseram ser muito difícil conseguir profissionais capacitados e que falem o idioma. Entre as razões para não atrair estes profissionais foram citados: o baixo salário, o fato de ser uma instituição filantrópica e pela instituição se localizar em um local afastado.

conhecem os idosos e sabem do que eles precisam, como exemplifica a funcionária EF11:

“Os cuidadores têm uma sensibilidade enorme, eles por estarem na ponta sabem muito mais do que o idoso necessita. (...) O cuidador é que sabe qual a demanda do idoso. Não é a questão do japonês não, é a comunicação não verbal, convívio. Pode ter certeza de que as ações dão muito mais certo quando a gente ouve o cuidador.” (EF11)

As cuidadoras e enfermeiras concordam com esta perspectiva, para elas o idioma não é visto como algo que traga dificuldade para a realização de suas atividades diárias. A rotina e a intimidade com os residentes facilitam a comunicação, como destaca EF16: "A gente consegue se comunicar, a gente acaba conhecendo o idoso, então até antes mesmo dele falar, a gente já sabe o que ele quer, o que ele tá sentindo."

O principal desafio relatado pelas entrevistadas foi aprender os nomes dos residentes, principalmente no início do trabalho no Ikoi. Segundo elas, os nomes são muito diferentes dos nomes em português, o que dificultava a memorização. A principal preocupação delas era confundir os idosos nas tarefas diárias, principalmente nas que requerem cuidados especiais, como alimentação e medicamentos, que são separados por nome de acordo com as necessidades dos idosos. Entretanto, de maneira geral, a língua japonesa não é citada como um problema. As entrevistadas mencionaram algumas ferramentas que as ajudam no dia a dia, como a tradução pontual, principalmente durante o período de adaptação, o aprendizado de palavras e expressões em japonês usados rotineiramente, a comunicação não verbal e a sensibilidade ou "molejo" no relacionamento com os idosos. Sobre o aprendizado de termos específicos, EF16, que trabalha na casa há mais de 10 anos, conta que está tão habituada a usar as expressões em japonês no trabalho que eventualmente as utiliza em casa:

“Às vezes eu me pego em casa falando alguma coisa com meu neto, com minha filha (...) Coisas que eu falo aqui: Eu vou mandar esperar ó, “*chotto matte<sup>91</sup> né*”. (eles falam) Eita! Esqueceu? Está em casa, lembra? Pois é, a gente acaba se acostumando tanto, né?” (EF16)

EF18, que trabalha na casa há mais de 20 anos, abordou o tema da comunicação não verbal em sua especialização profissional. Esse foi um fator que chamou muito sua atenção quando começou a trabalhar no Ikoi:

“Porque foi uma das coisas que mais me chamou atenção logo que eu entrei. (...) Mas como que é a comunicação flui mesmo sem a linguagem verbal? (...) eu tenho funcionários de vinte até trinta anos de casa. (...) não falam japonês, mas aprende frases para se comunicar (...) E fora isso é o gesto né? Eu tenho idosos que não escutam, então independente. Imagina. Então é você ver que ele está pra lá está pra

---

<sup>91</sup> Significa “espere um pouco”.

cá. Espera aí. O que é? É o horário, né? Aponta pro relógio, é comer? É água? mostra alguma coisa? (...) Olha só, flui bem” (EF18)

Entre os familiares há uma percepção semelhante sobre o trabalho das cuidadoras e o uso do japonês, a familiar FAM05 valoriza o esforço das funcionárias em aprender palavras, em tentar entender os idosos e vê como positiva a intimidade que as cuidadoras têm com os residentes:

“elas sabem palavras e se esforçam para falar alguma palavra. Vejo que tem essa parte de formação das pessoas que trabalham ali. Às vezes uma funcionária me perguntava: “vê se você entende o que ela está falando?” Ela não ignorava, elas têm esse interesse. Enquanto eu estou lá ouço algumas palavras japonesas. As coisas essenciais elas falam em japonês. (...) Elas transmitem uma tranquilidade e proximidade para eles.” (FAM05)

A visão positiva sobre a comunicação não-verbal na instituição é distinta da perspectiva de Maclean e Bonar (1983). Em sua pesquisa com idosos étnicos em instituições não étnicas, os autores afirmavam que a necessidade de usar a comunicação não-verbal, principalmente entre idosos fragilizados, era um fator que poderia contribuir para desumanizar a interação com os idosos, em um momento em que eles mais precisariam de apoio. Possivelmente, no Ikoï-no-sono a sensibilidade e intimidade da equipe de cuidadoras com os idosos, somadas às demais ferramentas da equipe como o uso de termos específicos e tradutores pontuais compense, ainda que parcialmente, as dificuldades de não saber o idioma.

De todas as maneiras, o processo de comunicação não ocorre sem percalços como comenta, novamente, a cuidadora EF16. Ela descreveu como um dos idosos “se faz entender” quando quer algo e como a sensibilidade é importante para saber a hora de pedir ajuda ou de dar espaço ao idoso, para não causar agitação nele:

“Então tem que idoso aqui que não fala mesmo o português, ele não fala e nem faz questão. Ele faz mímica e é uma confusão danada, mas no fim das contas dá certo. (...) tem que ter esse molejo, né? Se você está vendo que ele não está te entendendo (...) então para, dá um tempo. Vai procurar saber com quem sabe falar para não para não agitar demais. Porque se agitar aí mesmo que é complicado.” (EF16)

Ainda em relação à questão da falta de compreensão e sua relação com a agitação dos idosos, embora EF11 valorize a intimidade e as estratégias utilizadas pelas cuidadoras e enfermeiras, ela reconhece que em algumas situações o conhecimento do idioma japonês poderia ser benéfico. De acordo com ela, no dia a dia há desentendimentos devido à falta de compreensão do japonês, o que pode levar os idosos a ficarem agitados. Embora esses eventos não sejam graves, poderiam ser evitados se as cuidadoras e enfermeiras falassem japonês:

“Essa idosa já ficou irritada várias vezes. porque ela queria trazer uma coisa para o

quarto a cuidadora falou que não pode, mas (foi) a forma de falar. Ela quis falar com o filho, mas o filho, como respeita a entidade, deu muita razão para a entidade. Falou: “mãe faz o favor de respeitar”. Mas idosa tem uma certa razão (...)

Tem cuidadoras excepcionais, que no fim da vida consegue entender e faz uma boa passagem para os idosos, isso é de tirar o chapéu. (mas) no dia a dia “quero fazer um xixi, um coco” essa coisa básica, talvez seja um desafio.” (EF11)

Estes achados corroboram com as pesquisas de Runci, Eppingstall e O’Connor (2012) e Cooper et. al (2018), segundo as quais idosos que não falam o idioma local experienciam maiores estados de agitação e sintomas neuropsiquiátricos. Essa situação pode levar a uma maior medicalização desses idosos em instituições ILPIs não étnicas.

Em síntese, a língua japonesa tem sua importância para os residentes do Ikoi-no-sono, embora seja impraticável para a instituição contar com uma equipe em que todos os funcionários falem o idioma. Assim, a comunicação não verbal é amplamente utilizada pela equipe, especialmente pelos cuidadores e enfermeiras, para se relacionar com os idosos. Embora essa abordagem seja insuficiente em algumas ocasiões, há outros fatores que ajudam a compensar essa limitação, tais como a presença de profissionais fluentes em japonês em atividades essenciais, a intimidade das cuidadoras com os idosos, a cautela da equipe em evitar excesso de estresse nos residentes e a possibilidade de tradução quando necessário. Esses fatores contribuem para minimizar desentendimentos devido à barreira do idioma e reduzir a agitação dos idosos. No entanto, essa questão ainda requer atenção na rotina dos idosos, como ressalta EF11.

### **3.7 Normas e Valores institucionais**

As normas, valores, crenças, atitudes e interações sociais que ocorrem dentro das Instituições de Longa Permanência compõem o dia a dia dessas instituições e influenciam sua atmosfera de diversas maneiras. As políticas e filosofias institucionais podem facilitar ou criar barreiras para atender às necessidades dos residentes e para a execução das atividades de trabalho. No caso específico do Ikoi-no-sono, os valores mais mencionados nas entrevistas foram a organização e a disciplina presentes na instituição. Esses valores são manifestados principalmente no cumprimento rigoroso dos horários e das regras estabelecidas.

No Ikoi, há uma rotina bem estabelecida há muitos anos tanto para os idosos quanto para os funcionários. Os cuidados são ininterruptos, com cuidadoras disponíveis 24 horas na instituição, mas cada funcionário possui atribuições, processos e rotinas bem definidos. À noite, por exemplo, as cuidadoras concentram-se nos pavilhões para idosos dependentes, mas também realizam rondas no pavilhão para idosos semi-dependentes.

Para os idosos residentes, os dias começam oficialmente às 06:00 da manhã com o despertar e terminam entre 18:30 e 20:00 horas após a janta, com o restante do dia demarcado pelos horários das demais refeições, momentos de descanso, banho e higienização. Os horários livres, atividades de lazer, fisioterapia ou terapia ocupacional são distribuídos ao longo desses períodos. As funcionárias EF15 e EF08 consideram o respeito aos horários e a organização como um aspecto institucional positivo, que ordena e organiza a vida na instituição e evita que o dia fique "atropelado":

“É tudo nos seus horários. Para levantar, para descansar, para tomar café, almoçar, café da tarde, horário de troca, horário de janta, horário de dormir. Horário do lanche da noite. É tudo certinho. É tudo em ordem. Não é nada atropelado. Então eu penso assim.” (EF15)

Já EF08 ao comparar com outras experiências profissionais que teve, ressaltou como a organização e respeito aos horários eram qualidades do Ikoí que também influenciavam na limpeza exemplar que a instituição possui. Ela conta que, quando trabalhou em outras instituições como hospitais, a falta de organização e de higiene nestes locais a deixou “horrorizada”. Ela destaca ainda como a experiência no Ikoí a influenciou pessoalmente, ajudando-a a ser mais organizada:

“A doutrina a organização. Tudo certinho, nos horários, muito organizado, muito comandado, faz muita diferença em tudo. Quando eu fiz o curso de auxiliar (de enfermagem), fiquei horrorizada nos hospitais, (pela) falta de organização. No hospital, a falta de higiene e eu pensava, “nossa onde eu trabalhava é tudo limpo, a enfermagem de lá é tudo organizadinho. Eu creio que faz diferença até na vida dos funcionários. Aprendi a me organizar mais.” (EF08)

Outro fator que contribui para a manutenção da rotina é a percepção de que isto é o melhor e mais saudável para o idoso. A cuidadora EF16, conta, com humor, sobre como consegue que um idoso mantenha uma rotina mais saudável, mesmo quando ele quer ficar acordado a noite toda e dormir durante o dia:

“E aí tem horário para desligar (a TV). Um que tá no quarto aqui, ele assiste TV a noite toda. Aí de dia quer dormir. Falo: “não, de dia é para trabalhar. Noite que é para dormir. Quem mandou o senhor ficar acordado de noite?” Aí ele briga comigo. Aí eu tiro ele da cama, faço ele vir tomar café, faço ele vir almoçar, faço ele ir em todas as refeições, ele quer me matar até.” (EF16)

A disciplina é um valor que também é percebido por pessoas que são voluntárias e não trabalham diariamente na instituição. A voluntária V1, realiza atividades no Ikoí há cerca de 05 anos, e antes da pandemia da Covid-19, ela ia ao Ikoí duas vezes por semana para levar os idosos para caminhar pelo jardim ou para ajudá-los no cuidado das plantas e orquídeas. Segundo

ela, havia o compromisso de estar presente nos dias e horários combinados e era preciso respeitar os horários e normas estabelecidas, mesmo se isso significasse que algumas idosas não pudessem passear com ela naquele dia:

“todas queriam passear comigo, as vezes não dava nem tempo de passear. Eles são muito disciplinados. Eles têm o horário do remédio, do banheiro, do lanche, almoço, de deitar e do banho. Tem tudo organizado. A gente tem que respeitar, seguir as normas. **Não pode furar, quem é a gente para fazer o que a gente quer.**” (V1, grifos meus)

Embora V1 compreenda que essa é a forma como a instituição funciona, sua fala indica que a falta de flexibilidade nos horários pode gerar insatisfação nas idosas que ficam sem passear naquele dia. Nessa mesma linha, V2, que é voluntária na instituição há cerca de 6 anos e realiza atividades semelhantes às de V1, reconhece que os idosos são bem cuidados, mas questiona se as regras e horários deveriam ser tão rígidos:

“O espaço é muito bom, profissionais muito bons cuidam bem deles (...). Agora na minha percepção, algumas regras são meio em vão, já estão no asilo, idoso, ter que seguir regras nessa idade. Algumas regras deviam ser removidas, deixar um pouco em aberto. Horário pra dormir, acordar, assistir TV. Cada um devia fazer seu horário, seria mais fácil conviver na instituição. Deixar um pouco mais em aberto.” (V 2)

Como voluntárias, elas não têm as mesmas obrigações institucionais e diárias de cuidado com os idosos, como alimentação, banho, administração de medicamentos, ajuda para se levantar e se deitar, entre outras. Dessa forma, elas trazem uma perspectiva diferente sobre a organização e disciplina necessárias para o bem-estar dos idosos. Embora reconheçam a validade da disciplina para o funcionamento institucional, as voluntárias questionam se a flexibilização de certas regras não beneficiaria mais os idosos residentes. Elas sugerem que uma abordagem mais flexível pode ser mais benéfica em alguns casos, especialmente quando se trata de atividades que podem melhorar a qualidade de vida dos idosos, como passeios pelo jardim ou outras atividades de lazer. É importante ressaltar que, apesar das opiniões divergentes, tanto as voluntárias quanto os funcionários da instituição compartilham o objetivo comum de proporcionar o melhor cuidado possível aos idosos residentes do Ikoï-no-sono.

A questão do controle da vida social em instituições com horários e regras rígidas e a possibilidade de sua flexibilização é amplamente discutida na literatura sobre Instituições de Longa Permanência (FERREIRA, 1995; DEBERT,1999; CORTTELLETI et al, 2004; GRAEFF, 2005; SOUZA, INÁCIO, 2017). Embora os regulamentos e as normas sejam fundamentais para manter a ordem e a harmonia nas ILPIs, se aplicados de maneira excessiva, podem prejudicar a qualidade de vida dos residentes, transformando-se em mecanismos de

controle e disciplina que limitam sua liberdade e autonomia<sup>92</sup> (GRAEFF, 2007; SOUZA, INÁCIO, 2017). Wahl, Iwarsson e Oswald (2012) enfatizam que a agência, que é a capacidade de um indivíduo exercer influência sobre seu ambiente, tomar decisões e agir de acordo com seus interesses e necessidades, é um elemento essencial para o bem-estar e qualidade de vida dos idosos. Ela envolve a percepção de ter autonomia e poder de escolha em relação ao ambiente em que se vive. Por isso, é importante que as instituições tenham flexibilidade para oferecer cuidados integrais, humanizados e individualizados, levando em consideração a história de vida, as preferências, as vontades e o direito de escolha de cada indivíduo (MENEZES, 2020). É necessário promover um equilíbrio entre a necessidade de organização e disciplina e a garantia da dignidade e do bem-estar dos residentes.

O povo japonês é frequentemente associado a características como ordem, disciplina e pontualidade. Ruth Benedict (2014) destacou em sua obra clássica sobre a cultura japonesa, "O Crisântemo e a Espada", a importância da "autodisciplina" na vida dos japoneses, que possuem uma série de conceitos que dependem de sua noção de autocontrole e autodomínio técnico generalizado.

“(…) a fraseologia e a prática da autodisciplina dispõem de um lugar distinto na vida. Os japoneses de todas as classes julgam-se a si mesmos e aos outros nos termos de toda uma série de conceitos que dependem de sua noção de autocontrole e autodomínio técnicos generalizados.” (BENEDICT, 2014, p. 194)

O sociólogo Masahi Abe descreve como o sistema educacional, militar e educacional implementado na Era Meiji (1868-1912) treinou os japoneses para respeitarem os horários e serem pontuais (MIGUEL, 2016). Segundo Monica Okamoto (2018), o mesmo sistema reforçou o caráter disciplinado e o respeito às regras para formar "bons japoneses", principalmente por meio da disciplina educação moral (*shûshin*)<sup>93</sup>. A ideia era formar soldados, mães sábias, acadêmicos renomados e líderes políticos, mas para isso era preciso seguir as regras, estudar com afinco, cuidar da saúde, ser controlado e calmo, amar a terra natal, ser humilde, respeitar o Imperador, ser um bom filho e ter aspirações e objetivos (MOMBUSHÔ,

---

<sup>92</sup> Em muitos destes estudos as ILPIs são comparadas ao que Erwin Goffman chamou de “instituição total”, quando as instituições oferecem barreiras para que seus internos não acessem o mundo externo. Em tais instituições as minúcias das regras e limitações para o exercício da autonomia na vida cotidiana – como ir ao banheiro, fumar, tomar banho etc – seriam tamanhas que poderiam gerar a “mortificação do eu”. Maiores detalhes ver: GRAEFF, 2005; SOUZA, INÁCIO, 2017

<sup>93</sup> No Brasil, havia uma preocupação entre os nipônicos em educar seus filhos dentro das tradições japonesas. Inicialmente porque havia o objetivo de voltar à terra natal e, portanto, era necessário que eles conhecessem a língua, cultura e mantivessem “espírito japonês”. E posteriormente como forma de qualificação e diferenciação dos *nikkeis* dos demais brasileiros (OKAMOTO, 2018). Segundo Okamoto, embora a educação moral japonesa tenha sido mantida pelos imigrantes ela foi ressignificada para formar “bons cidadãos brasileiros” – que significava bons filhos, estudiosos, bons lavradores, saudáveis, fortes etc – ao invés de soldados como no Japão.

1938, p. 34-35; apud OKAMOTO, 2018, p.231).

Tais características são tão marcantes que foram utilizadas como argumentos para defender a imigração japonesa ao Brasil (LESSER, 2001; ISCHIDA, 2010; HIBARINO, KAWACHI, 2016). Por exemplo, em 1923, a Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro emitiu um parecer favorável à vinda de imigrantes japoneses, destacando suas "*conhecidas qualidades de industriiosidade, disciplina, asseio, respeito pela lei e pela ordem e inteligência*" (grifos meus) (LESSER, 2001, p. 166). Desde então, a disciplina e ordem<sup>94</sup> são valores amplamente associados aos japoneses, presentes no imaginário de muitos brasileiros e *nikkeis*, juntamente com outros adjetivos como respeitosos, honestos e trabalhadores (ISHIDA, 2010). No Ikoï-no-sono, não são todos os interlocutores que associam a disciplina e a ordem à cultura japonesa, mas a maioria atribui à gestão das irmãs japonesas da Congregação das Irmãs de Caridade de Miyasaki, que anteriormente gerenciavam a ILPI, a consolidação dessa cultura de disciplina e ordem – mas também de cuidado e respeito.

A instituição possui, no entanto, iniciativas formais e informais para flexibilizar as regras, dar mais autonomia e espaço para a participação dos idosos na tomada de decisão e para atender a individualidade dos idosos. Como iniciativas formais destacam-se a pesquisa de satisfação e a reunião com equipe técnica. Em 2021 a entidade realizou a pesquisa de “Satisfação dos idosos em relação à alimentação, cuidados, atividades, autopercepção de sua saúde e satisfação geral” para saber a percepção dos idosos em relação à ILPI e realizar os ajustes adequados; no planejamento anual há a previsão de realizar “Reunião semestral dos usuários com a equipe técnica e coordenação do Jardim de Repouso para incentivar a participação dos usuários na gestão da entidade” (ASDJG, 2022). Mas a coordenação informou que esta reunião não foi realizada em 2022.

A preservação da identidade pessoal e de certo grau de autonomia desempenha um papel crucial no processo de conexão das pessoas com o mundo ao seu redor, permitindo que elas se reconheçam no ambiente em que vivem (ROWLES, CHAUDHURY, 2006). Esse senso de identidade e identificação com o local fortalece o sentimento de pertencimento. Nesse sentido, a preservação da individualidade também desempenha um papel essencial no pertencimento, especialmente em ambientes coletivos como instituições de longa permanência.

Além da valorização da ordem e da disciplina, a ILPI também preza pelo respeito e cuidado individualizado no tratamento com os idosos. A enfermeira EF18 relata que recebeu

---

<sup>94</sup> É importante lembrar que essas características não são exclusivas da cultura japonesa, a disciplina, por exemplo é um traço muito destacado dos imigrantes alemães, por exemplo (SEYFERTH, 1986).

treinamento rigoroso para sempre priorizar o bem-estar dos idosos. Ela ilustra essa abordagem com um exemplo em que todos os funcionários receberam uma advertência da coordenadora por não terem prestado a devida atenção a uma idosa com demência:

“Teve um momento em que a irmã (coordenadora) deu uma advertência geral pra todo mundo, escrita mesmo, pesada. Porque a gente tinha uma idosa demenciada (...) e que do nada ela gritava né? (...) Então uma das orientações da irmã era assim: “Se ela gritar corre” (pra atender) (...) Nesse dia a irmã veio e escutou, aí ela contou quantas vezes ela gritou (antes de alguém ir atender)” (EF18)

“Ela falava isso, “ela está gritando não sabe o porquê? Para o que você está fazendo, e vai dar uma volta no lago com ela, mas não deixa ela gritando. Porque isso vai desarmonizar os outros.” E também pra dar atendimento a idosos. Então foi dessa forma que eu fui treinada. (...) O idoso é principal. Você larga tudo.” (EF18)

Melo (2015) entende que o tratamento individualizado no Ikoï transparece no fato da instituição respeitar as manias e vontades dos idosos. O autor cita como exemplo o idoso que mantém caixotes nos quartos onde guarda e empilha objetos ou a idosa que se arruma com arco de flores na cabeça na esperança de encontrar um noivo. Há diversos outros exemplos de atenção às necessidades e desejos individuais dos idosos, sendo a alimentação a área mais mencionada pelas funcionárias. Elas frequentemente perguntam aos idosos sobre suas preferências alimentares, e esses pedidos são repassados à nutricionista para atender ou, se possível, solicitar que os familiares tragam os alimentos desejados, como conta a cuidadora EF19:

EF19: “Eu falei o que a senhora tem vontade de comer? (...) Porque quando eles têm vontade de comer alguma coisa, a gente fala, com a nutricionista. Tem uma idosa que ela não estava comendo e ela ama pé de galinha. A Mariana da nutrição, da cozinha, fez para ela. Nossa ela come com gosto, precisa de ver. E ela gosta muito, muito. Se deixar ela come até os ossinhos lá do pé.”

Nas atividades rotineiras também há possibilidades de abrir exceções, EF18 relata como eventualmente levam café no quarto para os idosos que estão indispostos:

EF18: “Acho que é tudo um o manejo de cuidado, né? Ah, tá agitada hoje, então, não, ela não quer levantar. Respeita que ela não quer levantar. Ah mas ela é diabética?. Então vamos fazer um carinho, vamos levar o café no quarto. A gente evita que isso aconteça porque se não pode se tornar um vício também. (...) Mas às vezes faz um carinho.”

No que diz respeito à higiene pessoal, um exemplo de tratamento individualizado é o cuidado com o banho dos idosos. A funcionária EF16 relata como busca atender às particularidades de uma das idosas e de alguns idosos que preferem tomar banho de forma

autônoma, mesmo que a política da instituição preveja que os banhos sejam realizados em grupos de três pessoas. Ela demonstra preocupação em respeitar as preferências e necessidades dos idosos, proporcionando um ambiente confortável e seguro para eles:

EF16: “Ela não gosta, então ela tem que ser respeitada. (...) Aí eu já deixo lá o lugarzinho dela arrumado (...) Aí eu fico só observando (sem ela ver). Ela toma um banho, sai do lá do chuveiro, vai pra cadeira e eu tô olhando porque tem risco de queda. E ela se enxuga, se troca, sozinha. (...) Então homens também, eles têm vergonha. (...) Então a gente tem que respeitar, só que eles não podem ficar sozinhos. Então coloca no banho um de cada vez. (...) Aí qualquer barulho mais assim está ali por perto, né? Mas a gente respeita a individualidade (...)”

Por fim, um outro exemplo interessante acerca de individualidade e que se relaciona com a missão da instituição, de proporcionar condições favoráveis aos idosos para que possam continuar a desenvolver-se até o final da vida, é o olhar que ela tem para as atividades desenvolvidas com os idosos. O orquidário, por exemplo, foi criado para oferecer propósito de vida a um dos idosos, enquanto a horta é mantida para aqueles que ainda têm interesse. Também, há casos em que os profissionais da casa ajudam os residentes a aprender algo novo, como costurar na máquina, como relata EF10. Essas pequenas conquistas são valorizadas pela equipe e ajudam a proporcionar um sentido para a vida dos idosos, que ainda têm sonhos e desejos a serem realizados:

“(a idosa) ela não sabia costurar na máquina. (eu perguntei) “Você não quer aprender? Ah eu quero.” (...) E olha que ela aprendeu. Ela disse: “ai agora sei costurar”, entende? É uma conquista. Afinal, são idosas mas ainda tem alguns sonhos. Então quando a gente descobre né? Então a gente vai proporcionando esse sentido.” (EF10)

O Ikoi-no-sono é uma instituição que preza pela ordem e disciplina, o rigoroso ritmo institucional organiza o cotidiano de seus funcionários e residentes. Essas características que muitas vezes são interpretadas como típicas da cultura japonesa, também são atributos constitutivos de Instituições como as ILPIS. Elas são fundamentais para o bom funcionamento da instituição e para garantir a rotina e a limpeza institucional, o que facilita as relações de trabalho, além de proporcionar previsibilidade para os idosos, aumentando sua sensação de segurança. No entanto, a flexibilização de algumas regras e horários pode ser benéfica para a vida social dos idosos e permitir que eles tenham mais autonomia e liberdade em suas atividades cotidianas. Mesmo assim, nas relações cotidianas entre cuidadores e residentes, as regras tendem a ser flexibilizadas, e a atenção às necessidades dos idosos contribuem para que eles expressem sua individualidade.

### **3.8 Relacionamento interpessoal e as relações de cuidado**

As relações pessoais são um aspecto importante da ambiência institucional em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). A criação de conexões positivas com outros residentes e funcionários contribui para o senso de pertencimento dos idosos na instituição, aumenta os níveis de socialização entre residentes e equipe, e contribui para um melhor cuidado com os residentes (CHAN, 2007; GAUGLER, 2005). Embora o mundo pessoal de um residente também seja composto por familiares e amigos, a equipe de cuidadores e enfermeiros geralmente é quem tem mais contato com os idosos na ILPI (CHAN, 2007). De acordo com Regnier (2018), as atitudes dos cuidadores podem influenciar significativamente o ambiente institucional, tornando-o mais acolhedor, respeitoso e inclusivo ou, ao contrário, mais frio e desagradável. Da mesma maneira, as diferenças culturais entre os cuidadores e os idosos podem dificultar a identificação pessoal, gerar indiferença e afetar o sentimento de pertencimento e bem-estar dos idosos. Levkoff, Levy, Weitzman (1999) relatam casos em que idosos de etnias distintas da de suas cuidadoras se sentiram prejudicadas e desrespeitadas pela equipe da instituição por desentendimentos culturais.

No Ikoï-no-sono o fato de todos os residentes serem japoneses ou descendentes por um lado facilita a interação social. Como visto anteriormente, o compartilhamento de um idioma comum entre os idosos facilita a comunicação, as atividades e celebrações com referências culturais comuns incentivam a participação e os hábitos e costumes culturais contribuem para o convívio diário. Por exemplo, o fato de muitos idosos valorizarem o silêncio ou o respeito a seu espaço pessoal, não causa incômodo nos demais residentes. O que poderia ser distinto com pessoas de outras etnias. A funcionária EF16, por exemplo, que não é *nikkei* e tampouco próxima da cultura japonesa, comenta como o costume de não conversar a incomodaria, caso morasse nesta instituição:

“Mas é bem difícil a relação deles, eles não conversam assim, não bate-papo. (...) mesmo na hora do almoço, você não vê é um pio. (...) assistindo televisão, se uma estiver falando demais a outra já vai reclamar. (...) eu não prestava não, porque eu falo mais que minha vó. Eu não ia prestar não, assistir televisão sem poder dar um piu sem poder comentar, sem nada.” (EF16)

Da mesma maneira, EF08 considera importante para os idosos a existência desse espaço, dessa instituição, onde eles podem se refugiar em seu mundo mesmo estando longe de seu país de origem:

“Eles são meio fechadinhos, mas sempre conversam. Como eu posso explicar, o japonês é pacato ele tem os momentos deles seriedade, ficam ali quietinho, por estar longe do país deles que é diferente. Quando tem uma instituição japonesa onde eles

conseguem se refugiar um pouco no mundinho deles, na cultura deles, acho muito importante.” (EF08)

O Ikoï-no-sono é uma instituição bem conhecida entre os idosos *nikkeis* e muitos deles escolhem a entidade como local de moradia devido à sua reputação na comunidade. Além disso, durante uma conversa informal com a EF11, ela informou que os idosos também acreditam que poderão fazer mais amizades e conviver melhor com os moradores por serem todos japoneses e *nikkeis*. Contudo, ela ressalta que este não é necessariamente o caso, porque como muitos são fechados e tímidos, eles demoram para fazer amizade com pessoas novas.

Por outro lado, as diferenças culturais entre os idosos e a equipe de cuidadoras e enfermeiras é vista como benéfica pela maior parte dos funcionários. De acordo com EF17, funcionária *nikkei*, a presença de cuidadoras não *nikkeis* na instituição é positiva para os idosos, pois traz uma mistura cultural que enriquece o ambiente. Segundo ela, essas funcionárias proporcionam carinho e calor humano aos residentes, o que pode levar alguns deles a se tornarem mais afetuosos e expressivos. No entanto, EF17 destaca a importância de que esse calor humano seja demonstrado com limites e respeito:

“algumas liberdades que a gente tem quando a gente é brasileiro. Eles são mais reservados. A gente pode ter esse carinho, esse calor humano. Só que assim é dentro de um certo respeito, um limite. Entendeu? E às vezes, é uma coisa boa o que as cuidadoras trazem, esse calor humano, viu? Porque às vezes eles não tem na família essa questão de abraçar, beijar, pegar, então esses idosos aprendem essa coisa aqui. Por causa dessa mistura dos funcionários, né? Isso é uma coisa boa, eu acho.” (EF17)

#### **4.8.1 Cuidar com afeto**

Uma das características mais notáveis do Ikoï-no-sono, tanto para os funcionários quanto para as famílias, é o cuidado considerado excepcional dado aos idosos. O cuidado, que é o apoio necessário para a proteção, saúde e bem-estar de alguém (TESCH-RÖMER, WAHL, 2016), é composto de múltiplas camadas e significados. As teorias sobre cuidado divergem em seu foco, mas elas convergem para enfatizar a relevância da relação entre o provedor de cuidados e seu receptor (TESCH-RÖMER, WAHL, 2016). No Ikoï-no-sono, o aspecto mais marcante no tocante ao cuidado é a relação estabelecida entre os funcionários e os residentes. Os funcionários não se limitam a atender as necessidades básicas dos idosos, mas se esforçam para fazer com que se sintam queridos, protegidos e não se sintam solitários.

Os entrevistados relatam como há uma preocupação genuína, principalmente entre cuidadoras e enfermeiras, com o bem-estar dos residentes e que vai além das obrigações profissionais. Na realidade, é a afetividade das cuidadoras, sua atenção com os detalhes e

empenho no trabalho que mais chamam a atenção, conforme os exemplos abaixo de dois familiares:

“O Ikoí, por mais que não seja luxuoso, é bem simples lá. Mas o atendimento que os idosos recebem da entidade e dos funcionários, dos cuidadores não é com profissionalismo, é com amor. Faz com que eles se sintam bem (...) O carinho que dão às pessoas, a própria equipe técnica procura, na medida do possível, criar condições em termos de atividades, manter ativas na parte mental.” (FAM03)

FAM05 ressalta como pequenas ações como entrar em contato com a família para que a residente não se sinta só, ou a forma de preparar os itens que a idosa precisa levar quando sai da instituição, fazem a diferença para que ela se sinta amparada e a família “tranquila”:

“A funcionária não precisava fazer até aqui. Mesmo agora na pandemia, tem horários que você pode fazer vídeo chamada, (mas) às vezes a enfermeira me manda um zap e diz que se tiver um momentinho liga pra sua mãe. (...) Quando eu tive que buscar minha mãe para fazer um exame, as pessoas arrumam tudo, você percebe nos detalhes, na preparação da sacolinha. É um lugar que te deixa muito tranquila” (FAM05)

Durante as entrevistas com os funcionários, foi possível perceber a presença de afeto e atenção na prática do cuidado, que se revelou em suas falas de diversas formas. Por exemplo, alguns membros da equipe expressaram o sentimento de que os idosos são parte de sua própria família, enquanto outros destacaram a importância de elogiar ou agradecer os idosos de alguma forma. Além disso, foi observado que muitos funcionários se apegam emocionalmente aos residentes, o que pode gerar sofrimento quando ocorre o falecimento de algum deles:

“É diferente de um atendimento hospitalar porque no hospital você atende e pronto. Você não vê mais. Aqui não, a gente tem essa ligação afetiva é como se fosse membro da nossa família os idosos. (...) Quando ficam doentes, quando falecem, (...) é algo nosso que tira. E a gente vivencia isso com a família, essa perda, esse sofrimento. Porque quem cuida somos nós. Quem está ali no dia a dia somos nós.” (EF18)

“como é gostoso dar banho e ver ele cheirosinho, pentear cabelo, pintar cabelo. Ver como eles ficam felizes. A gente elogiar “nossa como está bonito, como está cheiroso”. A gente (se) vê como família deles porque a gente cuida tanto” (EF07)

EF8: “Só que assim, a gente se doa muito, quando a gente trabalha em uma instituição como essa fechada. Eu sou da enfermagem, faço serviço da enfermagem, mas sempre que eu posso eu quero agradecer o idoso, cada um é diferente do outro. A idosa é vaidosa, se ela quer pintar a unha eu pinto. É uma maneira de estar agradando,” (EF08)

Para a técnica de enfermagem, EF15, que trabalha na instituição há mais de 30 anos, o afeto é tão fundamental para prática do cuidado que a sua ausência entre novos funcionários a

preocupa. Segundo ela, por ser um trabalho árduo, não é possível fazer apenas pela remuneração:

“hoje por exemplo, as pessoas não têm mais amor né? (...) eu vejo isso às vezes, as pessoas trabalham muito por dinheiro. E é uma parte que preocupa muito. É um ser humano. Mas novamente, hoje o ser humano não tem mais assim um olhar de compaixão, sabe? De se sentir no lugar do outro. É tudo ali. Fazer porque tem que fazer (...) Mas eu tenho amor pelo que eu faço. (...) Tem que gostar porque é um serviço duro, né? Não é fácil. Mas se a pessoa gostar faz.” (EF15)

Mesmo os funcionários que não são da equipe de enfermagem e cuidadoras encontram formas de cuidar dos idosos com carinho. Por exemplo, EF22 que trabalha na cozinha, conta como ajuda os idosos a se alimentarem quando há necessidade e procura garantir que consigam comer as comidas que gostam, ainda que tenham limitações físicas para mastigar ou se alimentar:

“Às vezes quando tem comida especial, só pode dar se ficar alguém. Mas às vezes não tem ninguém eu vou lá. Aí eu fico com (uma idosa) é que ela engole sem mastigar. Tipo sushi que eles gostam, a gente fica com dó, né? Só tem que ficar alguém, aí eu faço questão de ir lá ajudar pra ela poder comer. Eu gosto, eu gosto de tratar os idosos como se fosse da minha mãe e meu pai. O meu avô, minha vó.” (EF22)

Ou EF19, que trabalha na rouparia, conta como tenta dar atenção, conversar ou apenas tocar as mãos das idosas como uma forma de cuidar, mesmo sem isso fazer parte de sua função ou obrigação:

“Nossa quando a gente tem tempinho pra conversar com eles. Não a gente não tem tempo, né? Mas a gente faz o nosso tempo, né? Porque também assim, é triste você ver o idoso parado assim. As vezes se fica lá sentado, lá no sofá. Às vezes eu passo, passo a mão nas mãos delas, converso com elas. Ou vou no quarto que eu guardo uma roupa, ela está lá, eu vou lá conversar com elas. Aí elas começam a falar da vida dela” (EF19)

Assim como EF19, há muitos relatos de como as cuidadoras utilizam o contato físico como uma forma de demonstrar carinho. A cuidadora EF16 conta como procura outras formas de demonstrar seu carinho para uma das idosas que não gosta muito de toque. Segundo ela, a idosa é mais “tímida, retraída e durona” e não gosta de muita ajuda em suas atividades diárias. Então o carinho é demonstrado com o “passar do creme após o banho”:

“Tem uma (idosa) que ela é toda durona, toda sabe? Retraída, num gosta muito de que você toca, ela não gosta de ajuda. E eu demonstro meu carinho como? Quando ela termina de tomar banho, tem que passar um creme nas pernas dela. Aí eu falo,

“*Batian*<sup>95</sup>, senta aqui”, vamos passar o creme nas pernas. E fico passando esse creme nas pernas dela. (...) é um momento que eu tenho esse contato com ela, né? E eu sinto que ela gosta. Entendeu? Mas ela não gosta de se sentir pressionada. Ela não gosta que achem que ela esteja precisando de ajuda. Ela já tem noventa e quatro anos. Ela não gosta que façam nada por ela.” (EF16)

Além das demonstrações mais sutis, as demonstrações físicas de afeto com toques e abraços foram ganhando seu espaço entre os idosos do Ikoï. As funcionárias, não descendentes de japonês, contam como no passado a maioria dos idosos não gostava de abraço, mas que com a mudança nas gerações dos idosos e a “insistência” das funcionárias, o ato de abraçar se tornou um hábito.

“Primeiro de tudo. Não gosta muito de toque. Logo que eu cheguei, que eram todos “japoneses japoneses” (SIC) (...) então eu peguei muitos que só falavam japonês e que vieram do Japão. Então eu peguei muitos com a cultura assim, não me toque. São carinhosos? Sim, mas no espaço deles. Não vem me abraçar, me beijar, entendeu? Não gostam, ficam irritados, não gostam. (...)

Agora nós já temos mais brasileiros, né? Pessoas que são descendentes. Então já gostam de um sambinha, já gostam de um arroz e feijão, (...) já falam português, né? Mas eu peguei muito respeito. Eu diria isso, o respeito é uma coisa importante porque eles têm primeiro dessa parte de afetividade que é diferente” (EF18)

EF19 conta que embora no começo a gestão das irmãs fosse mais rígida em relação ao abraço, depois tornou-se costumeiro e os próprios idosos atualmente tomam a iniciativa de abraçar.

“Olha no começo era mais rígido. No começo tinha as irmãs que eram muito rígidas. Não podia abraçar, não podia, sabe? Tem uns que não gostam, aí eles falam que os idosos não gosta. Mas (hoje em dia) eles mesmo vêm abraçando a gente. No começo (da pandemia) eles ficaram muito triste porque a gente não podia fazer mais isso com eles”. (EF19)

Da mesma forma EF16 relata como começou a abraçar até as irmãs, que na época eram suas chefes:

“eu nunca esqueço um dia era uma irmã freira japonesa. Era Dia das Mães, fizeram uma homenagem e depois falaram que era pra gente dar um abraço e tal. Na época (ela) era minha chefe aqui, ela estava do meu lado e eu sou muito espontânea, eu adoro abraçar, adoro beijar é de mim. E eu fui com tudo e taquei meu abraço.

- Ela falou assim “uhhh assim a senhora quebra eu, né?”

- Eu falei, desculpe. Fiquei sem graça.

- Ela: “senhora gosta de abraço, né?”

- Eu falei, “irmã, vai falar a verdade, não é gostoso um abraço desse?”

---

<sup>95</sup> Avó em japonês.

- (ela respondeu) “senhora tem razão, é gostoso. É que japonês não tem esse costume né?”

- Eu falei ah “pois a senhora vai se acostumar se preocupa não.”

Aí daí pra lá, todo dia eu tascava um abraço nela, ela toda vez ela se assustava. E eu nunca esqueci isso porque eu não esperava que ela fosse se assustar com um abraço. Mas não é costume dela, né?” (EF16)

Durante a pandemia da Covid-19 a instituição implementou diversos protocolos para evitar a contaminação interna, entre eles havia a restrição do contato físico e a proibição de abraçar. EF07 e EF16 contam como os idosos sentiram falta e que abraçam, mesmo sem poder:

EF07 “(antes da pandemia) acabava a janta e a gente abraçava, (agora) não tem como a gente abraçar como antes. Eles não tinham esse costume de abraçar (mas depois) eles já vinham abraçar na hora de dar boa noite. (...) As mulheres, até aquelas mais sisudas, vinham abraçar a gente. Mas dá uma vontade de abraçar, é o costume da gente brasileiro.”

EF16: “Você chega de manhã (ela) dá um abraço em você e você vai falar não? Ah não né? Principalmente as meninas. Elas vêm, tem uma que adora abraço. E aí, imagina que eu vou recusar? Tá todo mundo vacinado aqui, três doses tomadas. Eu vou é negar um abraço pra pessoa? Vou nada.”

Como visto no item 4.1, o desejo que os idosos fossem “cuidados com carinho” está presente no Iko-no-sono desde sua criação. Na época, esse desejo influenciou a escolha de D. Margarida Vatanabe a convidar freiras ao invés de enfermeiras para cuidar dos idosos. Ela desejava que os cuidados fossem realizados com afeto e não apenas com habilidades técnicas. Essa percepção sobre o cuidado permanece na instituição até a atualidade. De acordo com os depoimentos acima, para cuidar bem dos residentes no Iko-no-sono é preciso criar intimidade e construir laços afetivos com os idosos, a ponto de considerá-los como alguém da própria família. Além disso, é essencial demonstrar carinho e calor humano pelos idosos, preferencialmente por meio de contato físico.

Ao estudar as relações de cuidado entre idosos e cuidadores em contextos de imigração, o antropólogo Bjarke Oxlund (2018) propôs o conceito de hibridismo cultural no cuidado. Nessa abordagem, o hibridismo é compreendido de maneira positiva, como forma de "descrever a resiliência, criatividade e inevitabilidade da mistura cultural" (STEWART, 2007, p.04 apud OXLUND, 2018 p.75). Para Oxlund, os arranjos de cuidado envolvem encontros concretos entre pessoas, e não entre culturas. Nesses encontros, as pessoas trazem consigo suas visões de mundo, valores e conceitos sobre o cuidado. Assim, argumenta o autor, há uma negociação implícita entre idosos e cuidadores sobre os arranjos e significados do cuidado, bem como

noções de bem-estar e envelhecimento saudável. Esses encontros concretos entre pessoas de diferentes origens socioculturais geram significados híbridos que envolvem o cuidado entre aquelas pessoas.

No Ikoï-no-sono, é possível perceber uma negociação de valores relacionados ao cuidado, como é o caso da construção do contato físico como demonstração de afeto, que foi gradualmente negociado entre as partes. Antes considerado desrespeitoso<sup>96</sup>, o abraço agora é desejado e esperado pelos residentes, graças à construção de uma relação de confiança entre os funcionários e os idosos. Essa mudança só foi possível quando os residentes deixaram de ser “japoneses, japoneses” e passaram a ser mais brasileiros, segundo EF18. Isto é, houve uma mudança cultural, uma ressignificação entre os membros das novas gerações deste grupo étnico (COOL, 1986) que não eliminou suas fronteiras enquanto grupo, mas redefiniu de alguma maneira sua identidade. Tal mudança facilitou uma negociação de significados entre os residentes e os funcionários institucionais. Desta forma, construiu-se no Ikoï, pelo encontro entre os funcionários brasileiros e seus residentes japoneses e nipo-brasileiros uma noção de cuidado que é afetuosa e carinhosa, com muito abraço, mas sempre com limites claros.

#### **4.8.2 Cuidado e Independência: cuidar torna dependente?**

As negociações acerca dos cuidados com os idosos igualmente envolvem tensão ou desacordo entre os profissionais e os residentes. A independência e autonomia são valores fundamentais para os idosos residentes e para a instituição que procura fomentá-los entre seus colaboradores. A busca por autonomia é particularmente notável em residentes com mais de 90 anos, como expresso pelas palavras de EF16 quando ela conta sobre a idosa de 94 anos: “ela não gosta de ajuda, ela gosta de tomar banho, fazer as coisas dela tudo sozinha. (...) Ela não gosta que façam nada por ela”. Outro exemplo é o de EF10, que conta sobre uma residente de 96 anos que caminha com ajuda de um andador e acorda às três e meia da manhã para tricotar meias: “ela acorda, levanta três e meia. Por que senão não dá tempo de fazer tudo que quer sabe? qual era o trabalho dela? Fazer meias e o orgulho dela é fazer essas meias”. Da mesma forma, EF25 menciona um idoso que trabalha na horta e nas plantações no Ikoï: “ele faz porque

---

<sup>96</sup> A escritora nipo-americana Karen Yamashita descreve bem o estranhamento que pode haver entre brasileiros e japoneses no que tange as demonstrações de afeto. Ela diz: “Os brasileiros têm uma expectativa sobre o abraço. mandam abraços em suas mensagens. Eles mandam beijos. A expectativa deles é que essa demonstração de afeto seja uma demonstração de cordialidade e franqueza. Sem ela o mundo seria um lugar frio; assim, as culturas que acham esse beijo desconcertante são pessoas frias. Americanos e japoneses dificilmente demonstram afeto em público; beijar um mero conhecido parece um pouco exagerado, um aperto de mão é suficiente. Ou que tal apenas se curvar” (YAMASHITA, 2003. p.70).

ele fala que ele não quer parar. Porque ele fala que se parar tudo fica ruim, né? A mente fica ruim, o corpo fica ruim, então ele não quer parar”.

Manter-se ativo e trabalhando, sempre que possível, é de extrema importância tanto para os idosos quanto para a instituição. Esses valores estão presentes na missão institucional – a que busca proporcionar condições favoráveis para que o idoso continue a se desenvolver até o fim da vida, mesmo diante de limitações – e nos princípios e valores da instituição que elenca: "o trabalho como meio de atingir o sentido da vida".

No contexto das relações de cuidado, a entidade adota diversas estratégias para fomentar a independência dos idosos. Uma delas é o treinamento da equipe para não executar tarefas que possam ser feitas pelos próprios residentes. Nesse sentido, EF16 destaca que a orientação institucional para as cuidadoras é de ajudar os idosos apenas quando eles expressamente solicitarem:

E “É tanto é que eles o que a orientação que a gente tem é não fazer por eles. Só se eles pedirem ajuda. Tem que deixar eles fazerem né? Eles sentam, eles comem, eles mesmo tiram o prato né?\_Eu que sou safada que eu ainda tiro o prato, mas não é pra eu tirar (...) Mas ele eles tomam banho, se vestem sozinhos. Só se pedir ajuda mesmo, né? A gente fica ali mas observando, a gente cultiva isso neles de continuar tendo a independência deles.” (EF 16)

Esse caso é significativo porque, embora EF16 respeite a independência dos idosos, ela por vezes desconsidera a orientação institucional com o intuito de fazer uma gentileza para os residentes. Assim ela revela um outro significado do ato de cuidar que é o “fazer por”, a gentileza. No caso em questão, o ato em si parece inofensivo, mas há uma preocupação institucional em evitar a ajuda em excesso, a fim de preservar a agência e a autonomia dos idosos<sup>97</sup>. EF11 defende que tanto a equipe de cuidadores quanto a equipe técnica podem trabalhar juntas para fortalecer a independência dos idosos:

EF11: “queria que se tivesse mais qualificação (da equipe), (que eu) pudesse sensibilizar (a equipe) com a situação do idoso, dele querer ser mais autônomo. Sinto que elas é que deixam eles dependentes. Mas que é difícil mudar a cultura.”

---

<sup>97</sup> Apenas a título de exemplo, a reportagem sobre uma Instituição de Longa Permanência do Japão “*A Home for Elderly Healing: Tokyo's Morinokaze Nursing Home*”, apresenta uma outra perspectiva sobre cuidado. Na matéria a instituição destaca o fato de possuir uma proporção pequena de residentes para cada cuidador, 1 cuidador para cada 2 residentes. Isso poderia significar mais ajuda para os idosos, contudo a matéria diz “**Mas, em vez de sufocá-los com cuidado, eles ajudam os idosos a serem mais independentes**” (CNA, 2017). A matéria segue mostrando todos os processos institucionais, equipamentos e tecnologias disponíveis para estimular os idosos a realizarem tarefas autonomamente. A ideia não é comprar as instituições, mas sim mostrar como os atos de cuidar podem ter significados diferentes a depender da referência social e cultural. Para esta instituição, cuidar, no sentido de “fazer por” ou de “auxiliar a fazer” significa “sufocar” o idosos. Cuidar bem, para eles, significa oferecer todas as condições para que o idoso possa realizar a maior parte de suas atividades de maneira autônoma.

Para exemplificar essa percepção, EF11 relata um caso em que a equipe, em busca de proteger e cuidar dos idosos, acabou por desestimular sua independência, autonomia e agência. Segundo ela, a equipe priorizou a segurança e o bem-estar de um idoso fragilizado, recomendando que ele permanecesse no setor dependente, com assistência e supervisão disponíveis 24 horas por dia. No entanto, o idoso desejava voltar ao setor semi-dependente, onde não há tanta supervisão, como EF11 explica:

“O exemplo (...) é o idoso de 104 anos que estava na ala semi, teve um infarto e foi pra lá (setor dependente). E ele era muito forte, muito lúcido, então falou, vou pra lá mas depois quero voltar pra cá. Mas a equipe falou: “não, 104 anos aqui não tem supervisão, melhor ele ficar lá.” Mas na cabeça dele ele sempre quis voltar pra cá (semi). E ele ficou quase 1 ano lá. E chegou uma hora que ele falou assim, eu quero voltar pra lá. (então falamos para ele): “o senhor está na cadeira de rodas, em 2 semanas vai sair, vai se reabilitar, vai andar, se esforçar, neste dia a gente avalia. (...) Quando chegou o dia ele estava de mala e cuia, sem cadeira de rodas pronto pra voltar. Ele retornou e ficou 1 ano aqui na ala semi.” (EF11)

Em sua percepção é fundamental encontrar um equilíbrio entre a criação de vínculos e afeto com os idosos e a aquisição de conhecimentos técnicos. Segundo EF11, uma atualização técnica com uma formação mais aprofundada em gerontologia traria novos parâmetros de cuidado para a equipe, fortalecendo a autonomia e a agência dos idosos.

“EF11: “A diretoria encara, nem tanto a parte técnica é importante, ele fala que é o coração. Mas a parte técnica é importante sim. Você tem o coração, mas não está dando bola para aquilo que o idoso está te sinalizando. (...) Não adianta só gostar. (...) Se o Iko quer se manter bem, com profissionais de ponta, precisa se atualizar, ter um olhar diferenciado para o idoso, se especializar em gerontologia. Mudar a forma de pensar, de poder olhar de fato o idoso, ouvir. Eles falam “eu ouço o idoso sim”, mas é uma dependência, uma coisa de neta e avó, não é uma coisa técnica”.

As teorias contemporâneas da gerontologia afirmam que a manutenção da autonomia e independência dos idosos é fundamental para o seu bem-estar subjetivo, embora o grau de autonomia e independência desejável varie conforme as condições físicas e cognitivas dos idosos, sua idade, etnia e outros fatores (TEIXEIRA, NERI, 2008; ROWE, KAHN, 1997; PHELAN et al., 2004; IWAMASA, IWASAKI, 2011). Quando EF11 destaca a parte técnica do trabalho de cuidar, ela procura fundamentar a promoção da autonomia e independência dos idosos em dados empíricos e científicos produzidos pela gerontologia.

Com relação à autonomia e independência dos idosos na instituição, é necessária uma negociação entre os profissionais da instituição e os idosos para alcançar um ponto satisfatório para ambas as partes (TESCH-RÖMER, WAHL, 2016). No Iko, embora as diferenças culturais

possam ter um impacto positivo no bem-estar dos idosos e dos cuidadores em algumas situações, em outras, como no exemplo mencionado, essas diferenças podem ir contra a vontade dos idosos. É importante encontrar um equilíbrio entre o vínculo emocional, carinho e afeto, que são fundamentais para o bem-estar dos idosos, e o desejo dos idosos por autonomia e independência.

Finalmente, além das relações entre cuidadores e idosos, o ambiente físico também é relevante neste processo. Tesch-Römer e Wahl (2016) argumentam que é possível incentivar a independência e promover a qualidade de vida dos idosos se forem utilizadas estratégias e recursos ambientais adequados como elementos que ajudam a compensar ou aprimorar suas capacidades. Embora a instituição procure implementar as recomendações e critérios técnicos referentes à acessibilidade e segurança dos idosos, como por exemplo, pisos antiderrapantes, rampas, corrimões e barras de apoio, entre outros, ela não dispõe de recursos para investir em equipamentos e dispositivos tecnológicos que poderiam contribuir para maior autonomia dos idosos na realização de atividades diárias.

## CAPÍTULO 4 – CONCLUSÃO

A presente pesquisa procurou compreender como uma ambiência étnica é produzida em uma instituição de longa permanência para idosos e, a partir disso analisar a relação dos elementos étnicos com o bem-estar dos idosos residentes.

A pesquisa fundamentou-se em uma perspectiva multidisciplinar, utilizando conceitos semióticos de cultura, etnicidade e ambiência. A cultura entendida como um sistema simbólico compartilhado pelos membros de um grupo, que confere significado às suas vidas e orienta suas ações. A etnicidade, como uma construção social seletiva, dinâmica e relacional, enquanto a cultura é considerada o "conteúdo" dessa identidade étnica. A ambiência foi conceituada como um espaço físico, social e emocional influenciado tanto pelos valores culturais do grupo étnico quanto pelos valores da sociedade majoritária. A pesquisa procurou compreender os elementos culturais, como práticas, ambientes, rituais e objetos, que são importantes para a ambiência do grupo étnico estudado, no caso, a comunidade nipo-brasileira se relacionava com o bem-estar dos residentes da ILPI.

Para facilitar a apresentação e análise do material coletado, a descrição dos elementos étnicos e culturais do ambiente foi dividida em partes. Estas partes foram categorizadas com base nos elementos considerados mais relevantes pelos entrevistados sobre a manifestação da cultura japonesa na instituição e aqueles que mais se relacionam com o bem-estar dos residentes.

Foi possível observar que desde o início, os fundadores da ILPI tinham o desejo de oferecer um lar, isto é, um local no qual os idosos pudessem se reconhecer e se sentir à vontade para viver à sua maneira, com hábitos e costumes de sua infância ou país de origem. Por isso, optaram por ter a gestão da instituição realizada por japoneses e descendentes e receber apenas idosos *nikkeis* e japoneses como residentes. Essa iniciativa possibilitou a criação de um ambiente próprio para os idosos japoneses e seus descendentes, que se sentiam em casa e podiam reviver um pedaço do Japão em terras brasileiras.

Ao analisar os diferentes elementos da entidade, foi possível perceber que as referências culturais japonesas estão presentes em quase todos os aspectos institucionais, ainda que em diferentes proporções. Segundo Rowles e Bernard (2013) para que um espaço se torne um lar, é preciso que esteja conectado com nossa identidade, havendo inclusive uma troca, na qual os lugares reforçam nossas identidades individuais e de grupo. Pode-se dizer que estes elementos combinados na ambiência institucional forjam o senso de pertencimento e segurança para os idosos da instituição.

A Cartilha da Ambiência (BRASIL 2010) divide a ambiência em três eixos didáticos: a confortabilidade, a facilitação do processo de trabalho, e o encontro entre sujeitos. Neste estudo foi possível observar que a etnia influencia a confortabilidade ambiental dos idosos de diversas maneiras. A confortabilidade refere-se aos componentes, principalmente físicos – como luz, cheiro, som, disposição do mobiliário entre outros – que qualificam o ambiente, estimulam a percepção ambiental e criam uma ambiência mais acolhedora. Ela também diz respeito a elementos intangíveis como os valores culturais referentes a privacidade, individualidade, autonomia e vida coletiva da comunidade em que se está atuando.

No ambiente físico do Jardim de Repouso Iko-no-Sono, foram identificados elementos como a disposição dos objetos decorativos japoneses, a proximidade com a natureza, a presença de árvores de cerejeira, a tranquilidade e o silêncio do ambiente, as músicas japonesas, a limpeza e a ausência de odores como os principais fatores que diferenciam o local e o tornam culturalmente adequado para os idosos residentes, distinguindo-o dos padrões brasileiros evocados pelos funcionários. É relevante ressaltar que a percepção do espaço físico é subjetiva e culturalmente influenciada, ou seja, o que é considerado agradável ou confortável varia de acordo com as experiências afetivas, subjetivas e culturais de cada indivíduo (BESTETTI, 2014; FELIPPE, 2010). Nesse sentido, os atributos culturais mencionados demarcam uma fronteira (BARTH, 1969), representando a diferença no espaço físico que torna o Iko-no-Sono um território étnico adequado para seus residentes, distinto de outros ambientes.

Em relação a outros fatores étnicos que influenciam a confortabilidade, é importante destacar o papel da alimentação. A presença de comida de origem japonesa foi um dos itens mais mencionados pelos entrevistados como um diferencial positivo para o bem-estar dos idosos. Por ser um alicerce estável das identidades étnicas (GOLÇALVES, 2007), a alimentação pode evocar memórias afetivas, proporcionar sensação de pertencimento e prazer, além de oferecer conforto (TAVARES, 2018). As refeições japonesas mais tradicionais, como por exemplo *sushi*, *sashimi*, *tempurá* entre outras, são servidas em datas comemorativas, celebrações e ocasiões especiais. De acordo com os relatos, os idosos residentes as aguardam ansiosamente e as apreciam muito. Além disso, as refeições diárias da instituição têm como base pratos tradicionais brasileiros, como arroz e feijão, mas sempre incorporam ingredientes e temperos japoneses. Essa combinação distingue as refeições no Iko das refeições brasileiras comuns e torna a alimentação institucional um exemplo ou reflexo da culinária nipo-brasileira. Esses componentes proporcionam familiaridade, conforto e evocam memórias afetivas nos residentes, contribuindo significativamente para o senso de pertencimento na instituição

(ROWLES, CHAUDHURY, 2006; WAHL, IWARSSON, OSWALD, 2012).

Com relação à facilitação do processo de trabalho que se refere à forma como o ambiente físico e organizacional de uma instituição pode ser planejado e organizado para otimizar e facilitar o trabalho dos profissionais. Constatou-se que o ambiente étnico pode ser desafiador no primeiro momento para novos funcionários. Como a maioria dos colaboradores da instituição não é descendente de japoneses, não teve proximidade com a cultura japonesa antes de trabalhar no Ikoï-no-sono e não fala japonês, muitos relataram grande estranhamento inicial. Eles precisaram se ajustar à presença de um idioma diferente, aos costumes e à alimentação diferenciada dos idosos, bem como ao temperamento e hábitos dos residentes. Em alguns casos, os funcionários precisam aprender a ser mais contidos e silenciosos no dia a dia. Nesse ponto, a instituição possui um processo informal de treinamento de novos colaboradores que, além de ensinar as atribuições técnicas, funciona como um processo fundamental de adaptação cultural.

Outro aspecto relevante nesse contexto é a disciplina e a organização na gestão institucional, especialmente em relação às rotinas de trabalho e atribuições dos funcionários. A pesquisa identificou a presença desses valores tanto na cultura japonesa quanto nas culturas institucionais de entidades como as ILPIs. Embora não seja possível determinar a origem desses costumes e valores específicos no Ikoï-no-Sono, a sobreposição da cultura institucional com a cultura étnica dos nikkeis reforça a importância da disciplina e da organização no dia a dia dos residentes, funcionários e voluntários do Ikoï. Esses fatores contribuem significativamente para a rotina dos funcionários e para a execução eficiente das tarefas, proporcionando rotinas bem definidas e momentos claros de troca de informações e turnos, o que facilita o trabalho, mesmo em situações mais desafiadoras. No entanto, a pesquisa também apontou que a rigidez excessiva e a disciplina nas rotinas diárias podem suprimir a individualidade e a autonomia dos idosos, reduzindo seu grau de independência e agência. Portanto, é essencial encontrar um equilíbrio entre a estruturação das atividades e a oportunidade de escolha e liberdade dos idosos, permitindo que eles mantenham sua identidade e senso de autonomia (ROWLES, CHAUDHURY, 2006; WAHL, IWARSSON, OSWALD, 2012).

É possível identificar contribuições positivas que a ambiência étnica traz para o terceiro eixo, de encontro entre sujeitos e a produção de subjetividades. Este eixo busca promover uma relação acolhedora e respeitosa, estimulando uma comunicação efetiva, o estabelecimento de diálogos abertos e o compartilhamento de informações. Além disso, enfatiza-se a importância de valorizar a diversidade cultural, de gênero, étnica e social, reconhecendo e respeitando as particularidades de cada indivíduo. A instituição se destaca pela sua capacidade de realizar a

tradução linguística e cultural, especialmente em relação ao idioma japonês, que ainda é muito presente no ambiente. A presença de alguns funcionários fluentes em japonês é fundamental para garantir um atendimento eficiente e resolução de conflitos decorrentes da dificuldade de comunicação entre residentes e funcionários que não falam o idioma. Além disso, os funcionários recebem orientações formais e informais sobre os costumes e hábitos dos residentes, como o respeito ao espaço pessoal dos idosos, o cuidado com o toque físico, reduzindo desentendimentos e aproximando funcionários e idosos.

Além disso, as atividades de lazer de origem japonesa e a utilização de referências culturais japonesas nas demais atividades favorecem a interação social dos idosos e ajudam a estabelecer vínculos entre eles. A prática do *origami* e cantigas infantis, por exemplo, são referências culturais que muitos dos residentes conhecem desde a infância e que ajudam a criar um ambiente comum de convivência. A realização de eventos, festas e celebrações de datas comemorativas japonesas e brasileiras também contribuem para a relação entre idosos e funcionários, proporcionando momentos de expressão criativa e integração social.

Por fim, um aspecto destacado como diferencial do Iko-no-Sono em relação ao bem-estar dos idosos é o cuidado proporcionado pela instituição. Esse cuidado se manifesta tanto na amplitude dos serviços oferecidos, abrangendo cuidados de saúde, psicológicos, sociais e até espirituais, quanto no trabalho realizado pela equipe de enfermagem e cuidadores com os residentes. O conceito de cuidar bem varia de cultura para cultura, baseado no que determinados grupos sociais consideram fatores positivos e relevantes no processo de cuidar (KEITH et al., 1994; GEERTZ, 1957; OXLUND, 2018). Foi constatado que no Iko, o cuidado envolve atenção, carinho e afeto, tanto físico quanto emocional. Na instituição, para proporcionar um cuidado de qualidade, é necessário que se estabeleça uma relação de intimidade e criação de laços afetivos com os idosos, indo além das ações práticas do cuidado. Por um lado, essas características podem ser consideradas evidências de uma abordagem mais brasileira de cuidado, por outro lado, as entrevistas deixam claro que as demonstrações de afeto são sempre realizadas com respeito e limites, considerados importantes para os idosos residentes. Hikoyeda, Wallace (2010) que estudaram uma ILPI nipo-americana na qual os cuidadores eram japoneses, relata que “os cuidadores japoneses pareciam mais distantes e estóicos do que ternos, o que era mais congruente com os traços de personalidade japoneses, mas também reforçava a distância social entre os funcionários e os idosos” (HIKOYEDA, WALLACE, 2010, p. 98). Seu achado está em consonância com os resultados desta pesquisa, nos quais a mistura étnica é percebida como um elemento positivo para o bem-estar dos idosos. A pesquisa constatou

mudanças nos significados e limites do cuidado ao longo do tempo, resultando na construção de uma noção híbrida de cuidado (OXLUND, 2018), na qual os valores dos cuidadores e dos residentes se combinam para compor a concepção de cuidado presente na instituição.

Assim, foi possível observar que a ambiência institucional do Ikoï-no-sono é permeada por diversas referências nipônicas e não nipônicas. A arquitetura, mobiliário, comidas, atividades e datas comemorativas brasileiras fazem parte do cotidiano dos idosos. Mais do que listar e categorizar quais elementos são japoneses e quais são brasileiros, é importante compreender como os idosos se relacionam com esses diferentes aspectos culturais.

Se a identidade étnica é constituída pela seleção de atributos que um grupo étnico escolhe para se diferenciar – ou é diferenciado – de outro, no Ikoï-no-sono, é possível dizer que a etnicidade no Ikoï-no-sono é composta de ambos os referenciais, tanto brasileiros quanto japoneses. Lesser (2001) cunhou o termo "identidades hífenizadas" para aquelas, como a dos imigrantes, que são formadas por mais de uma identidade étnica. O uso do hífen é uma tentativa de reconhecer a dupla identidade do imigrante e, ao mesmo tempo, reforçar a sensação de separação entre as duas culturas no processo de criação desta nova identidade. Assim, a identidade étnica nipo-brasileira se distingue tanto da identidade japonesa quanto da brasileira, em um processo dinâmico de constantes negociações.

Este é um conceito similar ao que Mori (2008) atribuiu à identidade de “colônia-jin” adotada pelos imigrantes japoneses que decidiram prolongar sua permanência no Brasil. Segundo o autor, o termo cria uma distinção étnica/racial entre os imigrantes japoneses e outros brasileiros, assim como os diferencia dos “japoneses do Japão”, em um processo de dupla diferenciação. É, portanto, a mistura dessas referências culturais que criou uma ambiência étnica nipo-brasileira acolhedora para os residentes da instituição. A maioria dos residentes atuais cresceu no Brasil e tanto o *gohan* quanto o feijão fazem parte de seu repertório cultural. Essa mistura, contudo, não impede que muitos funcionários do Ikoï considerem a instituição como uma representação do Japão no Brasil, ou que visitantes japoneses vejam o local como “um Japão antigo que não existe mais”. Afinal as identidades étnicas são contrastivas e relacionais e, portanto, ser considerado, “brasileiro”, “japonês” ou nipo-brasileiro, depende do contexto de referência.

Assim, independente da forma como a etnicidade é manifestada, uma vez que seu conteúdo e fronteiras são dinâmicos, ela se mostrou um ativo importante para o bem-estar dos idosos imigrantes e descendentes que moram na instituição. Para se promover o bem-estar dos residentes não basta oferecer um ambiente que atende suas necessidades físicas. Também é

preciso que o ambiente contribua, preserve e respeite seus hábitos, costumes e tradições culturais.

Em resumo, as moradias institucionais são de extrema importância e tendem a se tornar cada vez mais necessárias para atender às demandas do aumento da longevidade e do envelhecimento populacional. Este estudo demonstrou que, tanto para os familiares quanto para os funcionários, a ambientação étnica – que inclui aspectos físicos e sociais – contribui para que os idosos se sintam parte da entidade e se reconheçam no ambiente, e possam preservar seus costumes, tradições e celebrações. Então, pensar em ambiências institucionais que possam atender e acolher as pessoas em suas especificidades é fundamental para minimizar os impactos da mudança de moradia e promover uma melhor qualidade de vida durante a velhice.

Por fim, a pesquisa realizada na ILPI nipo-brasileira Ikoï-no-sono jogou luz sobre a importância da etnicidade dentro das instituições de longa permanência para idosos. É importante que haja mais pesquisas nesta linha para que se possa entender as particularidades do envelhecimento populacional de minorias étnicas, imigrantes e refugiados. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para o avanço do conhecimento nessa área e para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas institucionais mais inclusivas e sensíveis às necessidades desses grupos.

### **1.5.7 Limitações**

A pesquisa realizada apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. A principal delas é que as restrições impostas pela pandemia de covid-19 impossibilitaram a realização de mais observações participantes, especialmente em relação à rotina diária dos idosos. Isso poderia ter enriquecido os resultados das entrevistas e possibilitado uma análise mais aprofundada dos dados coletados. Além disso, outra limitação importante foi a impossibilidade de coletar a perspectiva dos idosos residentes na instituição. A bibliografia mostra que as perspectivas dos residentes podem diferir das dos familiares e funcionários, o que seria importante para uma análise mais completa. Outra limitação é que não foi possível realizar um estudo comparativo com outra ILPI nipo-brasileira e não étnica. Por fim, é importante destacar que por se tratar de um estudo de caso realizado em São Paulo, os resultados encontrados podem não ser generalizáveis para outras regiões ou entidades.

## REFERÊNCIAS

AJS, Associação Japonesa De Santos. Sobre o Undokai. **Associação Japonesa de Santos**, 2021. Disponível em: <https://ajscultura.org/undokai/>. Acesso em: 01 maio 2023

ALVES, M. A. DAÍ SAN SEKUTA: O UNIVERSO DAS ORGANIZAÇÕES DO TERCEIRO SETOR DA COMUNIDADE JAPONESA DE SÃO PAULO. 2009

ASAMI, T. O japonês e o seu relacionamento com a natureza. **Estudos Japoneses**, v. 4, p. 105–118, 1984.

ASDJG, Assistência Social Dom José Gaspar. “Kissaten” (cafeteria/casa de chá) no Ikoi no Sono. **ASSISTENCIA SOCIAL DOM JOSE GASPARG**, 2016. Disponível em: <https://ikoinosono.org.br/wordpress/2016/06/27/kissaten-cafeteriacasa-de-cha-no-ikoi-no-sono/>. Acesso em: 02 abr. 2023. C

\_\_\_\_\_. Assistência Social Dom José Gaspar. Atividade dos Residentes. **Ikoi-No-Sono**, [s.d.]. Disponível em: <https://ikoinosono.org.br/wordpress/quem-somos/atividades/>. Acesso em: 07 maio 2023.

\_\_\_\_\_. Assistência Social Dom José Gaspar. Ikoi News. **Ikoi-No-Sono**, 2013. Disponível em: <http://ikoinosono.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2013/04/jornal-3%C2%AA-edi%C3%A7%C3%A3o2.pdf>. Acesso em: 07 maio 2023.

\_\_\_\_\_. Assistência Social Dom José Gaspar. Musicoterapia. **Ikoi-No-Sono**, 2016. Disponível em: [https://ikoinosono.org.br/wordpress/2016/10/14/musicoterapia/?fbclid=IwAR0naKYQ7CUxh545H-Ji\\_sDapYSu-OCrT2Znvp3Bj--MLXbYpXzVLk80I7E](https://ikoinosono.org.br/wordpress/2016/10/14/musicoterapia/?fbclid=IwAR0naKYQ7CUxh545H-Ji_sDapYSu-OCrT2Znvp3Bj--MLXbYpXzVLk80I7E). Acesso em: 07 maio 2023. (B)

\_\_\_\_\_. Assistência Social Dom Jose Gaspar. **O Hinamatsuri simboliza o dia das Meninas**. São Paulo, 03 de mar. 2019. Facebook: ikoinosono. Disponível em: <https://www.facebook.com/ikoinosono/photos/a.165367346856692/2288318961228176/> Acesso em: 02 mar. 2023 (ASDJG, 2019)

\_\_\_\_\_. Assistência Social Dom José Gaspar. **Vídeo Institucional da Assistência Social Dom José Gaspar**. Youtube, 1 de jun. de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M5pa2EdweOg>>. Acesso em 28 nov. 2021

\_\_\_\_\_. Assistência Social Dom José Gaspar. **Publicação de Celebração de 60 anos da ASDJG e 55 anos do Jardim de Repouso São Francisco (Ikoi-no-Sono)**. São Paulo: Assistencia Social Dom José Gaspar, 2013.

\_\_\_\_\_. Assistência Social Dom José Gaspar. **Relatório da Diretoria 2010**: relatório anual 2010. Guarulhos: Assistencia Social Dom José Gaspar, 2022. 28 p.

\_\_\_\_\_. Assistência Social Dom Jose Gaspar. **Relatório da Diretoria 2021**: relatório anual 2021. Guarulhos: Assistencia Social Dom José Gaspar, 2022. 28 p.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BARTH, F. **Ethnic Groups and Boundaries**. Boston: Little, Brown and Company, 1969.

BASSANEZI, M. S. C. B.; TRUZZI, O. M. S. Plantadores do futuro japoneses em São Paulo na primeira metade do Século XX. Em: IBGE (Ed.). **Resistência & integração 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro de Documentação e Disseminação de Informações., 2008. p. 79–93.

BATISTONI, S. S. T. Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 647–657, 2014.

BELTRÃO, K. J.; SUGAHARA, S.; KONTA, R. Vivendo no Brasil características da população de origem japonesa. In: IBGE (Ed.). **Resistência & integração 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro de Documentação e Disseminação de Informações., 2008. p. 55–71.

- BENEDICT, R. O Crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa. Tradução César Tozzi. São Paulo, Perspectiva, 2014
- BESTETTI, M. L. T. Ambiência: espaço físico e comportamento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 601–610, 2014
- BESTETTI, M. L.; NASCIMENTO, M. A. DA S. DO; MATOS, M. M. A. DA C. Tradition and Innovation in Residential Structures for the Elderly. Em: NETO, M. J. P.; MONTEIRO, M. DO R.; KONG, M. M. (Eds.). **Tradition and Innovation**. 1. ed. London: CRC Press, 2021.
- BNBSP (São Paulo). Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo. **História de 40 anos da Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo 1959-1999**. São Paulo: Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo, 1999
- BOAS, P. J. F. V. et al. Qualidade do ambiente e estrutura física. Em: BOAS, P. J. F. V. et al. (Eds.). **Manual: qualidade do cuidado em instituição de longa permanência para idoso**. Belo horizonte: ILPI, 2021. p. 213–222.
- BOHNSACK, R. A. A interpretação de imagens e o método documentário. **Sociologias**, Porto Alegre, n o18, jun./dez. 2007, vol. 9, p. 286-311. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86819553013> Acessado em: 01 jun. 2022
- BORN, T. Quem vai cuidar de mim quando eu ficar velha? Considerações sobre a família, asilo, (im)previdência social e outras coisas mais. **Revista Kairós – Gerontologia**, v. 4, n. 2, p. 135-148, 2001
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **RDC nº 283, de 26 de setembro de 2005**. Regulamento técnico para o funcionamento das instituições de longa permanência para idosos. Brasília: ANVISA; 2005
- \_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso** / Ministério da Saúde - 3. ed., 2. reimpr. - Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- \_\_\_\_\_. Ministério da saúde. secretaria de atenção à saúde. núcleo técnico da política nacional de humanização. **Ambiência**. 2a. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010.
- BYRNE, A. Como o karaokê virou febre mundial sem deixar seu inventor rico. **BBC News Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58130375> acesso: 12 de fevereiro 2023.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de Populacao**, v. 27, n. 1, p. 233–235, 2010
- CAMARANO, A.A. É possível definir o que sejam Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)? In **Mais 60: estudos sobre envelhecimento** / Edição do Serviço Social do Comércio. – São Paulo: Sesc São Paulo, v. 31, n. 78, p. 8 a 25. Dezembro 2020. disponível em: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos/bibli\\_informativo/2021\\_Periodicos/Mais-60\\_n.78.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/2021_Periodicos/Mais-60_n.78.pdf) acesso em: 15 de março de 2023
- CAMPOS, C. J. G. MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev Brasilerira Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611–614, 2004.
- CAN Insider. **A Home for Elderly Healing: Tokyo's Morinokaze Nursing Home**. Youtube 09 jul.2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EzpvDm8tDN0>. Acesso em: 01 mai. 2023.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. Identidade e estrutura social. **Anuário Antropológico**, v. 3, n. 1, p. 243–263, 1979.
- CARDOSO, R. C. L. Papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. **Revista de Antropologia**, v. 7, n. 1/2, p. 101–102, 1959.

- CARP F.M., CARP A. A complementary/congruence model of well-being or mental health for the community elderly. Em: Altman I, Lawton MP, Wohlwill JF, editors. **Human behavior and environment: elderly people and the environment**. New York: Plenum Press; p. 279-336, 1984.
- CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, A.T.; TONHATI, T.; (ORGS.). OBMigra. **Cadernos OB Migra**, v. 1 e 2, n. Ed. Especial, p. 1-476, 2015.
- CENB Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. Cronologia da Imigração Japonesa no Brasil. (Edição Aumentada da Obra Elaborada por Tomoo Handa). São Paulo: **Centro de Estudos Nipo-Brasileiros**, 1996.
- CHAN, J. **Factors that influence the care of Chinese nursing home residents: person-environment interaction**. [s.l.] University of California, 2007.
- CHRISTOPHE, M., CAMARANO, A. A. Dos asilos às instituições de longa permanência: uma história de mitos e preconceitos. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?** Rio de Janeiro: Ipea, 2010
- COOL, L. E. Ethnicity: Its Significance and Measurement. In: FRY, C. L.; KEITH, J. (Eds.). **New Methods for Old-Age Research**. Massachusetts: Bergin and Garvey, 1986. p. 263-277.
- COOPER, C. et al. Relationship between speaking English as a second language and agitation in people with dementia living in care homes: results from the marke (managing agitation and raising quality of life) english national care home survey. **International Journal Of Geriatric Psychiatry**, [S.L.], v. 33, n. 3, p. 504-509. 2017. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/gps.4786>.
- CORTTELLETI, Ivone A.; CASARA, Miriam B.; HERÉDIA, Vânia B. M. **O idoso asilado: um estudo gerontológico**. Caxias do Sul: Educs/Edipucrs, 2004
- COSTA, M. C. N. S.; MERCADANTE, E. F. O Idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso The. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 16, n. 2, p. 209-222, 2013.
- CRUZ, A. K. Avaliação do Estado Nutricional de Adultos e Idosos e Situação Nutricional da População Brasileira. jun. 2004.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. [s.l.] EDUSC, 1999.
- DANNEFER, D., SETTERSTEN, R. Jr. The study of the life course: implications for social gerontology. In Dannefer, D., Phillipson, C. (eds), *The Sage Handbook of Social Gerontology*. Sage, Londres, 3-19, 2010.
- DEBERT, G. G. Família, Classe Social e Etnicidade: Um Balanço da Bibliografia sobre a Experiência de Envelhecimento. **BiB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 33, p. 33-50, 1992.
- \_\_\_\_\_. Velhice e o curso da vida pós-moderno. p. 70-83, 1999.
- DIAS, R. A. M.; DE CASTILHO, K. C.; SILVEIRA, V. DA S. Uso e interpretação de imagens e filmagens em pesquisa qualitativa. **Ensaios Pedagógicos ( Sorocaba)**, v. 2, n. 1, p. 81-88, 2018.
- DOLGIN, K. G., KEMNITZER, D., SCHNEIDER, D. M. **Symbols and Society: Explorations in the Sociology of Culture**. Oxford University Press.1977
- EMBAIXADA, Do Japão No Brasil. Uma Coexistência Harmoniosa de Tradição e Inovação. **Japan Fact Sheet**, 2012. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/arquitetura.html>. Acesso em: 07 maio 2023.
- ESTUDOS JAPONESES (São Paulo). Submissões: formatação do texto. Formatação do texto. Revista de Estudos Japoneses. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/about/submissions>. Acesso em: 15 jan. 2021.

- FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, R. The Concept of Successful Aging and Related Terms. In: FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, R.; BENETOS, A.; JEAN-MARIE ROBINE (Eds.). **The Cambridge Handbook of Successful Aging**. Cambridge University Press, 2019. p. 6–22.
- FERREIRA, M. L. M. Folheando o passado: estudo antropológico sobre memória e identidade social na velhice. PPG em Antropologia - IFCH, Data: 18 de setembro 1995
- FIGUEIREDO, A; ALVES, W; LOPES, T. Exercício físico e Lazer. In: **Manual: qualidade do cuidado em instituição de longa permanência para idoso**. Editores Paulo José Fortes Villas Boas, Christine Abdalla, Aline Salla Carvalho, Karla Cristina Giacomin. – Belo Horizonte (MG) : ILPI, 2021
- FISCHER, M. Da Antropologia Interpretativa à Antropologia Crítica 1. **Seminários de Antropologia**, p. 55–72, 1978.
- FJSP, Fundação Japão São Paulo. Fundação Japão promove especial sobre o Dia dos Meninos. **FJSP Fundação Japão**, 2018. Disponível em: [https://fjsp.org.br/agenda/biblioteca\\_dia\\_dos\\_meninos\\_atividades\\_culturais/#:~:text=Os%20visitantes%20podem%20conhecer%20um,adultos%20fortes%20corajosos%20e%20inteligentes](https://fjsp.org.br/agenda/biblioteca_dia_dos_meninos_atividades_culturais/#:~:text=Os%20visitantes%20podem%20conhecer%20um,adultos%20fortes%20corajosos%20e%20inteligentes). Acesso em: 02 abr. 2023.
- FRAZATTO, B. E. . Identidade e cultura na sala de aula de uma associação nipo-brasileira. **Língua, Literatura e Ensino**-ISSN 1981-6871, 7., 2012 Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/le/article/view/3883> Acesso em: 02 de mai 2023
- FUKUDA, H. As estações do ano e sua concepção na literatura japonesa. **Estudos Japoneses**, n. 14, p. 35–43, 1995
- GARCIA, R. R.; WATANABE, H. A. W. Fórum das instituições filantrópicas de longa permanência para idosos: Parceria em rede de apoio no cuidado institucional ao idoso. **Saude e Sociedade**, v. 26, n. 4, p. 920–931, 2017.
- GAUGLER, J.E. Staff perceptions of residents across the long-term care landscape, **Journal of Advanced Nursing** 49(4), p.377–386, 2005.
- GEERTZ, C. Clifford Geertz. **A Interpretação das Culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. v. 263
- \_\_\_\_\_. Ritual and Social Change: A Javanese Example. **American Anthropologist**, v. 59, n. 1, p. 32–54, fev. 1957.
- \_\_\_\_\_. **Saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. 14a. ed. [s.l.] Editora Vozes, 2014.
- GOLANT, S. M. **Aging in the Right Place**. Baltimore: Health Professions Press, 2015.
- GONÇALVES, J. R. S. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**, p. 13–42, 2007.
- GRAEFF, L. (2007). Instituições totais e a questão asilar: uma abordagem compreensiva. **Estudos Interdisciplinares Sobre O Envelhecimento**, 11. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.4810>
- \_\_\_\_\_. O “MUNDO DA VELHICE” E A CULTURA ASILAR Estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre. [s.l.] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- GROISMAN, Daniel. **A infância do asilo: a institucionalização da velhice no Rio de Janeiro da virada do século**. [Dissertação de mestrado em Saúde Coletiva]. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999
- HANDA, T. **O Imigrante Japonês Historia de Sua Vida no Brasil**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

- HATUGAI, É. R. **A medida das coisas : japonesidades e parentesco entre associados da Nipo em Araraquara**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos, 2011
- HEIKKILÄ, K.; SARVIMÄKI, A.; EKMAN, S. L. Culturally congruent care for older people: Finnish care in Sweden. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**, v. 21, n. 3, p. 354–361, 2007.
- HIBARINO, D. A.; KAWACHI, G. J. TRÂNSITOS, AFIRMAÇÕES E NEGAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE JAPONESA NO BRASIL. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 53, n. 2, p. 299–319, 2016.
- HIKOYEDA, N.; WALLACE, S. P. Do Ethnic-Specific Long Term Care Facilities Improve Resident Quality of Life? Findings from the Japanese American Community. **Journal of Immigrant and Minority Health**, v. 12, n. 4, p. 527–533, 2010.
- HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 6 ed. 2008
- HOLZBERG, C. S. Ethnicity and aging: Anthropological perspectives on more than just the minority elderly. **Gerontologist**, v. 22, n. 3, p. 249–257, 1982.
- HOSOKAWA, T.; SAKAGUCHI, R.; UTSUNOMIYA, S. A Situação Atual da Colônia Japonesa no Brasil – Um país de Sociedade Multicultural A Situação Atual da Colônia Japonesa no Brasil. **Centro de Estudos Nipo-Brasileiros de São Paulo**, 2021.
- IBGE. **Resistência & integração 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro de Documentação e Disseminação de Informações., 2008
- IKOI. **Cerimônia de Kakizome**. 12 jan. 2021. Facebook: @ikoinosono. Disponível em: <https://www.facebook.com/ikoinosono/posts/pfbid02eLdKXhSDg8jsLui09Qv2wzuug6iTZAkMor1LjbpPizRyRr6RgHGuDYBvPHqyrMqBl>. Acesso em: 02 jul. 2022.
- ISCHIDA, C. A. **A EXPERIÊNCIA NIKKEI NO BRASIL: UMA ETNOGRAFIA SOBRE IMAGINÁRIOS E IDENTIDADES**. Dissertação Mestrado Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2010
- IWAMASA, G. Y.; IWASAKI, M. A New Multidimensional Model of Successful Aging: Perceptions of Japanese American Older Adults. **Journal of Cross-Cultural Gerontology**, v. 26, n. 3, p. 261–278, set. 2011.
- IZAL, M.; FERNÁNDEZ BALLESTEROS, R. Modelos ambientales sobre la vejez. **Anales de psicología**, v. 6, n. 2, p. 181–198, 1990.
- IZUMI, P. T. Envelhecimento dos imigrantes japoneses. p. 127–141, 2012
- IZUMI, P. T. Etnicidade e envelhecimento: estudo de artigos de jornais da comunidade nipo-brasileira. **Estudos Japoneses**, n. 28, p. 305–310, 2008.
- JAPAN FOUNDATION. Seasonal Change Of Clothing. **Japan Foundation**, 2018. Disponível em: <https://jpf.org.au/senseis-voices/koromogae/>. Acesso em: 02 abr. 2023.
- JAPAN HOUSE. KEIRO NO HI: O DIA DO RESPEITO AOS IDOSOS. Japan House São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.japanhousesp.com.br/novidade/dia-do-respeito-aos-idosos/>. Acesso em: 08 mar. 2023. b
- \_\_\_\_\_. UNDOKAI: O EVENTO ANUAL JAPONÊS DE JOGOS E ATIVIDADES LÚDICAS. Japan house São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.japanhousesp.com.br/artigo/undokai/>. Acesso em: 02 abr. 2023. A

- JONES D.C. Communication patterns between nursing staff and ethnic elderly in a long-term care facility. **Journal of Advanced Nursing** ; n.11, p. 265–72. 1986
- KAHANA, E. A congruence model of person environment interaction. En P.G. Windley, T. Byerts and E.G. Ernst (Eds.): **Theoretical development in environments and aging**. Washington, DC., Gerontological Society. 1975.
- KAHANA, E., LIANG, J., FELTON, B. Alternative models of person- environment fit: Prediction of morale in three homes for the aged. **Journal of Gerontology**, n.35, p. 584-595, 1980.
- KANAMOTO, I. Cultural change due to long-term cross-cultural contact. p. 1–9, 2019.
- \_\_\_\_\_. The Role of Active Aging in the Well-being of Elderly Japanese in Brazil. **Senri Ethnological Studies**, v. 80, p. 97–108, 2013.
- KANITSAKI, O. **Ethnospecific health and care: a critical ethnographic study of a greek nursing home**. Melbourne: 1999, 406 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Center for The Study of Health and Society Faculty of Medicine, Dentistry and Health Sciences, University of Melbourne, Melbourne, 1999
- KART, S.; LONGINO, C. F. E ULLMAN, S. G. Comparing the Economically Advantaged and the Pension Elite: 1980 Census Profiles. **The Gerontologist**, vol. 29, n. 6, 1989.
- KAWANAMI, S. Curiosidades sobre o karaokê no Japão. **Japão em Foco**, 2012. Disponível em: <https://www.japaoemfoco.com/karaoke-no-japao/> acesso: 12/02/2023
- KAYSER-JONES, J. Ways of knowing: Research in Gerontological Nursing. Em: SHERMAN, M. B. S. (Ed.). **Ways of knowing and Caring for Older Adults**. 3. ed. New York: National League of Nursing Press, 1993. p. 17–41.
- KEITH, J. et al. **The Aging Experience: Diversity and Commonality across Cultures**. 2455 Teller Road, Thousand Oaks California 91320 United States: SAGE Publications, Inc., 1994.
- KOBAYASHI, M.; YAMADA, T. Origami e kirigami: arte e cultura como recurso lúdico e educativo. **Revista Ciência em Extensão**, p. 148–158, 2013.
- KOEHN, S. Negotiating candidacy: Ethnic minority seniors' access to care. **Ageing and Society**, 2009.
- KOSE, S. **Housing elderly people in Japan**. **Ageing International**, 1997.
- KROMER, A. **The impact of ethnic identity on nursing home placement among Polish older adults**. Montreal: 2004. Dissertação (Degree of Master of Social Work) - School of Social Work, McGill University, Montreal, 2004
- LAWTON, M.; NAHEMOW, L. Ecology and the aging process. In: EISDORDER, C.; LAWTON, M. (Eds.). **Psychology of adult development and aging**. WASHINGTON: American Psychological Association, 1973. p. 657–668.
- LEÃO NETO, V. C. **A Crise da Imigração Japonesa no Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. FUNAG, 1990.
- LEDUR, J.A.; OLIVEIRA, R. V. A prática do rádio taissô nas associações nipobrasileiras do rio grande do sul. In: xvi encontro estadual de história anpuh-rs, 16., 2022, Online. **Anais [...]** . Online: Anpuh, 2022. p. 1-12. Disponível em: [https://www.eeh2022.anpuh-rs.org.br/resources/anais/12/anpuh-rs-eeh2022/1661184092\\_ARQUIVO\\_44f10f2237b46015096e38805bfbcf83.pdf](https://www.eeh2022.anpuh-rs.org.br/resources/anais/12/anpuh-rs-eeh2022/1661184092_ARQUIVO_44f10f2237b46015096e38805bfbcf83.pdf). Acesso em: 12 maio 2023.
- LEMKE, S.; MOOS, R. H. Assessing the institutional policies of sheltered care settings. **Journals of Gerontology**, v. 35, n. 1, p. 96–107, 1980.

LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Editora UNESP. (trad. Patrícia de Queiroz C. Zimbres) São Paulo, 2014

\_\_\_\_\_. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. (trad. Patrícia de Queiroz C. Zimbres) São Paulo: Editora UNESP, 2001

LEVKOFF, S.; LEVY, B.; WEITZMAN, P. F. The role of religion and ethnicity in the help seeking of family caregivers of elders with Alzheimer's disease and related disorders. **Journal of Cross-Cultural Gerontology**, v. 14, n. 4, p. 335–356, 1999.

LIMA, M. A. X. C. **O fazer Institucionalizado: O cotidiano do asilamento**. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

LIMA, S.T.S: TANABATA MATSURI: a Gestão da Comunicação do Festival das Estrelas no Brasil. Trabalho de conclusão do curso de pósgraduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. **CELACC / ECA-USP**, 2013. Disponível em: <http://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/588-1624-1-PB.pdf> Acesso em 10 de mar 2023.

MACHADO, I.J.de R. **Japonesidades multiplicadas: novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil**. São Carlos. UFSCAR, 190p. 2011.

MACIEL, M. E. Identidade Cultural e Alimentação. In: CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. Antropologia e nutrição: um diálogo possível. Online: Fiocruz, 2005. Cap. 2. p. 49-56. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd10\\_01.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd10_01.pdf). Acesso em: 12 maio 2023.

MACLEAN, M. J.; BONAR, R. Ethnic elderly people in long-term care facilities of the dominant culture: implications for social work practice and education. **International Social Work**, v. 29, n. 3, p. 227–236, 30 jul. 1986.

MAEYAMA, T. Ethnicity , Secret Societies , and Associations : the Japanese in Brazil. p. 589–610, 1979.

\_\_\_\_\_. Imin no nihon kaiki undô (Movimento de retorno ao Japão dos imigrantes). Tokyo, Ed. Nohon hōshō kyōkai.

\_\_\_\_\_. **Margarida Vatanabe: 53 anos de assistência a imigrantes e idosos**. São Paulo: Editora Zipango, 2004

\_\_\_\_\_. Religião, parentesco e as classes médias dos japoneses no Brasil urbano. In: SAITO, H; MAEYAMA, T. (Org.). **Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973

MALARD, M. L. Os Objetos Do Quotidiano E a Ambiência. **2º Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído**, n. 1982, p. 359–361, 2006.

MANFRINATTO, Ana. “Sorry, Liberdade: teoria de Koichi Mori prega a não-existência da cultura japonesa no Brasil”. Revista 100 Anos da Imigração japonesa no Brasil. São Paulo: Editora Abril, p. 8-10, 2008

MARTIN, C.; WOODS, B.; WILLIAMS, S. Language and Culture in the Caregiving of People with Dementia in Care Homes - What Are the Implications for Well-Being? A Scoping Review with a Welsh Perspective. **Journal of Cross-Cultural Gerontology**, v. 34, n. 1, p. 67–114, 2019

MELO, L.G.de. **Em tarde ser: crônicas, fotos e haikais**. São Paulo, 2015

MENEZES, N. A. **Ambiência em instituições de longa permanência para idosos (ILPI): percepções de moradores e familiares**. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2020.

MIGUEL, S. Pontualidade japonesa começou nos tempos modernos. **Instituto de estudos avançados da Universidade de São Paulo**. 2016. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/pontualidade-japonesa-comecou-nos-tempos-modernos> acesso em 26 de fevereiro de 2023

- MILLER, S. C. et al. Facility and county effects on racial differences in nursing home quality indicators. **Social Science & Medicine** (1982), 63, p. 3046–3059 2006. doi:10.1016/j.socscimed.2006.08.003
- MOON A., LUBBEN J.E., VILLA V. Awareness and utilization of community long-term care services: a comparative analysis. **Journal of Gerontology**, Series B, Psychological Sciences and Social Sciences ; 51: S70–S81, 1998.
- MORI, K. “Identity transformations among okinawans and their descendants in Brazil”. In: LESSER, J. (Org.). **Searching for home abroad: japanese brazilians and transnationalism**. Duke University Press, 2003<sup>a</sup>
- NIPPOBRASIL. Rituais de Ano Novo Japonês. **NIPPOBRASIL**, 2002. Disponível em: <https://www.nippo.com.br/especial/n187.php>. Acesso em: 08 mar. 2023.
- NISHITA, C.; BROWNE, C. Advancing research in transitional care: Challenges of culture, language and health literacy in Asian American and native Hawaiian elders. **Journal of Health Care for the Poor and Underserved**, v. 24, n. 1, p. 404–418, 2013.
- NOVAES, R. H. L. Os asilos de idosos no Estado do Rio de Janeiro: Repercussões da (não) integralidade no cuidado e na atenção à saúde dos idosos. 2003. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003
- OKAMOTO, M. S. a Educação Ultracionalista Japonesa No Pensamento Dos Nipo-Brasileiros. **História da Educação**, v. 22, n. 55, p. 225–243, 2018.
- OKAMOTO, M. S.; NAGAMURA, Y. Burajiru Jihô ( Notícias do Brasil ) e Nippak Shimbun ( Jornal Nipo-brasileiro ): os primeiros tempos dos jornais japoneses no Brasil ( 1916-1941 ). **Revista Escritos**, v. 9, n. 9, p. 147–179, 2015.
- ÖLSCHLEGER, H. D. Japanese Minorities in the Americas. Em: MOHWALD, J. K. U.; ÖLSCHLEGER, H. D. (Eds.). **Modern Japanese Society**. Leiden, Boston: Brill, 2003. p. 525–548
- OLSON, L. K. **Age Through Ethnic Lenses: Caring for the Elderly in a Multicultural Society**. Boston: Rowman & Littlefield, 2001.
- OXLUND, B. Advances in Life Course Research The life course in a migrating world : Hybrid scripts of ageing and imaginaries of care. **Advances in Life Course Research**, n. July 2017, p. 0–1, 2018.
- PARK, R. E., BURGESS, E. W., MCKENZIE, R. D. (1925). **The city**. Chicago: Chicago University Press.
- PEREIRA, N. DE O. M.; OLIVEIRA, L. A. P. DE. Trajetória dos imigrantes japoneses no Brasil Censo Demográfico 1920/20001. Em: IBGE (Ed.). Resistência & integração 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: p. 32–53, 2008.
- PHELAN, E. A. et al. Older Adults’ Views of “Successful Aging”: How Do They Compare with Researchers’ Definitions? **J Am Geriatr Soc**, v. 52, n. 2, 2004.
- PHILLIPSON, C. Placing ethnicity at the centre of studies of later life: Theoretical perspectives and empirical challenges. **Ageing and Society**, v. 35, n. 05, p. 917–934, 2015.
- PORTO, M. C. C. DE S. **O projeto comunicacional do Bunkyo e a construção da narrativa nipo-brasileira**. Tese Pós- Graduação em Ciências da Comunicação Universidade de São Paulo, 2018.
- REGNIER, V. **Housing Design for an Increasingly Older Popilation**. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2018
- RODRIGUEZ-GALAN, M. The Ethnography of Ethnic Minority Families and Aging: Familism and Beyond. Em: WHITFIELD, K.; BAKER, T. (Eds.). **Handbook of Minority Aging**. New York: Springer Publishing Company, LLC, 2013. p. 435–453.

- ROSENDAHL, S. P., SÖDERMAN, M., MAZAHERI, M. Immigrants with dementia in Swedish residential care: An exploratory study of the experiences of their family members and nursing staff. **BMC Geriatrics**, 16, 1–12, 2016.
- ROWE, J. W., KAHN, R. L. **Successful aging**. New York: Pantheon. SAS Institute, Inc. 1997
- ROWLES H., CHAUDHURY (Eds.), **Home and Identity in Late Life: International Perspectives** (pp. 21-45). New York: Springer. 2006
- ROWLES, G.D., BERNARD M.B. **Environmental Gerontology: Making Meaningful Places in Old Age**. Springer Publishing Company. 1ed. 336p. 2013
- RUNCI, S. J. et al. Comparison of Family Satisfaction in Australian Ethno-Specific and Mainstream Aged Care Facilities. **Journal of Gerontological Nursing**, 6 jan. 2014.
- RUNCI, S. J.; EPPINGSTALL, B. J.; CONNOR, D. W. O. A comparison of verbal communication and psychiatric medication use by Greek and Italian residents with dementia in Australian ethno-specific and mainstream aged care facilities. **International Psychogeriatrics**, v. 24, n. 5, p. 733–741, 2012.
- SAITO, H. **O Japonês no Brasil**. São Paulo: Sociologia e Política, 1961.
- SAKURAI, C. Dos passageiros do Kasato Maru aos aviões da Varig: quem eram os imigrantes?. Em: IBGE (Ed.). **Resistência & integração 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: [s.n.]. p. 122–135, 2008.
- SAKURAI, C. **Romanceiro da imigração japonesa**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1992.
- SANTELE, O.; LEFÈVRE, A. M. C.; CERVATO, A. M. Alimentação institucionalizada e suas representações sociais entre moradores de instituições de longa permanência para idosos em São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saude Publica**, v. 23, n. 12, p. 3061–3065, 2007.
- SBCJ, Sociedade brasileira de cultura japonesa. Uma Epopéia Moderna - 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. São paulo: HUCITEC, 1992
- SBGG, Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Nota de falecimento Tomiko Born. **SBGG**, 2021. Disponível em: <https://sbgg.org.br/nota-de-falecimento-tomiko-born/>. Acesso em: 08 mar. 2023.
- SEYFERTH, G. Imigração, colonização e identidade étnica. **Revista de Antropologia**, v. 29, n. 29, p. 57–71, 1986.
- SILVA, A. C. L. DA et al. Sensações do morar e a concretização de moradia para idosos egressos de um albergue. **Caderno Temático Kairós Gerontologia**, v. 8, p. 169–193, 2010.
- SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, n. 1, p. 155–168, 2008.
- SMITH, D. B. et al. Separate and unequal: Racial segregation and disparities in quality across U.S. nursing homes. *Health Affairs*, 26, 1448–1458. 2007 doi:10.1377/hlthaff.26.5.1448.
- SOUZA, C. R. F. de; INÁCIO, A. das N. Entre os muros do abrigo: compreensões do processo de institucionalização em idosos abrigados. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 1, p. 209–223, 2017.
- STAKE, R. E. **Investigacion con estudios de casos**. 2. ed. Madrid: EDICIONES MORATA, 1999.
- TAVARES, A.P. Comida afetiva: uma expressão de gosto, hospitalidade e memória. Dissertação (Mestrado profissional em turismo), Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32829/1/2018\\_AdrianoPereiraTavares.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32829/1/2018_AdrianoPereiraTavares.pdf) acesso em 09/02/2023

- TEIXEIRA, I. N. D. O.; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicologia USP**, v. 19, n. 1, p. 81–94, mar. 2008.
- TESCH-RÖMER, C.; WAHL, H. W. Toward a more comprehensive concept of successful aging: Disability and care needs. **Journals of Gerontology - Series B Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 72, n. 2, p. 310–318, 2017.
- TORRES, S. Expanding the gerontological imagination on ethnicity: Conceptual and theoretical perspectives. **Ageing and Society**, 2015.
- TROYER, J. L.; MCAULEY, W. J.. Environmental Contexts of Ultimate Decisions: why white nursing home residents are twice as likely as african american residents to have an advance directive. *The Journals Of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, [S.L.], v. 61, n. 4, p. 194-202, 1 jul. 2006. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/geronb/61.4.s194>.
- TSUDA, T. Homeland-less Abroad: Transnational liminality, Social Alienation, and Personal Malaise. Em: LESSER, J. (Ed.). **Searching for home abroad: Japanese Brazilians and transnationalism**. 1. ed. Durham: Duke University Press, 2003. p. 215.
- TSUDA, T. The Benefits of Being Minority: The Ethnic Status of the Japanese Brazilians in Brazil. **The Center for Comparative Immigration Studies: Working Paper**, 21, n. May, 2000.
- TSUDA, T. The Permanence of " Temporary " Migration : The " Structural Embeddedness " of Japanese-Brazilian Immigrant Workers in Japan. **The Journal of Asian Studies**, v. 58, n. 3, p. 687–722, 1999.
- UM, S.; SATHIYAMOORTHY, T.; ROCHE, B. **The Cost of Waiting for Long-Term Care : Findings from a Qualitative Study**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.wellesleyinstitute.com/wp-content/uploads/2021/01/The-Cost-of-Waiting-for-LTC-Findings-from-a-Qualitative-Study.pdf>>.
- VASUNILASHORN, S. et al. Aging in place: Evolution of a research topic whose time has come. **Journal of Aging Research**, v. 2012, 2011.
- WAHL, H. W. Environmental influences on aging and behavior. Em: BIRREN, J. E.; SCHAIE, K. W. (Eds.). **Handbook of the psychology of aging**. San Diego: Academic Press, 2001. p. 215–237.
- WAHL, H. W.; IWARSSON, S.; OSWALD, F. Aging well and the environment: Toward an integrative model and research agenda for the future. **Gerontologist**, v. 52, n. 3, p. 306–316, 2012.
- WAHL, H. W.; WEISMAN, G. D. Environmental Gerontology at the Beginning of the New Millennium: Reflections on Its Historical, Empirical, and Theoretical Development. **Gerontologist**, v. 43, n. 5, p. 616–627, 2003.
- WINGFIELD-HAYES, R. Akihito, o imperador que tentou curar cicatrizes da guerra e humanizou trono do Japão. **BBC News Brasil**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48091369>. Acesso em: 07 maio 2023.
- YAMASHITA, K. T. Circle K Rules. Em: LESSER, J. (Ed.). **Searching for home abroad: Japanese Brazilians and transnationalism**. 1. ed. Durham: [s.n.]. p. 67–74, 2003.
- YANAGISAKO, S. J. Explicating Residence: A Cultural Analysis of Changing Households among Japanese-Americans. Em: NETTING, R. MCC.; WILK, R. R.; ARNOULD, E. J. (Eds.). **Households Comparative and Historical Studies of the Domestic Group**. Berkley and Los Angeles, California: [s.n.]. p. 330–351, 1984.
- YANAGISAKO, S. J. **Transforming the Past: Tradition and Kinship among Japanese Americans**. Stanford, California: Stanford University Press, 1992.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA FUNCIONÁRIOS E VOLUNTÁRIOS

### ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS COM FUNCIONÁRIOS

#### Introdução

- Apresentação da pesquisa:

Sou estudante da Pós Graduação de Língua Literatura e Cultura Japonesa, da Universidade de São Paulo - USP, estou realizando uma pesquisa chamada: **Etnicidade como elemento da ambiência em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos Nikkei**

O objetivo da pesquisa: **descrever e analisar como a cultura japonesa está presente no Ikoi no Sono** e, desta forma, compreender a relevância dos elementos étnicos e culturais para o bem estar dos idosos e das pessoas que trabalham na instituição.

- Apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e solicitação de permissão para gravar a entrevista.

- A participação no estudo é voluntária e você tem a liberdade de não responder a qualquer pergunta ou de interromper a entrevista a qualquer momento
- Seu nome e conteúdo da entrevista são sigilosos. Não irei compartilhar ou colocar no documento final nenhuma transcrição direta na dissertação ou em artigos.
- Se você autorizar, eu gostaria de gravar nossa entrevista. As gravações e transcrições serão armazenadas no computador do pesquisador durante o tempo da pesquisa e serão descartadas ao final da pesquisa.
- O principal benefício esperado da pesquisa é o levantamento de pontos positivos e pontos de melhoria nas práticas asilares da instituição pesquisada em particular e das instituições étnicas ou multiculturais em geral.
- Se você tiver qualquer dúvida durante ou após a entrevista você pode entrar em contato comigo.

#### Como funcionará a entrevista:

- A entrevista terá 4 partes:

A primeira na qual vou pegar seus dados básicos como escolaridade etc.

A segunda sobre um contexto geral a instituição e seu trabalho nela

A terceira parte que é sobre o foco da pesquisa propriamente dito, sobre cultura e os elementos culturais presentes no Ikoi no Sono.

A quarta e última parte que é para tirar dúvidas e planejar as próximas entrevistas.

#### Parte 1: Dados Básicos:

- Nome:

- Idade:

- Sexo: M ( ) F ( ) outro ( )

- Nível de escolaridade:

1. Ensino fundamental incompleto ( )
2. Ensino fundamental completo ( )
3. Ensino médio/técnico incompleto ( )
4. Ensino médio/técnico completo ( )
5. Ensino superior completo ( )
6. Ensino superior incompleto ( )

- Trabalha na instituição há quanto tempo:
- Função/ cargo:
- Você pode me contar brevemente quais são suas atribuições?

### **1.1 Perguntas introdutórias e de contexto:**

1. Como começou a trabalhar no Ikoi no Sono (Ikoi)? Quais foram suas primeiras impressões?  
Se necessário:
  - a) Houve algum estranhamento ou dificuldade?
  - b) Você sabia que a instituição era da comunidade japonesa quando veio trabalhar aqui?
2. Você já havia trabalhado com idosos antes? Sim ( ) Não ( )
3. Você é descendente de japonês? Sim ( ) Não ( )
4. Conhecia ou tinha proximidade com a cultura japonesa antes de trabalhar na instituição? Sim ( ) Não ( )

### **Parte 2: Sobre a Instituição e ambiência em geral**

5. Qual sua opinião (geral) sobre o Ikoi no Sono?
  - 5.1. Qual é o grande diferencial do Ikoi no Sono? Quais os pontos fortes (Ambiente físico, alimentação, atividades)?
  - 5.2. O que/ como poderia melhorar? (e em termos do ambiente físico há algo a melhorar?)
6. Sobre o espaço físico
  - 6.1. Como são os quartos que os idosos moram? São padronizados?
  - 6.2. Como foi sendo construído o espaço físico do ikoi? O que privilegiaram nas construções das novas alas? Seguiram exigências da vigilância sanitária etc?
  - 6.3. Temperatura
  - 6.4. Sobre elementos e equipamentos de segurança. (barras, piso etc) Há elementos físicos que auxiliam na autonomia dos idosos?
7. Na sua opinião o que os idosos residentes mais valorizam no Ikoi?
8. Na sua opinião, quais são os principais motivos para os residentes ou seus familiares escolherem o Ikoi?
9. Como é quando entra um novo residente na casa?
10. Quais são os principais desafios para o Ikoi no Sono?

#### **Parte 2.1: Sobre o trabalho com os idosos e as relações de trabalho:**

11. Como é o cuidado/ trabalho com os idosos residentes na instituição?
  - a) É possível atender de alguma maneira as preferências dos residentes em termos de hábitos, preferências, horários distintos etc?
  - b) Na sua percepção os idosos residentes tem trajetórias de vidas muito distintas?
12. Como é o dia a dia do seu trabalho? Quais suas principais atribuições?
  - a) O que facilita seu trabalho aqui?
  - b) O que dificulta? O que poderia melhorar? (em termos de elementos físicos ou sociais)
  - c) É possível sugerir mudanças ou melhorias na instituição? Como funciona?

### **Parte 3: Sobre etnicidade e cultura:**

13. Quais elementos da cultura japonesa estão presentes na instituição?
  - a) Eventos, Rituais, Costumes
  - b) Forma de trabalhar
  - c) E no ambiente físico, há algo característico?
14. Como é para você trabalhar em uma instituição da comunidade japonesa? No dia a dia você nota essas questões da cultura japonesa presentes?

14.1. Se necessário: A presença de funcionários não japoneses altera de alguma maneira o ambiente da instituição? Mudaram os comportamentos, eventos, rituais?

**Futuro:**

15. Na sua opinião, como seria para a instituição receber um idoso não descendente ou que desconhece totalmente a cultura japonesa? (a aparência poderia ser um uma questão?) Isto afetaria seu trabalho de alguma maneira?
16. Qual a importância para o Ikoï continuar mantendo esse caráter estritamente japonês? ou Nikkei? Como você imagina o futuro da instituição?

**Encerramento:**

Existem outras coisas importantes para você sobre as quais eu não fiz perguntas? Por favor, sinta-se à vontade para contar sobre outras ideias ou pensamentos.

**OBRIGADO/A PELO SEU TEMPO E SUA AJUDA NESTE PROJETO!**

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA FAMILIARES

### ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS COM FAMILIARES

#### Introdução

- Apresentação da pesquisa.
- Apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e solicitação de permissão para gravar a entrevista.

#### Dados Básicos:

- Nome:
- Idade:
- Sexo: M ( ) F ( ) outro ( )
- Nível de escolaridade:
  - 7. Ensino fundamental incompleto ( )
  - 8. Ensino fundamental completo ( )
  - 9. Ensino médio/técnico incompleto ( )
  - 10. Ensino médio/técnico completo ( )
  - 11. Ensino superior completo ( )
  - 12. Ensino superior incompleto ( )
- Qual a sua renda mensal, aproximadamente?
  - (A) Nenhuma renda.
  - (B) Até 1 salário mínimo (até R\$ R\$ 1.101,95).
  - (C) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.101,95 até R\$ 3.305,85).
  - (D) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.305,85 até R\$ 6.611,7).
  - (E) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 6.611,7 até R\$ 9.917,55).
  - (F) De 9 a 15 salários mínimos (de R\$ 9.917,55 até R\$ 16.529,25).
  - (G) Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 16.529,25)
- Qual sua relação de parentesco com o/a residente da instituição?
- Que idade tem? De qual geração é? (Issei, nissei, sansei)
- Quanto tempo o/a residente mora na instituição?
- De onde é sua família (qual estado)?

#### Histórico:

17. Como foi o processo de decisão de colocar esse parente no Ikoi no Sono (Ikoi)? (Já conheciam a instituição? Pesquisaram outras? O que fez mais diferença na decisão? Como foi a participação do idoso nesse processo?)
  - a) O fato de ser da comunidade japonesa fez muita diferença nesta decisão? por quê?
18. Como o parente morava antes de ir para a instituição?

#### Sobre a instituição e ambiência em geral

19. O que você acha do Ikoi? Como avalia a instituição?
20. Qual é o grande diferencial do Ikoi? Quais os pontos fortes (Ambiente físico, alimentação, atividades)?
21. O que/como poderia melhorar?
22. Na sua opinião o que o seu familiar mais valoriza no Ikoi?
23. Quais são os principais desafios atuais para o Ikoi?

#### Sobre o trabalho com os idosos e as relações de trabalho:

24. Como é o cuidado/ trabalho com os idosos residentes?
  - a) O que você acha da equipe de cuidadores? (são atenciosos? trabalham bem juntos há muitos conflitos?)
  - b) E os demais profissionais?
  - c) E da Gestão?

#### Sobre etnicidade e cultura:

25. Resumidamente, na sua visão, quais são os PRINCIPAIS elementos da cultura japonesa ou nikkei?
26. Quais elementos da cultura japonesa você percebe presentes na instituição?
  - a) Eventos, Rituais, Costumes, (mudou muito ao longo dos anos?)
  - b) Forma de trabalhar
27. Quais destes você valoriza (considera mais importante de manter) na instituição? Por quê?
28. Quais eventos ou elementos você acredita que seu parente mais valoriza? Por quê?

29. Você acredita que estes elementos da cultura japonesa impactam no bem estar e qualidade de vida do seu parente na instituição?
30. Qual a sua percepção sobre o fato do Ikoj ter muito funcionário não nikkei? Você enxerga alguma influência disso sobre o dia a dia da instituição e sobre o bem estar e qualidade de vida do seu parente?
31. Na sua opinião, como seria para a instituição receber um idoso não descendente ou que desconhece totalmente a cultura japonesa?

**Encerramento:**

16. Existem outras coisas importantes para você sobre as quais eu não fiz perguntas? Por favor, sinta-se à vontade para contar sobre outras ideias ou pensamentos.

**OBRIGADO/A PELO SEU TEMPO E SUA AJUDA NESTE PROJETO!**

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Larissa Sonoda Dantas, do programa de Pós-graduação de Língua Literatura e Cultura Japonesa, da Universidade de São Paulo - USP, estou realizando uma pesquisa chamada: Etnicidade como elemento da ambiência em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos Nikkei. Temos como objetivo: descrever e analisar como a cultura japonesa está presente na ambiência de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) da comunidade nipo-brasileira. Desta forma compreender como a cultura de uma instituição para idosos é construída e qual a relevância dos elementos étnicos e culturais nos hábitos e processos de trabalho dos gestores, colaboradores, voluntários e residentes da instituição.

Para tanto, gostaríamos que participasse desta pesquisa, na qual nos comprometemos a seguir a portaria do Conselho Nacional de Saúde CNS 510/16 relacionada à Pesquisa com Seres Humanos respeitando o seu direito de:

1. Ter liberdade de participar ou deixar de participar do estudo, sem que isso lhe traga algum prejuízo dentro da Instituição;
2. Manter o seu nome em sigilo absoluto, sendo que o que disser não lhe resultará em qualquer dano à sua integralidade;
3. Interromper a participação na pesquisa caso se sinta incomodado (a) com a mesma;
4. Responder às perguntas da entrevista, dentro da instituição, com horário e data mais conveniente para a(o) participante.
  - 4.1 O tempo previsto da entrevista será de 60 minutos (esse tempo não inclui tempo para leitura e assinatura do presente termo de consentimento livre e esclarecido);
  - 4.2 O áudio da entrevista somente será gravado se você autorizar; o conteúdo dessas gravações não será publicado em nenhum formato sem a sua autorização. Antes de qualquer publicação do conteúdo dessas entrevistas elas serão transcritas e enviadas para aprovação do entrevistado. As gravações e transcrições serão armazenadas em computador do pesquisador durante o tempo da pesquisa e serão descartadas ao final da pesquisa.
  - 4.3 Em caso da não possibilidade da realização da entrevista presencialmente, em função da necessidade do distanciamento social ocasionado pela Covid-19, a entrevista poderá ser realizada por telefone ou ambiente virtual (Whatsapp, Zoom ou Google Meet);
5. Receber uma resposta a alguma dúvida durante ou após a entrevista, sempre que precisar de qualquer tipo de esclarecimento e quiser ter acesso ao andamento da pesquisa;
6. Estar ciente de que a participação é voluntária, não havendo qualquer tipo de remuneração. Também não haverá qualquer despesa com a realização dos procedimentos previstos neste estudo;
7. Estar ciente de que o principal benefício esperado da pesquisa é o levantamento de pontos positivos e pontos de melhoria nas práticas asilares da instituição pesquisada em particular e das instituições étnicas ou multiculturais em geral.
8. Garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

9. Ser esclarecida(o) de que essa pesquisa poderá trazer risco mínimo de ordem psicológica ao participante, como sentir-se emocionada(o) ou aborrecida(o) com a pergunta. Caso isso aconteça, a entrevista será, imediatamente, interrompida;

10. Saber que este Termo terá duas cópias, sendo que uma será entregue para a(o) participante da pesquisa. Caso o termo seja entregue virtualmente, é importante que o participante guarde em seus arquivos uma cópia deste documento.

\_\_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora

\_\_\_\_\_

Assinatura da(o) Participante

Deixamos o telefone para contato: (11) 99353-8223 - Larissa Sonoda Dantas e 3091-1046 (Sr. Luis) do CEP-EACH-USP, para que possa obter mais esclarecimentos ou informações sobre o estudo.

Informamos que as respostas do questionário farão parte de dados de uma pesquisa científica e será apresentada em congressos e publicadas em revistas científicas, no sentido de contribuir para a melhoria da qualidade da assistência prestada.

Obrigada pela atenção.

São Paulo, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora

Declaro que, após ter entendido a explicação feita pelo pesquisador, concordo em participar do presente Projeto de Pesquisa e que estou recebendo uma cópia deste Termo.

\_\_\_\_\_

Assinatura da(o) Participante

CEPH - Endereço: Rua do Iago, 717 - sala 110, Prédio da Administração da FFLCH - CEP 05508-080 - Cidade Universitária - São Paulo/SP

CEP-EACH: Endereço: Av. Arlindo Bétio, 1000 – Bairro Ermelino Matarazzo – Cep 05508-000 – São Paulo – SP - Tel: 3091-1046 - e-mail: cep-each@usp.br

## **ANEXO A – CALENDÁRIO IKOI-NO-SONO**

ASSISTENCIA SOCIAL DOM JOSE GASPAR  
DATAS DE EVENTOS INTERNOS

### **JANEIRO**

- 01/01- KARUTA TORI
- 02/01-CERIMONIA DE CHA. E ESCRITA JAPONESA ( KAKIZOME)
- 03/01- FUKUARAI
- KISSA- LANCHE DA TARDE ESPECIAL
- BAITEN -VENDAS PARA IDOSOS

### **FEVEREIRO**

- CARNAVAL
- KISSA- LANCHE DA TARDE ESPECIAL
- BAITEN - VENDAS PARA IDOSOS

### **MARÇO**

- 3/03- DIA DAS MENINAS NO JAPAO ( HINAMATSURI)
- COMEMORAÇÃO ANIVERSARIANTES DE JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO
- KISSA- LANCHE DA TARDE ESPECIAL
- BAITEN - VENDAS PARA IDOSOS

### **ABRIL**

- PÁSCOA
- KISSA- LANCHE DA TARDE ESPECIAL
- BAITEN - VENDAS PARA IDOSOS

### **MAIO**

- 05/05- DIA DOS MENINOS NO JAPAO- HASTEAMENTO DO KOINOBORI (CARPAS}
- UNDOKAI - GINCANA ESPORTIVA
- KISSA- LANCHE DA TARDE ESPECIAL
- BAITEN - VENDAS PARA IDOSOS

### **JUNHO**

- FESTA JUNINA
- ANIVERSARIANTES DE ABRIL, MAIO E JUNHO
- KISSA- LANCHE DA TARDE ESPECIAL
- BAITEN - VENDAS PARA IDOSOS

### **JULHO**

- 7/07 – CELEBRAÇÃO FOLCLORICA TANABATA MATSURI (FESTIVAL DAS ESTRELAS)
- ENFEITE DE VASOS COM BAMBUS C/ PEDIDOS ESCRITOS NO PAPEL
- KISSA- LANCHE DA TARDE ESPECIAL

- BAITEN - VENDAS PARA IDOSOS

## **AGOSTO**

- ALMOÇO ESPECIAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DOS PAIS 26/8
- DIA DO CUIDADOR VOLUNTÁRIO
- KISSA- LANCHE DA TARDE ESPECIAL
- BAITEN -VENDAS PARA IDOSO

## **SETEMBRO**

- ANIVERSARIANTES DE JULHO, AGOSTO E SETEMBRO
- BINGO
- KISSA- LANCHE DA TARDE ESPECIAL
- BAITEN -VENDAS PARA IDOSOS

## **OUTUBRO**

- 1/10- DIA INTERNACIONAL DA PESSOA IDOSA
- KISSA- LANCHE DA TARDE ESPECIAL
- BAITEN -VENDAS PARA IDOSOS

## **NOVEMBRO**

- 19/11- KOHAKU UTAGASSEN - KARAOKE ( IDOSOS E COLABORADORES)
- TIMES VERMELHO E BRANCO
- KISSA - LANCHE DAT ARDE ESPECIAL
- BAITEN - VENDAS PARA IDOSOS

## **DEZEMBRO**

- 17 /12 - ANIVERSARIANTES DE OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO
- 25/12- NATAL
- KISSA- LANCHE DA TARDE ESPECIAL
- BAITEN - VENDAS PARA IDOS